UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

MARINA DE SOUZA TEIXEIRA

RUMO AO HEXA: ANÁLISE DAS CRÔNICAS ESPORTIVAS PUBLICADAS PELA FOLHA DE SÃO PAULO NAS COPAS DE 2006 E 2010

Salvador

2013

MARINA DE SOUZA TEIXEIRA

RUMO AO HEXA: ANÁLISE DAS CRÔNICAS ESPORTIVAS PUBLICADAS PELA FOLHA DE SÃO PAULO NAS COPAS DE 2006 E 2010

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação com Habilitação em Jornalismo, pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Orientador: Prof.º Dr. Giovandro Marcus Ferreira

Salvador

2013

Aos meus pais, as pessoas mais insistentes do mundo.

TEIXEIRA, Marina de Souza. *Rumo ao hexa*: análise das crônicas esportivas publicadas pela Folha de São Paulo nas copas de 2006 e 2010. __ f. il. 2013. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 2013.

RESUMO

O trabalho de conclusão de curso a seguir visa analisar, por meio dos instrumentos oferecidos pela Análise de Conteúdo e da Análise do Discurso, a abordagem da Seleção Brasileira de Futebol pelas crônicas esportivas publicadas pelo jornal Folha de São Paulo nas copas de 2006 e 2010. Através de uma análise dos temas mais citados e discutidos no percurso cronológico dos textos publicados durante a campanha do Brasil nas duas copas, o presente trabalho pretende mostrar que o discurso em torno do desempenho da seleção mudou nos últimos anos, passando de uma abordagem externa às questões esportivas para uma discussão mais específica, centralizada no futebol. Essa mudança na abordagem da crônica esportiva está relacionada tanto com a mudança na cobertura do jornalismo esportivo no Brasil, que influenciou na mudança do estilo da crônica, quanto com as necessidades do seu público-alvo, um leitor que além de consumir a informação, tem uma relação mais passional com o esporte, denominado "leitor-torcedor".

Palavras-chave: Análise do Discurso, Análise de Conteúdo, futebol, Folha de São Paulo, crônica esportiva, jornalismo esportivo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 7

2. ABORDAGEM DA SELEÇÃO BRASILEIRA PELO JORNALISMO ESPORTIVO 8

2.1 Breve histórico: jornalismo esportivo no Brasil 9

2.1.1. Breve histórico: cobertura do jornalismo esportivo nas copas do mundo 14

3. PERCURSO METODOLÓGICO.....15

3.1. Corpus 15

3.2. Fundamentação teórica 16

3.2.1 Autores, copa de 2006 19

3.2.2 Autores, copa de 2010 25

3.3. Público-alvo: Leitor-torcedor 32

4. A CONSTRUÇÃO TEMÁTICA DA SELEÇÃO BRASILEIRA NA COPA DO MUNDO DE 2006 33

4.1. 13/06, Brasil x Croácia: expectativas positivas sobre a estreia 33

4.2. 14/06, Brasil 1x0 Croácia: Otimismo diminui 34

4.3. 18/06, Brasil x Austrália: esperança de um desempenho mais convincente.....35

4.4. 19/06, Brasil 2x0 Austrália: mais uma vitória sem brilho.....36

4.5. 22/06, Brasil x Japão: possíveis mudanças na escalação.....38

4.6. 23/06, Brasil 4x1 Japão: melhor atuação brasileira na Copa 39

4.7. 27/06, Brasil x Gana: pouco destaque antes do jogo 40

4.8. 28/06, Brasil 3x0 Gana: vitória decepcionante 41

4.9. 01/07, Brasil x França: otimismo dos cronistas 43

4.10. 02/07, Brasil 0x1 França: derrota e decepção.....44

5. A CONSTRUÇÃO TEMÁTICA DA SELEÇÃO BRASILEIRA NA COPA DO MUNDO DE 2010 47

5.1. 15/06, Brasil x Coreia do Norte: destaque para o Dunga 47

5.2. 16/06, Brasil 2x1 Coreia do Norte: estreia ruim 50

5.3. 20/06, Brasil x Costa do Marfim: maior foco em Dunga 53

5.4. 21/06, Brasil 3x1 Costa do Marfim: boa atuação do Brasil 55

5.5. 25/06, Brasil x Portugal: analisando o adversário 58

5.6. 26/06, Brasil 0x0 Portugal: empate decepcionante 60
5.7. 28/06, Brasil x Chile: poucas crônicas e análise do adversário 62
5.8. 29/06, Brasil 3x0 Chile: vitória incontestável 63
5.9. 02/07, Brasil x Holanda: cautela e equilíbrio 65
5.10. 03/07, Brasil 0x1 Holanda: perspectiva “otimista” da derrota 68

6. CONCLUSÃO 72

REFERÊNCIAS 77

ANEXOS 79

1. Introdução

O futebol está presente na minha vida desde muito cedo. Os meus pais sempre gostaram do esporte bretão, e me incentivavam a assistir aos jogos junto a eles. Durante as copas do mundo, víamos as partidas juntos, torcíamos a uma só voz, elogiávamos e criticávamos. Aprendi os conceitos básicos do futebol nas conversas com eles e não raro nossas discussões futebolísticas se tornavam mais exaltadas.

Quando entrei na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, logo nos primeiros semestres percebi que a minha relação próxima com o futebol era o motivo para escolher trabalhar na área esportiva assim que eu me formasse. Por isso, fazer o trabalho de conclusão do curso de Comunicação com Habilitação em Jornalismo tratando do esporte bretão era um caminho óbvio na minha jornada como estudante e futura profissional da área.

O presente trabalho vai analisar as crônicas esportivas publicadas no caderno de esportes do jornal Folha de São Paulo, durante as copas de 2006 e 2010, em dois períodos distintos da trajetória da Seleção Brasileira de Futebol. O objetivo é provar, através da análise desses textos, que a abordagem dos cronistas em relação à equipe vem sendo norteada pela crítica essencialmente futebolística, deixando em segundo plano – ou mesmo abandonando – os aspectos exteriores ao esporte bretão, a exemplo da associação do futebol brasileiro como identidade da nação, como explicam novamente Helal, Cabo e Silva:

> A seleção brasileira tornou-se [...] uma referência do Brasil não só para os cidadãos apaixonados por futebol, mas para a própria identificação da imagem da nação no exterior. (2009, p.15)

Para tanto, vou revisitar as crônicas, fazendo uma análise temática dos assuntos mais discutidos nos textos publicados antes e depois dos jogos do Brasil nas duas competições, recorrendo aos instrumentos oferecidos por teorias de Análise de Conteúdo e de uma maneira mais limitada, da Análise do Discurso.

2. Abordagem da Seleção Brasileira pelo jornalismo esportivo

A cada quatro anos, pessoas ao redor do mundo voltam os olhos a um campo de futebol para acompanhar os melhores jogadores distribuídos por 32 seleções numa competição chamada Copa do Mundo. Não é diferente no Brasil, conhecido como "país do futebol", o local onde se joga o futebol-arte, o estilo bonito, que visa o gol, pautado pelo individualismo do gênio da bola, que encanta nativos e estrangeiros há anos.

Esse encantamento é potencializado pela abordagem do futebol pela imprensa esportiva, que não apenas informa o que acontece antes, durante e depois das partidas, como também ganha contornos de maior proximidade com o leitor, o que torna a área do jornalismo esportivo diferente de outras editorias de um jornal. Essa proximidade é maior ainda por meio das crônicas esportivas, que se desenvolveram no Brasil fortemente ligadas ao futebol – como destaca Helal, Cabo e Silva: "Quando falamos em esporte, estamos falando de futebol, pois no Brasil esporte e futebol são sinônimos" (2009, p.7). A crônica esportiva acaba permitindo ao jornalista uma liberdade maior na construção do seu texto, uma visão mais pessoal sobre determinada situação, porém influenciada pelo ambiente histórico em que ele (e o leitor) está inserido.

Por isso, a abordagem do desempenho da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo ganha contornos diferentes com o passar dos anos. O Brasil, que antes da competição é sempre criticado e visto com desdém pelo próprio brasileiro – um comportamento associado ao "complexo de vira-latas" cunhado por Nelson Rodrigues nos anos 50 – ao chegar na Copa se torna a representação do que há de melhor do país, superando os limites da abordagem apenas esportiva da competição e se tornando uma representação da nação. Se o Brasil ganha a Copa, ganha a seleção e ganhamos nós, como brasileiros. Quando a seleção perde, todos perdemos como torcedores e parte de uma nação – voltamos à nossa condição de "país de terceiro mundo". Derrotas históricas como a final de 1950, Copa do Mundo realizada dentro do Brasil; e a chamada "tragédia do Sarriá", eliminação brasileira diante da Itália por 3x2 na Copa de 1982, realizada na Espanha, são descritas como "históricas" não apenas pela característica surpreendente de como aconteceram – na primeira, havia uma confiança no título brasileiro por causa da excelente campanha em todas as fases do torneio[1]; na segunda, o Brasil tinha, além de uma boa campanha, um futebol que acabou encantando o mundo, liderado por Zico,

[1] MBPress.**HowStuffWorks - O Brasil na Copa do Mundo de 1950.** dez 2008. Disponível em <http://esporte.hsw.uol.com.br/brasil-copa-19501.htm>. Acesso em 09 mar 2013.

Sócrates e Júnior[2] - mas também por causa da dimensão nacional, de drama e tragédia, que essas decepções foram construídas pela imprensa.

Até mesmo as vitórias brasileiras – especialmente o tricampeonato em 1970, capitaneado pelo slogan "Pra frente Brasil", também associado à ditadura militar – tiveram esse caráter representativo não apenas da superioridade do Brasil como um grande time de futebol, mas do Brasil como nação. A cada quatro anos, somos o " primeiro mundo", nem que seja no aspecto esportivo.

No entanto, tal abordagem vem mudando com o passar das Copas. O jornalismo esportivo e as crônicas, mesmo com algumas exceções, estão deixando a abordagem mais nacionalista e associativa da "Seleção Brasileira = Brasil (país)" para uma cobertura que destaca os aspectos específicos da campanha do "escrete canarinho" nas competições. Especialmente nas últimas edições da Copa do Mundo, realizadas em 2006 e 2010 na Alemanha e na África do Sul respectivamente, a construção do discurso entre os jornalistas e cronistas esportivos é associado ao desempenho brasileiro nos jogos, o quão bem ou mal determinado atleta jogou a partida e as escolhas táticas do técnico.

Antes de tematizar os assuntos discutidos pelas crônicas esportivas publicadas pela Folha de São Paulo nas duas últimas copas, é importante traçar um breve panorama da história do jornalismo esportivo no Brasil

2.1 Breve histórico: jornalismo esportivo no Brasil

O jornalismo esportivo no Brasil teve que abrir o próprio espaço na mídia impressa. Não foi fácil para quem tinha interesse na atividade esportiva ver o assunto discutido nos jornais. Nos primeiros anos do século XX, não havia sequer cadernos de esporte nas grandes publicações. Alguns dos motivos seriam o espaço pequeno que o esporte recebia nos veículos impressos, e o preconceito de uma parte da imprensa que não considerava essa atividade uma "área nobre" dentro do jornalismo em geral. Paulo Vinícius Coelho, em seu livro "Jornalismo Esportivo", apresenta outro motivo para a pouca repercussão do esporte nos jornais impressos: "só aqueles de menor poder aquisitivo poderiam consumir esse tipo de

[2] "Futebol-arte" emperra no momento decisivo, e Seleção fica sem o título mundial. **Copa do Mundo 2010 – História das Copas. Uol, 2010**. Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/2010/historia-das-copas/1982-espanha/brasil-na-copa/>. Acesso em 09 mar 2013.

informação". Ou seja, o esporte – em especial o futebol – era acompanhado pelas camadas mais pobres da população.

Como a área esportiva do jornalismo, nos anos 20 e 30, ainda era vista com desdém pelos setores considerados "mais nobres", os jornalistas desse período eram mal-remunerados e trabalhavam em todas as frentes, no espaço que lhes era colocado dentro do jornal. Podemos confirmar essa face "amadora" do trabalho dos jornalistas esportivos por meio de Stycer (2007), tomando como base o depoimento de Adriano Neiva, sobre o início dessa atividade no Brasil.

> As funções não eram fixas nem, muito menos, compensadoramente remuneradas. A maioria dos "cronistas" trabalhava de graça, só para ter o ensejo de escrever em jornal, já que essa era a sua inclinação [...] O redator profissional, mas que fazia da imprensa um simples "bico", tanto podia ser "cronista" de esportes no domingo, como redator policial na segunda-feira, crítico teatral na terça, repórter de rua na quarta, observador político na quinta ou – o que não era raro – tudo isso ao mesmo tempo... Não havia especialização. (Neiva apud STYCER, 2007, p. 4)

O futebol acabou se popularizando na primeira metade do século XX, e conseguiu aos poucos galgar espaços na cobertura esportiva pela mídia impressa – além dos jornais, a transmissão dos jogos pelo rádio também colaborou com o crescimento do futebol entre os brasileiros. A partir da década de 40, porém, o futebol passou a ser descrito por outra forma de relato, que traduzia melhor as paixões que esse esporte inspirava: a crônica.

A crônica surgiu na França no século XIX, e se localizava nos rodapés dos jornais. Nesse período, o gênero não era chamado de "crônica", e sim de folhetim, que era dividido em "romance" e "variedades", já que a crônica poderia ser ou não uma obra de ficção – como nós podemos ver hoje: por exemplo, Luis Fernando Veríssimo escreve crônicas ficcionais e outras que tratam de situações do cotidiano. Confirma-se essa diferenciação pelas palavras de Costa, Neto e Soares (2007):

> O argumento central é de que a crônica pode ser ou não ficcional, na medida em que deriva de fatos do cotidiano, ao mesmo tempo em que pode possuir uma dimensão ficcional, quando possibilita ao autor construir diálogos e acrescentar personagens, além das características poéticas também pertencentes à crônica. (p.16)

A crônica é um "gênero literário de assunto livre, de registro dos pequenos fatos do cotidiano sobre política, arte, esporte e variados temas" (COSTA, NETO, SOARES, 2007). Segundo Moisés apud Ramadan (1997), algumas das características da crônica são:

> A brevidade – é um texto curto, no entanto sem extensão demarcada; a subjetividade – em que o "eu" está presente de forma direta ou na transmissão do acontecimento segundo a vida pessoal do cronista; e a monodialogação – em que o monólogo é uma autorreflexão e o diálogo uma projeção para um leitor implícito. O cronista, de olho no mundo circundante, convida o leitor para um exercício de sensibilidade e comunicação. (p.47)

Entre os subgêneros os quais a crônica alcançou uma grande evolução, está a crônica esportiva. Principalmente a partir dos anos 40, com o aumento dos espaços que falavam de futebol, as crônicas sobre as partidas e os jogadores passaram a aparecer e oferecer uma visão diferente daquele esporte.

Nessa década, se consagraram os grandes cronistas brasileiros, que falavam de futebol numa atmosfera mais onírica e apaixonada. Mario Filho e Nelson Rodrigues se concentravam em falar dos grandes jogadores, dos lances geniais, tudo com muita emotividade e dramaticidade. Mario Filho pode ser considerado o "inventor" da crônica esportiva no Brasil, já que segundo estudiosos e até mesmo o Nelson Rodrigues, foi ele quem tornou o texto acessível, com uma linguagem simples que aproximava o futebol do seu leitor. Uma característica que podemos ver até hoje nas crônicas esportivas, com variações que dependem do estilo de texto que os jornalistas e escritores utilizem – e que vamos compreender logo o que significa esse "estilo".

Segundo Silveira (2008, p.3), nos anos 50 "houve uma cisão entre os cronistas esportivos: os racionalistas, que preferiam escrever sobre a parte técnica/tática; e os apaixonados, mais preocupados com os aspectos sociais ligados ao esporte do que com a partida". Essa divisão, que acabou gerando maneiras de escrever crônicas que se tornaram recorrentes com o passar dos anos, se deu por causa do advento de outra plataforma na cobertura do esporte: a televisão. Com a TV, ainda de acordo com Silveira, houve uma "maior profissionalização do jornalismo esportivo. A partir de então, o público passou a ter acesso às transmissões dos jogos, programas esportivos, mesas redondas com a participação dos especialistas, uso do videotape, entre outros recursos" (2008, p.4). Ou seja, a abordagem fantasiosa e romântica de um Mario Filho ou Nelson Rodrigues não tinha mais espaço, já que

a TV ofereceu uma cobertura mais realista dos jogos. O que era romantizado ficou mais sério e objetivo. A imagem retirou do futebol, de certa forma, a perspectiva onírica que a crônica descrevia desse esporte.

Por esse motivo, o que citei anteriormente como "estilo" de escrever crônicas esportivas significa que a partir deste período – com consequências que são vistas até hoje nos cadernos de esportes, podem ser encontrados textos com uma perspectiva mais sentimental, onírica e algumas vezes bem humorada sobre o esporte, falando menos do jogo em si e mais sobre o futebol e seus artífices; e outros textos com foco maior na partida, nos esquemas táticos, no histórico de jogos entre duas equipes e uma descrição mais fiel do que aconteceu no jogo.

A partir dos anos 60, o jornalismo esportivo foi mudando. Os jornais tradicionais abriram mais espaço para a cobertura esportiva, separando a editoria num caderno específico. Os cronistas tiveram uma função mais específica que aquela descrita por Adriano Neiva: ficavam com o texto opinativo, em oposição aos repórteres, que apenas informavam a respeito das partidas e de seus resultados. A partir daí, os jornais passaram a ter pelo menos um ou mais colunistas de esportes.

A escrita da crônica esportiva também foi mudando. As análises táticas (nas décadas de 1960 e 1970) passaram a ser o tema principal dos textos dos jornalistas.

Especialmente nas décadas de 60 e 70, segundo Trouche (2002) apud Costa, Neto, Soares (2007), o futebol encontrou seu apogeu (vale lembrar que nesse período, o Brasil se tornou bicampeão mundial em 1962; e tricampeão em 1970, quando Pelé se coroou Rei do Futebol, e o Brasil era símbolo de futebol-arte em todo o mundo).

> É nesse contexto que a crônica esportiva conquista espaço definitivo nos principais órgãos de imprensa do país; e principalmente, se profissionaliza definitivamente, adquirindo contornos poéticos próprios e redescobrindo novas fronteiras para o universo do literário. (2007, p.20)

Por fim, nos anos 80, surgiu o discurso econômico em torno do esporte. Segundo Stycer (2007), a Folha de São Paulo inaugurou um novo estilo: o uso das estatísticas para explicar os resultados esportivos – que logo veremos em algumas crônicas dos jornalistas da publicação.

Atualmente, segundo Goldrub (1990) apud Marques (2010), "[a crônica] leva em conta principalmente o preparo físico e as jogadas ensaiadas". Mas, como já dito anteriormente, os

textos opinativos dos cadernos de esportes não tratam apenas destes aspectos – podem também falar do jogo mas não focar na tática; ou discutir a respeito de aspectos marginais ao jogo de futebol, mas falando do esporte em si.

Tomando como base as palavras de Trouche, é importante ressaltar que em sua maioria, as crônicas analisadas aqui não vão oferecer novas informações sobre os jogos da seleção ou de como o Brasil vai jogar em determinadas partidas da Copa do Mundo, e sim os jornalistas e escritores vão oferecer uma nova visão sobre o mesmo assunto. Uma perspectiva mais pessoal, que se identifica com esse híbrido entre jornalismo e literatura que está ali, dentro da própria origem da crônica nessa separação entre "folhetim romance" e "folhetim variedades", já que, segundo Costa, Neto, Soares,

> da mesma forma em que a crônica transita entre o ficcional e o não ficcional, ela também o faz entre o literário e o jornalístico. A crônica esportiva pesa mais para o lado do jornalismo, analisando os fatos recorrentes, porém com o adicional da liberdade do cronista em transformar a notícia. (2007, p.23)

Por causa desse híbrido, a escrita daqueles que trabalham com a crônica esportiva pode ser mais livre – trabalhando com os conceitos já consagrados do jornalismo em conjunto com a liberdade literária própria da crônica. Além disso, posso dizer que ainda hoje o jornalismo esportivo padece do "mal" de ser "menos nobre" que as outras editorias. O fato do esporte – especialmente o futebol, que é o nosso objeto de estudo – ser mais associado ao entretenimento do que à uma informação mais séria, faz com que a identificação entre as crônicas e o futebol se torne maior, resultando num estilo jornalístico mais leve, irônico, opinativo e metafórico que em outras editorias (GASTALDO, 2011).

2.1.1. Breve histórico: cobertura do jornalismo esportivo nas Copas do Mundo

Já que este trabalho de conclusão de curso pretende analisar os temas mais discutidos nas crônicas esportivas sobre a Seleção Brasileira nas copas de 2006 e 2010, devemos mostrar um pouco sobre como esses textos se estabeleceram como parte da cobertura dos jornais impressos durante as copas.

Na copa de 1950, de acordo com José Carlos Marques (2010), o Jornal dos Sports (publicação especializada), contratou cronistas como Mario Filho, José Lins do Rego, Thomas Mazzoni e Vargas Netto para colaborar na cobertura da competição que ocorria no Brasil.

Na década de 50, o jornal Última Hora, de Samuel Wainer, trouxe uma nova proposta não apenas para a cobertura das Copas do Mundo, como também na valorização do jornalismo esportivo em geral: mais colunistas, notícias esportivas na primeira página, e pela primeira vez, colocou na primeira página do Última Hora uma foto colorida de um time de futebol: o Fluminense. Seria a primeira vez que isso acontecia na história da imprensa no Brasil.

Em 1962, na copa do Chile, o Última Hora levou oito pessoas para cobrir a competição no país sul-americano. Os cronistas da vez eram João Saldanha, Albert Laurence e Jacinto de Thornes.

Já na copa da Inglaterra, em 1966, o Jornal do Brasil chamou para escrever sobre futebol Fernando Sabino.

Em 1986, na copa da Espanha, João Ubaldo Ribeiro comentou a competição para o Jornal O Globo; a publicação carioca chamaria outros dois escritores para acompanhar a competição em 1990: Luis Fernando Veríssimo, que escrevia seus textos diretamente da Itália; e João Antônio, contista que escrevia aqui no Brasil.

Apesar do pioneirismo do Última Hora, segundo José Carlos Marques, até meados dos anos 80, “os principais jornais brasileiros chamavam no máximo dois jornalistas para cobrir a Copa do Mundo por meio de colunas e crônicas”(2010, p. 40). No entanto, a televisão novamente influencia a forma como a mídia impressa aborda a trajetória do Brasil na copa do mundo.

> Com a onipresença da televisão na mediação desse evento, a mídia impressa precisou reinventar seu trabalho diante do poderio da imagem dos monitores de TV. (2010, p.40)

Especialmente nos jornais paulistas e cariocas, houve um aumento no número de colunistas e cronistas contratados para comentar as copas do mundo – em especial na década de 90. Só que, além dos jornalistas e escritores ligados ao esporte, outros jornalistas, escritores, ex-jogadores e celebridades sem relação com a área são chamados para oferecer uma visão diferente sobre a competição.

3. Percurso metodológico

3.1 Corpus

Para fazer a análise, escolhi jornalistas que escreveram nos dias em que o Brasil jogou na copa e que publicaram seus textos depois da realização da partida. O objetivo é verificar uma constância nos temas e na cronologia da seleção brasileira nas duas copas. Os jornalistas analisados, algumas vezes, repetiam termos e frases de crônicas de outras datas para comprovar uma opinião, o que valoriza uma análise detida do início ao fim da participação do Brasil na competição.

Os jornalistas escolhidos devem ter como assunto principal a seleção brasileira. Há possibilidade deles não terem escrito uma linha sobre o Brasil – nesse caso, a análise não é contada. Também há possibilidade das crônicas fazerem algumas referências à seleção, mas a equipe brasileira não ser o tema principal. Nesse caso, a depender de como a referência tenha sido colocada, ela entra na análise. Quando o jornalista não publica crônica nos dias escolhidos, ele também fica de fora da análise final.

Foram analisados para a copa de 2006, 29 textos de Tostão (com dez), Juca Kfouri (também dez) e Clovis Rossi (nove), dentro das condições acima listadas. Em 2010, foram 35 textos: oito de Juca Kfouri, nove de Tostão, também nove de Paulo Vinícius Coelho e nove de José Simão. Ao todo, são 64 crônicas nas duas copas.

3.2. Fundamentação teórica

Para compreender quais foram os temas que nortearam o discurso das crônicas esportivas publicadas pela Folha de São Paulo sobre a Seleção Brasileira nas copas de 2006 e 2010, vou trabalhar com a análise do discurso aplicada à imprensa escrita, através da proposta de Maingueneau (2002), bem como alguns aspectos da Análise de Conteúdo, seguindo os conceitos de Bardin (1977).

Sobre a Análise de Conteúdo, importante destacar que, durante a leitura das crônicas, dentro do percurso cronológico do desempenho do Brasil na Copa do Mundo, foram observados alguns aspectos que sempre se repetiam nos textos – em 2006, a comparação da Seleção Brasileira com outras seleções do passado, além da busca pelo futebol-arte pelo qual o Brasil ficou conhecido nas Copas; e em 2010, havia uma relação estremecida entre a imprensa e o técnico da Seleção, Dunga, que o tornava figura destacada em boa parte das crônicas daquele ano.

A partir do momento em que tais elementos foram destacados, vou discutir de que forma eles são problematizados. Primeiramente, vou destacar os assuntos, personagens e situações mais relatados pela crônica esportiva durante o percurso da Seleção Brasileira durante as duas copas. Depois de enumerar, vou mostrar se tais assuntos aparecem frequentemente nos textos publicados ou se eles se destacam apenas no dia específico. Depois, considerando as características dos autores, suas marcas de linguagem e como essas marcas interferem nos temas discutidos pelas crônicas, pretendo mostrar que esses conteúdos fazem parte de uma construção temática sobre a seleção brasileira mais especifica sobre o futebol do que aspectos externos ao esporte bretão.

De acordo com Bardin, quando é feita uma análise, deve-se estabelecer uma correspondência entre as estruturas semânticas ou linguistas e as estruturas psicológicas ou sociológicas dos enunciados. Ou seja, faz parte da construção temática relacionar frases, textos e contextos inseridos nas crônicas dos autores escolhidos com as estruturas gramáticas e de convocação do leitor utilizadas por eles, que tem uma grande importância na concepção da linguagem utilizada pela crônica esportiva.

Tomando como base a enumeração dos temas mais relatados pelas crônicas, na copa de 2006, em alguns textos, os autores discutem sobre as atuações decepcionantes do Brasil nos jogos da primeira fase, que não correspondem às altas expectativas que a Seleção Brasileira

tinha quando chegou à Alemanha. Essas expectativas estão relacionadas ao quarteto ofensivo formado por Ronaldo Fenômeno, Ronaldinho Gaúcho, Kaká e Adriano (o chamado "Quarteto Mágico") não ter jogado o que se esperava deles no início da copa do mundo – e assim, é retomado o tema principal dessas crônicas, a "ideia principal defendida pelo autor naquela unidade" (SEVERINO, 1980, p.90,).

Já na copa de 2010, em algumas crônicas é questionada a ausência de determinado jogador na seleção (mais especificamente o meio-campo Ganso, jogador do Santos naquela época), que tinha sido pedido pela imprensa e pelos torcedores para ser convocado, mas o técnico Dunga não tinha ouvido os apelos. Por conta disso, alguns cronistas questionam o fato de que, se Ganso tivesse sido chamado para ir à África do Sul, determinados resultados teriam sido diferentes, já que seu estilo de jogo poderia ajudar o Brasil a sair de uma situação difícil no jogo. Essa abordagem leva novamente a um dos temas principais dos cronistas em 2010: as atitudes do técnico da Seleção Brasileira, um personagem que se tornou tão importante quanto outros jogadores – o que não havia ocorrido quatro anos antes com Parreira.

Através da "descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infiram) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens" (Bardin, 1977, p.29), vou mostrar o que os cronistas queriam afirmar durante o percurso cronológico da Seleção Brasileira na Copa do Mundo, procurando comprovar que nas duas últimas copas, a discussão em torno do chamado "escrete canarinho" se resumiu ao aspecto interno, futebolístico, ao invés do clamor nacional e da representação do Brasil como nação através da Seleção Brasileira.

Quanto à Análise do Discurso, a partir do momento em que a crônica foi conceituada como um texto opinativo, mais livre das exigências de objetividade e imparcialidade jornalística – pela própria passionalidade típica da editoria onde ela está colocada – é fato que uma das características dela é o diálogo com o leitor, por meio de um texto mais simples e direto, já que ele entende o que está sendo dito naqueles parágrafos. Como a crônica esportiva está no caderno de esportes, aqueles que buscam esse subgênero não são apenas leitores comuns de jornal. São um público mais segmentado. Logo falarei mais sobre eles.

Segundo Maingueneau, o discurso é interativo, mesmo que não tenha um interlocutor direto. Há uma troca, explícita ou implícita, com outros enunciadores, supondo uma instância de enunciação a qual se dirige o enunciador e com relação a qual constrói seu próprio discurso. Por isso, a maior parte das crônicas estudadas aqui partiu do princípio de que devem

ser uma conversa com o leitor, utilizando de enunciados que seriam dependentes do ambiente dentro de uma estrutura de enunciados independentes – um híbrido.

Exemplifica-se isso quando, em algumas das crônicas analisadas, ocorre uma espécie de diálogo entre cronista e leitor, mesmo que na imprensa escrita não aconteça essa troca entre os dois lados, tampouco uma interferência ou resposta entre um e outro.

Seguem abaixo os trechos:

"**Você** aí que viu da poltrona e é cético pode até dizer**: 'Esse, até eu faria'"** (Clóvis Rossi, em "Brasil 2, Mágica 0", publicada na Folha de São Paulo de 19/06/2006) (grifos meus);

"**Convença** (grifo meu)Parreira de que a seleção não foi bem" (Juca Kfouri, em "Me engana; eu gosto", publicada na Folha de São Paulo de 28/06/2006);

"**E não pense o raro leitor ou leitora** (grifo meu) que, depois do alerta sobre o perigo que nós, jornalistas, representamos [...]" (Juca Kfouri, em "Chora, Argentina", publicada na Folha de São Paulo de 01/07/2006);

'Corre na internet o Bingo do Galvão. Para jogar durante o jogo**. Imprima a cartela e marque um X sempre que o Galvão falar uma dessas frases manjadas** (grifo meu) [...]" (José Simão, em "Uêba! Bingo do Galvão", publicada na Folha de São Paulo em 20/06/2010);

"O pedido de socorro que **você** (grifo meu) pode ter feito no sofá da sua casa Dunga e Jorginho gritaram em rede mundial" (Paulo Vinícius Coelho, em "Chama o Ganso", publicada na Folha de São Paulo em 26/06/2010);

"**Não trate o Brasil** (grifo meu) como um time defensivo só porque adora fazer gols de contra- -ataque" (Paulo Vinícius Coelho em "O modelo é a Inter", publicada na Folha de São Paulo em 02/07/2010).

Para haver essa relação entre locutor e interlocutor "virtual", é necessário que os cronistas estabeleçam determinados comportamentos textuais que indiquem quem é o autor do texto, e algumas marcas de leitura que sejam característicos deles – trata-se do *ethos*.

De acordo com Maingueneau, toda fala procede de um enunciador encarnado. Mesmo quando escrito, o texto é sustentado por uma voz, a de um sujeito situado para além texto.

Essa voz do locutor revela a sua personalidade – no caso, os traços pessoais do autor, que identificam o estilo da crônica e quais são os temas que ele prefere abordar em seus textos.

Tal conclusão pode ser confirmada ao tomar emprestada, assim como Maingueneau, daas palavras de Barthes:

> São os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (não importa sua sinceridade) para causar boa impressão: são os ares que assume ao se apresentar [...] O orador enuncia uma informação, e ao mesmo tempo diz: eu sou isto, eu não sou aquilo.

Nas crônicas analisadas, uma forma de compreender qual é a leitura que os jornalistas e escritores possuem da seleção brasileira nas copas de 2006 e 2010 é através dos traços pessoais mostrados pelos cronistas em seus textos. Traços que os identificam como "Tostão", ou "Juca Kfouri", ou "Clovis Rossi", e ajudam a compreender, com o passar da cobertura, qual é a visão deles sobre a equipe brasileira a partir desses detalhes. Entender o estilo de escrita deles para também entender a abordagem passional ou racional sobre a seleção nestes anos.

3.2.1 Autores, copa de 2006

Os textos de Tostão são próprios pelo equilíbrio. Não vou encontrar neles momentos de passionalidade e arroubos de ufanismo. Ele também conversa pouco com o leitor, e usa a experiência como ex-jogador de futebol para mostrar suas impressões sobre a partida ou o local onde está sendo realizada a copa.

> **Ao entrar no belo e antigo estádio de Berlim, construído em 1936,** lembrei das imagens de Hitler na tribuna de honra. Os alemães, que fazem tudo para esquecer as barbaridades da Segunda Guerra, devem se lembrar desses momentos quando voltam ao estádio. [...] O estádio está lindo nesse momento que antecede o jogo. Camisas amarelas e vermelhas e brancas tomam conta de todos os lugares. **Estou tão arrepiado quanto ficava antes das partidas que jogava pela seleção em uma Copa do Mundo**. A bola rolou. Nesse instante, a emoção não pode escurecer nem estreitar a visão imparcial do comentarista. (grifos meus)

O exemplo acima, do texto “Deu para o gasto”, publicado em 14 de junho de 2006, sintetiza a forma como Tostão escreve suas crônicas. Em boa parte dos textos analisados, o comentarista inicia suas impressões mostrando a sua visão sobre determinado local aonde vai se realizar a partida – e como o cenário acaba se moldando ao espírito do jogo que é praticado no estádio. Esse cenário não é apenas um pano de fundo, ele está ali também para compor um jogo que pode estar “frio” ou “quente” como a temperatura do estádio.

Outro exemplo dessa enunciação que se desenvolve dentro deste espaço que é a cenografia está no texto “É ainda só o início”, sobre o primeiro jogo do Brasil na copa de 2010, publicado na Folha de São Paulo de 16 de junho, em que Tostão diz:

> **O estádio está lotado. Faz um frio intenso. Mais ou menos 5C. Vai começar o jogo**. (grifo meu) [...] O primeiro tempo foi mais frio que a temperatura. Com exceção de alguns dribles de Robinho, não aconteceu nada.

e

> Começa o segundo tempo**. Está muito frio. Espero que o jogo esquente**. (grifo meu). Logo no início, Maicon recebe de Elano e, quase sem ângulo, solta um petardo, e a bola entra.

Nestes dois exemplos, Tostão explica que a temperatura está baixa no estádio onde o Brasil realiza sua estreia na copa, e que o jogo foi mais “frio” do que a temperatura – ou seja, a equipe brasileira jogava de forma apática, deixando a partida monótona para quem a assistia. Já no segundo tempo, o uso do verbo “espero”, antecedido por uma reiteração do frio no estádio, reforça a baixa temperatura no local e a esperança de que o Brasil melhore no segundo tempo, o que se torna realidade quando a seleção faz o primeiro gol, nos pés do lateral-direito Maicon.

Outro escritor cujos textos foram analisados pelo trabalho foi Juca Kfouri. Ao contrário de Tostão, ele escreve com mais pessoalidade e com mais conversa com o interlocutor “virtual”. Assim como o ex-jogador, ele também escreve sobre si e o que ele gosta no futebol, mas sem tratar de suas experiências pessoais como um prólogo para o real assunto do texto. Ele não costuma escrever um cenário para compor o seu texto a partir do pano de fundo; prefere ser mais direto na sua explanação do jogo e dialogar o tempo todo com o coenunciador.

A seguir, alguns exemplos das características encontradas no texto de Juca Kfouri que nos ajudam a compreender a leitura das crônicas publicadas pela Folha de São Paulo sobre o desempenho do Brasil nas duas copas.

a) Traços de pessoalidade e opinião do autor

"**Alguma coisa me diz que hoje será um dia mais alegre para a seleção brasileira**. E não é mera intuição. As coisas pioraram para melhor, **não sei se me faço entender**" (grifos meus) ("Canguru ou Zebra", 18/06/2006).

> Jamais **imaginei** que quando visse um lançamento para Ronaldo, o homem que decidiu a Copa de 2002, a primeira coisa que viesse a **minha** cabeça fosse a mesma quando uma bola é lançada para um desses grossos que infestam o futebol: "Ah, bola pra ele não adianta". ("Dá nele, bola!", 14/06/2006). (grifos meus)

"O que **me** (grifo meu) fez gostar de futebol tem muito mais a ver com a Holanda de Robben e Sneijder do que com este Brasil." ("Era Dunga. Foi Sneijder", 03/07/2010).

b) Diálogo com o interlocutor

> [...] além da constatação de que Juninho está em ótima fase e Ronaldo não, embora o primeiro seja reserva e o segundo titular... **Enfim, prepare-se para sofrer.** (grifo meu) ("A Croácia não é sopa", 13/06/2006).

"**E não pense o raro leitor ou leitora que, depois do alerta sobre o perigo que nós, jornalistas, representamos,** (grifo meu) estou aqui a encher lingüiça para não fazer uma previsão sobre o jogo que mais nos interessa, contra a França." ("Chora, Argentina", 01/07/2006)

"**Agora não teremos Elano,** (grifo meu) e o temor é o que Robben poderá fazer de Michel Bastos, sem dizer que o brilhante Sneijder é também motivo de preocupação." ("A Holanda do dia", 01/07/2010).

c) Competência enciclopédica

Juca Kfouri, em alguns de seus textos, apresenta elementos históricos como estatísticas, jogos anteriores da Seleção ou Copas anteriores para confirmar uma opinião ou alertar o coenunciador sobre a possível relação entre o evento do passado e o acontecimento que ele está discutindo no presente.

"**Impossível não lembrar de 1994. A seleção brasileira ganhou seus dois jogos, está nas oitavas-de-final, muito provavelmente em primeiro lugar**. (grifo meu) Reclamar do quê?" ("Na conta do chá", 19/06/2006).

> **Quando foi, por sinal, que a seleção fez uma grande estréia em Copas? Em 1958, certamente, ao bater a Áustria (que tinha fama, mais fama que bola) por 3 a 0, e em 1970, quando goleou a antiga Tchecoslováquia por 4 a 1** [...] (grifo meu) ("A Croácia não é sopa", 13/06/2006).

"[...] Eis aí diante do time nacional o primeiro adversário real, **a Coreia do Norte, certa de que pode reeditar contra os pentacampeões o que um dia, em 1966, fez contra os então bicampeões mundiais, os italianos."** (grifo meu) ("Prontos para o hexa!", 15/06/2010).

Os jornalistas anteriores estiveram presentes no caderno de esportes da Folha nas duas Copas. O outro cronista analisado por este trabalho apenas trabalhou na copa de 2006, e não faz parte do caderno de esportes. Clovis Rossi é jornalista da Folha de São Paulo e colunista sobre assuntos de política e economia, nas na copa de 2006, ele cobriu o evento para o caderno de esportes do jornal[3], escrevendo crônicas sobre suas impressões a respeito da seleção brasileira naquela competição. Mesmo tendo experiências anteriores com o jornalismo esportivo, o fato dele não ser um jornalista de fato especialista na área faz com que a sua visão sobre o futebol praticado pelo Brasil na copa seja muito mais parecido com que o leitor quer ler do que a abordagem mais profissional dos jornalistas esportivos.

Antes de listar as características mais importantes do texto de Rossi, vale ressaltar que, no momento em que o jornalista sai de sua zona de conforto e passa a cobrir uma outra editoria do jornal, escrevendo textos opinativos sobre o assunto, ele tem que se submeter às regras dessa área. Mesmo mantendo seu traço característico – o qual posso indicar que quem escreve é ele, Clovis Rossi – seu texto deve ter outras marcas e expressões que revelem que ele está escrevendo sobre futebol, e que o público leitor que está acostumado com ele reconheça tais marcas.

Ao fazer essa transição temática, para que eu reconheça essas marcas no texto de Rossi, mesmo sabendo que ele não é um jornalista da área, a função-autor (Foucault) é importante, já

[3]NÁRLIR, Gustavo; REZAGHI, Deborah. "'A grande contribuição para o meu futuro profissional foi o interesse pela leitura', diz Rossi". **Faculdade Cásper Líbero**, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.casperlibero.edu.br/noticias/index.php/,n=6286.html> Acesso em 16 fev 2013.

que ela indica o escritor de determinado texto, e a partir daí, entendemos porque esse texto se apresenta de determinada forma. Mas não apenas isso. A função-autor, que é "característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade" (1969, p. 14), é o que legitima o discurso de Clovis Rossi no caderno de esportes na Folha. Além de sua localização dentro do caderno, o tratamento que ele dá ao texto, como já dito, através das marcas e expressões típicas do futebol, facilmente reconhecíveis pelo coenunciador, faz com que o discurso da crônica esportiva seja corroborado por esse leitor. Além disso, a função-autor dá espaço para que este jornalista que não trabalha com esporte ocupe esse espaço como outro sujeito, sem perder suas características originais, mas absorvendo um discurso diferente.

Como Rossi não é um jornalista esportivo no sentido estrito do termo, seus textos acabam expressando opiniões bem mais pessoais e por vezes mais próximas do que o público quer ler. Ele é o único dos jornalistas analisados que usa o termo "quadrado mágico" para se referir à seleção brasileira em 2006 – termo esse que não é citado, ou muito pouco, por Tostão e Juca Kfouri. Rossi também estabelece comparações entre a seleção brasileira da Copa da Alemanha com outras seleções de copas passadas, ora para reforçar um sentimento de qualidade no Brasil daquele ano, ora para questionar essa mesma qualidade da equipe.

Seguem dois exemplos desse discurso, que ajuda a entender como os jornalistas viam a seleção brasileira nessa copa em específico.

> O técnico Carlos Alberto Parreira tem uma boa resposta sempre que lhe pedem para comparar a atual seleção brasileira, a mais badalada desde, pelo menos, a Copa de 1982, com as grandes equipes campeãs em 1958 e 1970: "Este time precisa provar na Copa [seu valor]. Os outros já provaram". **Os times de 1958 e de 1970 de fato já jogaram suas Copas -e venceram. O de 2006 começa hoje a jogar -portanto, não venceu coisíssima alguma.** (grifo meu) **(**"Vale o que for escrito", 13/06/2006)

> Eu não estou gastando o dinheiro da Folha na Alemanha só para ver o Brasil ganhar da Croácia. [...] **Vim para ver a concretização de todos os papos de botequim, no Brasil ou na Alemanha, na Croácia ou no Togo: a melhor seleção brasileira de todos os tempos ou, ao menos, algo muito semelhante aos times de 1958 e 1970, sem dúvida os melhores do rico repertório brasileiro**. (grifo meu) Não vi nem sombra.

Neste trecho em específico, o jornalista usa a citação do técnico brasileiro para reforçar a própria opinião sobre o fato de termos certa paciência com a seleção brasileira; já que, mesmo comparada com outras grandes seleções vencedoras, ainda não ganhou a copa. Mesmo assim, ele acredita no sucesso da equipe – conclusão essa que se chega mesmo emoldurada por críticas, como na crônica "Bateu ponto. E só", publicada na edição de 14/06/2006, um dia depois da estreia brasileira contra a Croácia.

O trecho acima mostra que Clovis Rossi (assim como os leitores, já que ele cita "os papos de botequim", tradicionalmente locais onde as pessoas falam de futebol) esperava um grande futebol do Brasil, comparável às das seleções de 1958 e 1970, já que a seleção jogava de forma ofensiva, respeitando sua tradição de "jogo bonito" e "futebol-arte" e tinha alguns dos melhores jogadores do mundo: Ronaldo Fenômeno, Ronaldinho Gaúcho e Kaká.

Como dito anteriormente, Clovis Rossi é o jornalista que mais cita e compara o "quadrado mágico". Essa expressão surgiu em 2005, quando o então técnico Carlos Alberto Parreira colocou em campo quatro jogadores ofensivos – dois meias-atacantes, Ronaldinho e Kaká; e dois centroavantes, Ronaldo Fenômeno e Adriano[4] – o que deixou o mundo do futebol em expectativa sobre o que a seleção faria na copa, já que aqueles estavam na lista dos melhores jogadores do mundo naquela época.

Por isso, o jornalista estava empolgado sobre como esse quarteto ofensivo jogaria na copa, representando as melhores tradições do futebol brasileiro – por isso mesmo, a comparação com seleções do passado, as de 58, 70 e 82, também de DNA ofensivo.

Com o passar dos jogos, nota-se um descrédito por parte de Rossi sobre a eficácia do quadrado mágico – tanto que o termo passa a ser usado com certa ironia, até mesmo no título de uma de suas crônicas.

"A menos, é claro, que **o quadrado mágico que ainda não foi mágico** (grifo meu) estivesse em forma." ("Gente séria", 18/06/2006);

[4] Quarteto tem teste decisivo contra a Croácia**. Terra**, 12 jun 06. Disponível em: < http://esportes.terra.com.br/futebol/copa2006/selecoes/interna/0,,OI1039691-EI5583,00-Quarteto+tem+teste+decisivo+contra+Croacia.html> Acesso em 16 fev. 13.

> Será que vou ter que publicar um "erramos" para coluna que escrevi no ano passado, dizendo **que o "quadrado mágico" de 2006 poderia ser tão bom ou melhor que o de 1970? Mas, atenção, meu quadrado era Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo e Robinho, sem Adriano.** (grifo meu) (“‘Tops’ fora dos ‘tops’”, 22/06/2006);

> O Brasil ganhou, classificou-se para a próxima fase, **mas mágica que é bom, nada**. **[...] Um certo Jason Culina, com todo o respeito, chutou mais vezes entre os três paus da meta brasileira do que todo o quadrado supostamente mágico junto**. [...] Para acentuar a ironia, **o time melhorou quando saíram dois dos integrantes do quadrado supostamente mágico, Ronaldo e Adriano**. (grifos meus) (“Brasil 2, mágica 0”, 19/06/2006);

e

> **Eu não falei que o "meu" quadrado mágico era Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo, Kaká e Robinho?** [...] Calma que eu não vou babar na gravata, que, aliás, não estou usando. Nem vou ser convenientemente esquecido **e deixar de dizer que escrevi que o "meu" quadrado mágico poderia ser tão bom ou melhor do que o quadrado de 1970.** (grifos meus) (“Não falei?”, 23/06/2006).

3.2.2 Autores, copa de 2010

Na competição ocorrida na África do Sul, a Folha aumentou o número de cronistas na cobertura da copa, apesar de alguns jornalistas que estiveram em 2006 não terem participado da copa seguinte – caso de Clovis Rossi, entre os autores analisados por este trabalho.

No período em que o Brasil participou da copa, analisei cinco autores para mostrar qual era a visão deles do desempenho da equipe no continente africano. Juca Kfouri e Tostão continuam, mas foram incluídos na análise Paulo Vinicius Coelho, Xico Sá e José Simão.

Paulo Vinícius Coelho, ou PVC, tinha uma coluna chamada “Prancheta do PVC”, onde discutia a respeito dos aspectos táticos e técnicos do jogo – um estilo de escrita menos calcado na pessoalidade e mais racional, coerente com o tipo de crôncia esportiva que se escreve recentemente. Antes da estreia brasileira, o jornalista se debruçou em aspectos mais externos ao campo para falar do técnico da seleção, Dunga, um dos protagonistas do Brasil que jogou na copa de 2010. Mesmo sem falar de seleção, porém, Paulo Vinícius mostra em seu texto no

caderno de esportes da Folha no dia da estreia brasileira contra a Coreia do Norte – "É você, Dunga!, publicado em 15 de junho, algumas das características que mais permeiam os seus textos, a exemplo de **"A seleção de Lazaroni ganhou a Copa América e fracassou na Copa do Mundo."** (grifo meu)

Os textos de PVC são destacados pelas referências históricas. Ele usa dados de jogos anteriores da Seleção Brasileira, participações da equipe em copas anteriores, e histórico de resultados para compor seu texto e reforçar uma opinião. Seu foco é na estatística, mostrando através de números determinada característica da seleção: ofensividade, posse de bola, quantidade de gols marcados, saldo de gols. Seguem alguns exemplos:

> Mas não é verdade que o Brasil não jogue com posse de bola. Em regra, **a seleção tem mais de 50% do tempo com a bola sob seu domínio** (grifo meu), o que tem sido requisito fundamental para vencer partidas na Copa da África.

e

> Nos primeiros anos de Dunga**, o Brasil só construía 25% de seus gols com a posse da bola. Hoje são 30%, índice que se aproxima da artilharia em contra-ataques (33,3%).** (grifo meu)

PVC também faz análises táticas (por isso sua coluna no caderno de esportes da Folha se chama "Prancheta do PVC"). Nessa seção, além do texto sobre o jogo da vez ou uma crítica sobre a partida pela visão do esquema tático empregado pelas equipes, há uma imagem de um campo com imagens representando jogadores, dispostos em determinado esquema tático, para melhor acompanhamento do leitor sobre o que está sendo explanado pelo jornalista. No texto que escolhi para mostrar algumas das características do jornalista, dentro do texto corrido há algumas considerações sobre análise tática e detalhes de esquemas de jogo.

> É isso o que explica as vitórias em clássicos contra Itália, Argentina e Inglaterra **e dificuldades contra times fechados, como a Coreia de hoje.** (grifo meu) Na estreia na Copa das Confederações, há um ano, o Brasil venceu o Egito por 4 a 3, no único jogo em que a defesa sofreu três gols.

e

> **Contra defesas fechadas, o gol não nasce se o passe não for perfeito,** lição oferecida pela Alemanha há dois dias. Os alemães não contra-atacaram. Abriram espaços

Nos próximos textos, já dentro da "Prancheta do PVC", vemos como essas características do texto do jornalista aparecem para construir um discurso sobre o estilo de jogo empregado pela seleção Brasileira durante a copa do mundo.

a) Referências a outros jogos da seleção para estabelecer comparações com o momento presente do time, ou reforçar uma opinião sobre o jogo ou a equipe:

> **É possível até que o Brasil repita o que fez na Copa das Confederações de 2009** (grifo meu)**,** quando desapontou contra o mais fraco do grupo (4 a 3 no Egito) e venceu os rivais mais fortes, Itália e EUA. ("O exílio dos laterais", 16/06/2010);

> **O jogo contra Portugal evidenciou o que todo o Brasil disse em 11 de maio, data da convocação** (grifo meu)**.** Se o time titular pode ganhar a Copa, os reservas dão pânico. ("Chama o Ganso!", 26/06/2010;

> Por momentos, os passes laterais chatos **lembraram a partida mais difícil que o Brasil já teve em Copas contra um rival africano. Diante da Argélia, em 1986, o time de Telê usou a mesma estratégia e demorou para encontrar o buraco que resultou no gol do 1 a 0, aos 21min do segundo tempo.** (grifo meu) O exemplo serve para mostrar que nem sempre o Brasil foi arte, seja no presente, seja no passado. ("É forte!", 21/06/2010).

b) Estatísticas de aspectos do jogo (posse de bola, gols marcados, gols sofridos etc), para reforçar uma opinião ou estabelecer comparações.

"Não importa que **as bolas paradas** sejam responsáveis por apenas **22%** dos gols do time de Dunga" (grifos meus) ("Estilo Dunga", 29/06/2010);

"O Brasil esteve **53% do tempo com a bola no pé** (grifo meu) no primeiro tempo" ("Faltou o Brasil", 03/07/2010);

"Na era Dunga**, um a cada três gols nasce de contra-ataque**" (grifo meu) ("É forte", 21/06/2010).

c) Análise tática

A análise é feita antes do jogo começar – para mostrar como o Brasil ou a equipe adversária vão entrar em campo – e após a partida, descrevendo os erros e acertos de determinada escalação ou esquema tático.

"Marcar Raul Meireles e Tiago é fundamental**. Missão para os volantes, com o apoio de Júlio Baptista**" (grifo meu) ("Efeito Brasília", 25/06/2010);

"Quando Júlio Baptista sentiu lesão, **entrou Ramires na velha função de Kaká. Logo inverteu o posicionamento com Daniel Alves**" (grifo meu) ("Chama o Ganso!", 26/06/2010);

> **O lateral passava em direção à linha de fundo**, feito uma locomotiva, **doido para receber o passe**. **O meia**, fosse Elano, Robinho, Kaká, qualquer um, **cortava para dentro. O lateral exilado voltava correndo para o campo de defesa.** ("O exílio dos laterais", 16/06/2010)

Em 2010, dois escritores também cobriram a copa do mundo para a Folha de São Paulo. José Simão e Xico Sá não trabalham com esporte, e sim com o humor; por isso, suas crônicas não vão falar de esquemas táticos ou análises de jogadas, mas de aspectos específicos ou destacados da competição, envolvendo o Brasil ou outras equipes.

A análise se deteve em Simão que, por exemplo, sempre inicia seus textos com a expressão "BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! Direto da Cópula do Mundo!" e encerra com "Nóis (sic) sofre, mas nós goza. Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno", traços que tentam provocar humor. Tais referências levam à conclusão de que o escritor não vai tratar a competição de uma forma séria, como os outros colegas do caderno de esportes.

José Simão é outro jornalista fora de sua "zona de conforto". Ele é um profissional que costuma trabalhar com humor, e as suas crônicas esportivas na Folha de São Paulo na copa de 2010 novamente levam a falar da função-autor de Foucault e da legitimação do discurso do jornalista dentro da área de esportes. Através das referências a elementos conhecidos do futebol, como as coberturas esportivas da televisão, as citações a jogadores, técnicos e seleções que se destacam na copa, seu estilo de escrita menos preocupado com esquemas táticos e análises da partida, com uma abordagem mais leve e debochada dos jogos e de seus jogadores, mantém sua presença como autor do texto mesmo dentro de um local onde ele não

está habituado – e onde o seu ethos não é o comum no contexto atual da crônica esportiva – José Simão se inscreve como uma nova posição-sujeito (Foucault), ocupando esse espaço.

Ler os textos de José Simão na Copa da África é uma forma interessante de perceber algumas das pessoas que se destacaram na competição. Fora de campo, os dois exemplos mais enfatizados são os técnicos de Brasil e Argentina, Dunga e Maradona, respectivamente.

O técnico brasileiro é criticado por seu temperamento, figurino e escolhas táticas. Ressalta-se que não apenas Simão, como outros jornalistas nas crônicas de 2010 têm Dunga como grande destaque, o que não ocorre em 2006.

> Ganhamos! **APESAR DO DUNGA!** Ufa! Não foi vitória. Foi ALÍVIO! [...] A seleção tava dormindo. Eles tomaram Lexotan? **A Selexotan do Dunga!** Assim não dá! Vou devolver minha televisão pras Casas Bahia! Rarará![...] **E o casaco do Dunga? Dunga veste o casaco da Lady Gaga! O casaco é Herchcovitch! Parecia uma paquita!** (grifo meu) Rarará! ("Vamo roncá a vuvuzela", 16/06/2010);

> E o Brasil não precisa de técnico. O melhor técnico foi o Feola. Que dormia no banco! [...] **E o figurino do Dunga? O Dunga amarelou na sua caminhada fashion: trocou o Herchcovitch por um casaco da Zara. Saudade das camisas do Dunga. Daquela camisa xadrez, em que ele ficava parecendo sanfoneiro de puteiro**! (grifo meu) Rarará! ("A vuvuzela ficou rouca!", 21/06/2010)

> **Dunga burro! O estábulo do Dunga caiu! Vou enfiar uma vuvuzela no fiofó do Dunga! Rarará.** [...] E o Twitter explodiu logo após o jogo. Em vez de derrubar a Holanda, **o Dunga derrubou o Twitter! Rarará! E depois da passagem do Dunga pela África, eles vão incluir MULA SEM CABEÇA em safári.** Com direito a atirar**! Dunga, cadê o meu feriado de terça-feira? E a famosa trinca do Dunga? Dunga vai de trinca.** (grifos meus) A trinca trincou! ("Dunga burro!", 03/07/2010)

Já Maradona é alvo de piadas por parte de José Simão em alguns dos textos, a depender da equipe argentina ter jogado naquele dia ou ainda entrar em campo. Seus trocadilhos normalmente são a respeito da altura do ex-jogador ou de suas atitudes como técnico. Outro destaque sobre o tratamento dado por Simão a Maradona é que o então técnico da Argentina é considerado um dos maiores jogadores de todos os tempos, atrás apenas de Pelé, e nasceu no país vizinho, com quem o Brasil tem uma histórica rivalidade, principalmente no futebol. Por isso, as piadas em torno de Maradona não são apenas com atributos oferecidos pela própria

personalidade do alvo, mas também é um discurso produzido dentro de um universo de outro discurso, muito maior, que é a rivalidade Brasil x Argentina no futebol, e por consequência, a rivalidade entre Pelé e Maradona – elementos que são identificados e considerados pelo leitor que conhece sobre futebol.

"**E o Maradona é o Nelson Ned da Argentina!"** (grifo meu) ("Ueba! Bingo do Galvão!", 20/06/2010);

"**E duas coisas que ainda não vi nesta Copa**: a seleção jogar bonito e **o pescoço do Maradona!**" (grifos meus) ("Sem Kaká é um Kokô", 26/06/2010);

"**E o Maradona manda avisar que aquele monte de beijo que ele dá no Messi é só BEIJO TÉCNICO!"** (grifo meu) ("Me mata! Me mata!", 29/06/2010)

Além dos dois técnicos, José Simão também destaca jogadores que tiveram protagonismo na Copa, em especial o meia-atacante Kaká e o volante Felipe Melo.

"E olha a pichação que eu vi em um muro: **KAKÁ EXPULSÚ!** Adorei. Agora só vou escrever assim: expulsú!"[5] (grifo meu) ("Portuga joga de camisola!", 25/10/2010);

"E o Kaká não fez muitos passes porque quem dá passe é pai de santo. Rarará! Kaká! Booooota pra orar!" (grifo meu) ("A vuvuzela ficou rouca!",21/06/2010);

"E o Kaká tá virando "bad boy"! (grifo meu) Quando criança, ele roubou dois brigadeiros antes de cantar parabéns. Crime hediondo. E olhou para as pernas duma mulher na rua! Cartão vermelho!" ("Me mata! Me mata!", 29/06/2010);

"**E ainda bem que o Felipe Melo não jogou. Ele não faz falta. Ele SÓ faz falta. O "Kibeloco" disse que o Felipe Melo não nasceu, foi expulso. E, quando transa, ele não usa camisinha, usa caneleira!"** (grifo meu) ("Me mata! Me mata!", 29/06/2010);

"E chute agora é "dar um felipe melo"! Vou te dar um felipe melo. PAHN! Dê um felipe melo no seu melhor amigo." (grifo meu) ("Dunga burro!", 03/07/2010);

Galvão Bueno foi uma figura especial na copa de 2010. Uma campanha surgida na internet contra o narrador esportivo tornou-se um viral mundial. Por isso, alguns dos maneirismos de Galvão durante as narrações dos jogos foram ressaltadas pelo jornalista.

[5] Referência à expulsão de Kaká no jogo contra a Costa do Marfim.

Maneirismos que são conhecidos pelo público leitor, que com o reconhecimento dos jargões, encontra o elemento de humor e pode rir do texto.

"Acorda! Que lá vem o Galvão com cara de pão na chapa! O duro de o jogo ser às 11h é acordar com o Galvão. Melhor acordar que dormir com o Galvão. (grifo meu) Rarará!" ("Ueba! Abre a boca, Galvão", 02/07/2010);

"**E eu já disse: Galvão e vuvuzela! Tecla mute. Ops, TECLA MATE! Rarará! E o Galvão, o Hexagerado? O Galvão acha que sabe tudo.** (grifo meu) Até a idade da Glória Maria!" ("Vamo roncá a vuvuzela", 15/06/2010);

> **BINGO DO GALVÃO! Corre na internet o Bingo do Galvão.** Para jogar durante o jogo. **Imprima a cartela e marque um X sempre que o Galvão falar uma dessas frases manjadas: 1) Bem, amigos da Rede Globo. 2) Este jogo é um teste pra cardíaco. 3) Casagrande, você acha que o Ganso e o Neymar estão fazendo falta? 4) Isso pode, Arnaldo? 5) Eu conversei com ele no saguão do hotel. 6) Haja coração! 7) RRRrrr 8) ERRRRGUE o braço! Rarará! Diversão garantida. O Galvão é o bônus track da Copa do Mundo.** (grifo meu) ("Ueba! Bingo do Galvão", 20/06/2010).

Outras características encontradas nos textos de José Simão são os trocadilhos e piadas com as equipes adversárias do Brasil antes ou depois dos jogos, usando alguma característica do país em questão ou um elemento conhecido para criar uma situação de humor.

"**E pra jogar contra a Costa do Marfim tem que convocar o Maguila, o Mike Tyson, o Popó, o Pitbull Dilacerador de Vísceras e a Edinanci**!"[6] (grifo meu)("A vuvuzela ficou rouca!", 21/06/2010);

> **Brasil contra Coreia do Norte! A terra do ditador Kim Jong.** E o Eramos6 revela o time da Coreia do Norte**: Kim Jong Fui, Kim Jong Tô, Kim Jong Vai, Kim Jong Já, Kim Jong BUM, Kim Jong Cu, Kim Jong Zé e Kim Jong Né! O ataque atômico! Vamos bombá esse ataque!** ("Vamo roncá a vuvuzela!", 15/06/2010); (grifo meu)

> Brasil contra Portugal! **E sabe como se chama camiseta em Portugal? Camisola! Eu tô louco pra ver o Cristiano Ronaldo de camisola! Rarará! Portugal vai jogar de camisola!** ("Portuga joga de camisola!", 25/06/2010). (grifo meu)

[6] Referência ao fato da Costa do Marfim ter jogado de forma violenta contra a seleção brasileira.

3.3 Público alvo: leitor-torcedor

Mas o discurso não é feito apenas pelos autores. Quem lê o que é produzido não é um público comum – é um leitor-alvo, chamado "leitor-torcedor". Ele seria o coenunciador a quem se dirigem os textos escritos pelos jornalistas e escritores.

Esse "leitor-torcedor" tem inspiração num conceito desenvolvido por Eliseo Verón, dentro de uma estrutura chamada "dispositivo de enunciação", que comporta o "enunciador" (no caso, o cronista), que seria a imagem de quem fala; o destinatário (o coenunciador ou leitor-torcedor), que aparece a partir da construção do lugar desse enunciador; e a relação entre o enunciador e o coenunciador, que é proposta no e pelo discurso. Em resumo: o leitor-torcedor aparece dentro de uma construção discursiva produzida pelo enunciador (o cronista esportivo), formada como já vimos, por expressões e jargões conhecidas por esse coenunciador, que está acostumado a ler tais expressões nos cadernos esportivos.

O leitor-torcedor também é inspirado num leitor "ideal" proposto por Maingueneau: um destinatário que pode ter sua atenção requerida através da competência linguística ou pelo conhecimento enciclopédico. Em jornais regionais, ou hard news, o leitor modelo é um público heterogêneo, não é segmentado. Seriam, como diz Maingueneau em "Análise de Textos de Comunicação", "aquelas que excluem um mínimo de categorias de leitores (públicos 'generalistas')". Já o "leitor-torcedor", que é o elemento destacado neste estudo, seria parte de uma produção midiática que "constrói seu público por exclusão (públicos 'temáticos')". Ou seja, o leitor de crônicas esportivas é o leitor engajado, segmentado, que conhece futebol e busca mais que informações sobre o time, sobre a seleção. Ele busca outra visão sobre o jogo. Ele não é apenas um interessado no esporte, ou torcedor apenas de Seleção Brasileira. Ele entende de futebol, conhece os jargões e procura textos mais opinativos sobre a equipe, seja para encontrar nesses textos uma corroboração da própria opinião (o pró-destinatário); ou não tem uma opinião formada sobre determinado assunto e procura por meio da crônica esportiva um convencimento através do discurso (o para-destinatário); ou, quando lê o texto do jornalista, acaba por se opor ao discurso dele (o antidestinatário) (VERÓN, 2004).

4. A construção temática da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2006 (ver crônicas no anexo A)

A Seleção Brasileira era vista pelas colunas e crônicas esportivas no caderno de esportes da Folha de São Paulo, na copa de 2006, como um grupo que tinha jogadores em sua melhor fase e que poderia ganhar a competição fazendo uma grande performance, comparável às seleções do passado, já que a equipe brasileira representava, através do "Quadrado Mágico" (Ronaldo Fenômeno, Ronaldinho Gaúcho, Kaká e Adriano), a tradição do "futebol-arte". Porém, para que o Brasil escrevesse seu nome na história como a Seleção de 1970 (com a qual era constantemente comparada), o elenco precisava se comportar como equipe (ou seja, deixar de ser apenas um selecionado de grandes talentos individuais).

4.1 13/06, Brasil x Croácia: expectativas positivas sobre a estreia

Os textos publicados no caderno de esportes do dia 13 de Junho, estreia do Brasil na Copa da Alemanha, são otimistas em relação às expectativas de que a seleção fizesse uma excelente copa. Os jornalistas e colunistas não esperam que o Brasil jogue de forma excelente contra a Croácia, mas que a vitória seja fácil.

O otimismo em torno da Seleção pode ser mostrado no trecho "O Brasil é a única seleção capaz de ganhar o título e dar show. Mas não deveria mostrar todos os seus encantos e segredos no primeiro jogo. Os artistas não devem também ter pressa de demonstrar toda a sua arte", no texto "Esperada estreia" (FSP, 13/06/2006) de Tostão. Ao mesmo tempo em que existe uma expectativa positiva sobre o desempenho do Brasil, há uma preocupação em que a seleção, comparada ao Brasil de outras copas, possa fracassar – a lembrança mais óbvia é a de 1982, como lembra Clóvis Rossi, usando as memórias do colega Juca Kfouri, no texto "Vale o que for escrito" (FSP, 13/06/2006):

"O fato é que, pelas memórias de Juca Kfouri, relatadas outro dia, o ambiente prévio à estréia na Copa de 1982 era parecido, talvez igual. Deu no que deu"; e "Como superstição e futebol são irmãos siameses, muita gente fica tremendo de medo de que 2006 repita 1982".

A comparação com as seleções passadas, que mesmo não conquistado o título (1982) ou ganho a copa (1970), jogaram o futebol-arte, é usado não apenas como um reforço da opinião dos colunistas. Para o leitor-torcedor, a referência de bom futebol, que honra a tradição

brasileira é o futebol ofensivo dos anos 70 e início dos anos 80, e a possibilidade de que a seleção de 2006 repita o desempenho das citadas acima – já que o quarteto ofensivo (o "quadrado mágico") estava em grande fase na carreira – era algo praticamente certo. Por isso, não é estranho os jornalistas estabelecerem tais comparações.

Uma abordagem mais realista foi a utilizada por Juca Kfouri no texto "A Croácia não é sopa" (FSP, 13/06/2006). Novamente se valendo de referências do passado (e da competência enciclopédica), desta vez ele explica que o Brasil nunca teve grande desempenho em estreias citando algumas das estreias brasileiras em Copas anteriores – e o Brasil teria alguma dificuldade com a Croácia, primeira adversária. Mas, assim como os outros colegas, ele acredita na vitória brasileira.

> Não é por outra razão que se fala sempre em síndrome da estreia, principalmente entre latinos, mais chegados ao emocional do que ao racional. Não, não estou a filosofar em alemão, embora sob a inevitável influência da Escola de Frankfurt. Nem a destilar pessimismo, porque acredito piamente que a seleção derrote a Croácia, que, diga-se, não é galinha-morta.

4.2. 14/06, Brasil 1x0 Croácia: Otimismo diminui

O otimismo das crônicas do dia anterior diminuiu nos textos do dia 14 de Junho. Tostão, em "Deu para o gasto" (FSP, 14/06/2006), descreve os principais acontecimentos do jogo e exalta a atuação de Kaká, autor do único gol brasileiro. O cronista minimiza a exibição discreta do Brasil no jogo e retoma o discurso do dia anterior, em que declarou "Fica a esperança de que os grandes times nunca mostram os seus encantos e segredos no primeiro jogo".

Juca Kfouri também fala em "vitória magra, bem ao estilo, aliás, das estreias brasileiras" e também exalta Kaká. No texto, para reforçar que não acreditava num grande desempenho da equipe, recorre à interatividade com o leitor-torcedor, ao dizer "Nada mais chato do que dizer 'bem que eu avisei', mas nada mesmo me dava a ilusão de que pudesse ser diferente". Mas o jornalista centraliza seu texto na atuação de Ronaldo Fenômeno (aliás, o título do artigo é "Dá nele, bola!" e o subtítulo é "É preciso dizer a Ronaldo que ele tem de

treinar mais para ser titular”). No seu texto, Kfouri mostra preocupação com o peso de Ronaldo, com o desempenho ruim do jogador na estreia do Brasil e chega a escrever

> Jamais imaginei que quando visse um lançamento para Ronaldo, o homem que decidiu a Copa de 2002, a primeira coisa que viesse a minha cabeça fosse a mesma quando uma bola é lançada para um desses grossos que infestam o futebol: “Ah, bola pra ele não adianta”

Clóvis Rossi, em “Bateu ponto. E só” (FSP, 14/06/2006), questiona a veracidade da constatação de que a seleção de 2006 seria a melhor de todos os tempos. E se enganou, ao assistir a um jogo que, segundo ele, “não viu nem sombra” do que a imprensa e o público (aí se inclui o leitor-torcedor) haviam alardeado. Rossi ainda conserva certo otimismo, como no trecho

> Se estivesse de mau humor, diria que o Brasil jogou preguiçosamente, sovinamente. Mas, em tributo póstumo aos artistas que ontem não o foram, digamos que a seleção parece ter a tranqüila certeza de que, cedo ou tarde, faz um gol e mata o jogo.

No entanto, já existe no texto um discurso crítico em torno da estreia da seleção e dos desempenhos ruins das principais estrelas no primeiro jogo – exceto Kaká.

4.3. 18/06, Brasil x Austrália: esperança de um desempenho mais convincente

Após a estreia, os colunistas esperam uma atuação melhor da seleção brasileira. É citada por Juca Kfouri a “ansiedade da estreia”, Tostão acredita que Ronaldo, após receber críticas por sua atuação contra a Croácia, jogue melhor contra a Austrália; e Clovis Rossi, o jornalista que mais reforça a comparação entre a Seleção Brasileira do presente com a do passado, relata o encontro que teve com Mazzola, campeão do mundo em 1958. Para separar as suas opiniões das do ex-jogador e agora comentarista de futebol na Itália, Rossi usa aspas como uma forma de modalização autonímica: ele não se limita apenas às frases que colocou ente aspas – essas frases, que são falas de Mazzola, estão inseridas para serem rebatidas ou corroboradas pela opinião do colunista.

> Pergunto o que ele acha da comparação que se fazia no Brasil (antes do jogo contra a Croácia) entre a seleção de 1970 e a atual. "Para começar, os cinco atacantes de 1970 eram gente séria", responde com aqueles gestos largos bem italianos. É, portanto, mais um julgamento extracampo. E questionável.

O julgamento extracampo é um juízo de opinião de Clóvis, que não concorda com a afirmação de Mazzola. Todo o texto "Gente Séria" (FSP, 18/06/2006) usa esse artificio das aspas para trazer a opinião de outra pessoa sobre a seleção – alguém importante, um jogador histórico como Mazzola – como também para oferecer duas opiniões sobre o mesmo assunto ao leitor-torcedor. Clovis Rossi não trata neste texto das expectativas sobre o jogo contra a Austrália e prefere continuar discutindo as impressões que teve do Brasil na estreia.

4.4. 19/06, Brasil 2x0 Austrália: mais uma vitória sem brilho

Mais uma vez, os jornalistas se decepcionam com a performance da Seleção Brasileira no 2x0 contra a Austrália. Há um sentimento de decepção, mas com um fio de esperança que o Brasil mostre o brilhantismo que havia sido depositado antes da copa. Tostão, em "Foi suficiente" (FSP, 19/06/2006), diz: "Escrevi antes da Copa que, se o Brasil ganhar o título, será com grande brilhantismo. Isso ainda não aconteceu, mas ainda há tempo".

Já Juca Kfouri, em "Na conta do chá" (FSP, 19/06/2006), novamente relembra outras copas – seguindo a tendência dos cronistas em 2006 de comparar sempre o Brasil com outras seleções do passado – mas desta vez ele não vai atrás de 1970 ou 1982. Kfouri relembra 1994, quando a seleção ganhou dois jogos na primeira fase e passou em primeiro lugar para as oitavas de final. Ele não explicita o porquê da referência, mas espera-se do leitor-torcedor que ele tenha em mente a lembrança da seleção campeã daquele ano, que não ficou lembrada por ter um futebol condizente com as tradições do Brasil.

Para facilitar essa comparação, durante o texto o jornalista explica que o jogo do Brasil contra a Austrália foi mais uma demonstração de força que não tem a ver com a "escola brasileira" de futebol (palavras dele). Para confirmar sua tese, Kfouri diz que"A busca do equilíbrio entre força e jeito parece ser o desafio do time, e não é por acaso que gente refinada como Robinho e Juninho está no banco".

Quem está na lente dos cronistas agora é Ronaldinho Gaúcho, melhor jogador do mundo à época, e que teve um início de Copa do Mundo aquém das expectativas dos jornalistas. Tostão diz que

> Ronaldinho Gaúcho foi excelente na armação das jogadas, porém no Barcelona ele é também um excepcional atacante, o que não foi nos dois primeiros jogos.

Juca Kfouri escreveu que

> Como Ronaldinho está a léguas de ser ele mesmo, o resultado é que Kaká fica sobrecarregado e precisa se desdobrar. O gaúcho tem consciência, como disse à **Folha**, de que está devendo e será preciso subir rapidamente os degraus em busca de todo o seu jogo -que melhorou da Croácia para a Austrália. Porque o que estaria de bom tamanho para um mortal comum é muito pouco para ele.

E Clóvis Rossi, em seu texto "Brasil 2, Mágica 0"(FSP, 19/06/2006) pela primeira vez cita a expressão "quadrado mágico" – na verdade "quadrado supostamente mágico", já que os jogadores que faziam parte desse esquema tático não jogavam o que se esperava deles. Ele também faz críticas a Ronaldinho Gaúcho em "Ronaldinho, melhor jogador do mundo segundo a Fifa, tropicando na bola" e

> Falta ao Brasil -ontem como contra a Croácia- meio-campo que crie. É inacreditável que uma seleção como essa tenha Lúcio como meio-campista (e até atacante) improvisado. Nem Ronaldinho está criando.

O texto possui várias marcas da personalidade do cronista, que conversa com o leitor-torcedor, convocando-o para discutir o que está sendo falado no texto e usando expressões e frases que são comuns na linguagem do torcedor de futebol – principalmente no trecho

> O prêmio ao esforço veio no segundo gol, obra conjunta dos dois (chute de Robinho na trave e rebote para Fred tocar para o gol vazio). **Você aí que viu da poltrona e é cético pode até dizer: "Esse, até eu faria".** (grifo nosso)

4.5. 22/06, Brasil x Japão: possíveis mudanças na escalação

Como o Brasil já estava classificado para as oitavas de final, o jogo contra a seleção japonesa serviu para o técnico Carlos Alberto Parreira fazer algumas mudanças no time, com a entrada de Robinho, Gilberto Silva, Cicinho, Gilberto e Juninho Pernambucano. Por causa dessa nova configuração da seleção, os textos que saíram no dia 22 de junho, data do jogo, falam da expectativa em torno de uma boa apresentação desses jogadores e a possibilidade de mudanças na equipe titular para o resto da Copa.

Tostão, em "Menos alegria" (FSP, 22/06/2006), questiona o que pode acontecer se o Brasil jogar mal e perder com os jogadores reservas que foram escolhidos para a partida; ou se a seleção tiver um bom desempenho, melhor que nos outros jogos. No texto "Inveja dos Hermanos" (FSP, 22/06/2006), de Juca Kfouri, o cronista escreve três pequenos textos com dois intertítulos, mas o tema de dois deles é o mesmo, sob visões diferentes: o primeiro fala da Argentina, que segundo Kfouri, joga o melhor futebol da copa. No terceiro texto, chamado "Parreira misterioso", ele também fala sobre a dúvida em torno da nova escalação da seleção brasileira na partida contra o Japão e se o técnico deveria poupar titulares ou jogar com o time principal para ganhar padrão de jogo. No final, ocorre a ligação entre o primeiro e o último texto: quando ele fala ". Para diminuir a inveja que hoje sentimos dos brilhantes hermanos argentinos, que odeiam amar o Brasil, enquanto nós amamos odiá-los", o que Kfouri quer dizer é que a Argentina joga o futebol na copa da Alemanha que *nós*, os *brasileiros*, deveríamos mostrar.

Já Clóvis Rossi, em "'Tops' fora dos 'tops'" (FSP, 22/06/2006), novamente fala do "quadrado mágico", mas com uma conotação mais crítica e de mea culpa:

> Será que vou ter que publicar um "erramos" para coluna que escrevi no ano passado, dizendo que o 'quadrado mágico' de 2006 poderia ser tão bom ou melhor que o de 1970?

Mas o colunista ressalva: "Mas, atenção, meu quadrado era Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo e Robinho, sem Adriano".

4.6. 23/06, Brasil 4x1 Japão: melhor atuação brasileira na Copa

Há um sentimento de alegria pelo futebol apresentado pelo Brasil, mais parecido com o que a imprensa e a torcida esperavam na Copa da Alemanha, mas também de dúvidas, sobre se o técnico Parreira fizesse as mudanças necessárias para tornar o time mais rápido e habilidoso. Essa preocupação se reflete em trechos como

> A seleção brasileira apareceu em Dortmund. Em alguns momentos, em grande, brilhante estilo. Graças, diga-se, à coragem que Parreira teve em criar uma porção de problemas para ele mesmo.

de "Apareceu o futebol" (FSP, 23/06/2006), escrito por Juca Kfouri; e

> No final da partida, a TV mostrou o Parreira e o Zagallo sérios e preocupados. Deviam estar pensando nos problemas que criaram com a escalação dos novos jogadores. Juninho, Robinho e Gilberto Silva merecem ser titulares, não somente por esse jogo, mas pelo que sabem jogar. Parreira, coragem.

de "Parreira, coragem" (FSP, 23/06/2006), escrito por Tostão.

Ainda na mesma crônica, Tostão exalta a seleção a entrada dos novos jogadores. O cronista, que havia mostrado preocupação com o desempenho de Ronaldinho Gaúcho no segundo jogo, elogia sua atuação e retoma as comparações com as seleções do passado – no caso, compara o jogador a nomes como Gérson e Rivellino – "Ronaldinho deu passes espetaculares. Jogou como um Gerson, um Rivellino. Mas no Barcelona é uma mistura de Gerson e Zico".

Ronaldinho também é exaltado por Juca Kfouri em "Apareceu o futebol", e por Clovis Rossi em "Não falei?"(FSP, 23/06/2006). O primeiro declara que a partida trouxe um Ronaldinho que teve "muitos momentos do Ronaldinho que todos queremos ver" – o jogador genial do Barcelona. Já Rossi também faz referência ao time catalão, no trecho

> [...] porque Ronaldinho conseguiu, pela primeira vez, fazer a metade das artes que lhe deram o título de melhor jogador do mundo: a arte da assistência aos companheiros, uma chuva delas aliás. Uma delas, o toque na área para Ronaldo chutar para fora, foi nível Barcelona.

É importante ressaltar que o Brasil começou perdendo de um a zero do Japão, o que levou o próprio Juca Kfouri a escrever:

> a melhor apresentação brasileira quase foi castigada com uma derrota parcial, não fosse o gol de Ronaldo, nos acréscimos do primeiro tempo. Parreira já devia estar com o discurso pronto: "Vocês viram o espetáculo que queriam e a derrota inevitável".

Essa frase não foi dita por Parreira, mas a responsabilidade dessa frase hipotética para o técnico, colocada por meio das aspas, mostra que o jornalista conhece a filosofia do técnico, e sabe que o leitor-torcedor também conhece a forma de ver o futebol de Parreira. Por esse motivo, a frase, dentro do contexto do jogo e do homem que comanda o time brasileiro, torna-se uma verdade, mesmo que a citação nunca tenha sido dita por Parreira.

Já Clovis Rossi, o jornalista que mais estabelece comparações entre o Brasil de 2006 e o Brasil de 1970, retoma a comparação e a expressão "quadrado mágico", ao afirmar:

> Nem vou ser convenientemente esquecido e deixar de dizer que escrevi que o "meu" quadrado mágico poderia ser tão bom ou melhor do que o quadrado de 1970.

Aliás, o texto começa com marcas do enunciador, que está sempre conversando com o leitor-torcedor. Quando ele coloca entre aspas a expressão "eu não falei?", sobre o "quadrado mágico" que daria certo ser o formado por Ronaldinho Gaúcho, Kaká, Ronaldo e Robinho, ele leva em consideração que o leitor do caderno acompanha os seus textos e sabe que ele defendia essa escalação.

4.7. 27/06, Brasil x Gana: pouco destaque antes do jogo

Robinho, um dos destaques da Seleção na Copa, se contunde e não pode jogar contra o time africano. Por causa disso, os jornalistas lamentam a ausência do jogador e discutem possibilidades de escalação para a próxima partida. Mas o tema principal da maioria dos textos são as oitavas de final da Itália contra a Austrália, em que a equipe europeia foi beneficiada por um erro da arbitragem e se classificou para as quartas-de-final com um futebol considerado "feio" pelos cronistas.

A escalação da seleção brasileira para o jogo contra Gana é o tema principal do artigo "Teoria e prática" (FSP, 27/06/2006), de Tostão. Ele discute quem pode jogar como titular, já que Robinho se machucou. Refletindo os anseios do leitor-torcedor, ele escreve que

> todo o país lamenta a ausência de Robinho, como se já tivesse sido escalado. De repente, Robinho se tornou insubstituível. Ele merece ser titular, mas ainda não é uma estrela do time. É uma esperança.

mostrando a postura mais equilibrada que é característica de seus textos, buscando certa imparcialidade.

Juca Kfouri, em "Interesse superior" (FSP, 27/06/2006), também faz referência à falta de Robinho na seleção, como em "Bom será se Parreira, ao menos, já que não tem Robinho, optar por entrar com Juninho e adiantar Ronaldinho para fazer dupla com o Fenômeno".

Clovis Rossi, em "A ilusão italiana" (FSP, 27/06/2006), não comenta sobre a ausência de Robinho nem teoriza a respeito das mudanças no time. O tema principal do seu texto é o desempenho italiano na copa a partir do jogo contra a Austrália. A única referência ao Brasil é no trecho em que ele relata sobre a Austrália ter oferecido resistência contra a Itália. Para ele, isso não significa que a equipe da Oceania seja "uma Brastemp" (referência a uma famosa campanha publicitária em que a marca de eletrodomésticos é colocada como modelo de produto de boa qualidade) e que as críticas contra a seleção brasileira no jogo contra a Austrália na primeira fase foram injustas.

4.8. 28/06, Brasil 3x0 Gana: vitória decepcionante

A vitória do Brasil, surpreendentemente, foi criticada pelos cronistas. Segundo Juca Kfouri, em "Me engana; eu gosto" (FSP, 28/06/2006), "ontem, porém, o time involuiu, não só em relação à terceira partida, disputada por uma equipe inteiramente diferente, mas mesmo em relação ao prélio com a Austrália".

Clovis Rossi, em "Fome zero" (FSP), 28/06/2006), declarou que o Brasil "ganhou menos por seus méritos e mais pelos defeitos do adversário". Já Tostão disse que a partida foi atípica (o título da sua crônica é "Vitória atípica", FSP, 28/06/2006), e escreveu que "prevaleceram a qualidade, a experiência e a mística do futebol brasileiro". Ou seja, o Brasil

ganhou mais por causa do “peso da camisa”, contra uma seleção pequena e estreante em copas.

Tostão também criticou o jogo da seleção, declarando que o Brasil jogou no contraataque enquanto Gana pressionava. A seleção africana apenas não teria ganho o jogo porque “não sabe finalizar”. Juca Kfouri usou a expressão “Estranho, o futebol”, para pontuar momentos do jogo. O primeiro momento em que ele usa é para introduzir a história do jogo, como o Brasil começou a partida.

> A seleção começou bem, teve uma chance de gol logo de cara mal impedida pelo bandeirinha, fez 1 a 0, deu a impressão de que golearia e, às tantas, parou.

Na segunda vez em que a frase é usada, Kfouri escreve que “Dida foi o melhor brasileiro em campo, com três defesas dificílimas, uma delas meio de susto, com os pés”.

E na terceira vez em que ele usa a frase “Estranho, o futebol”, Kfouri segue a opinião do colega Tostão e afirma que “Gana chutou muito mais no gol que o Brasil, embora Gana tenha menos pontaria até do que a Suíça”.

Importante ressaltar novamente a interatividade com o leitor-torcedor. A crônica, por ser um texto mais leve e opinativo, permite maiores liberdades com o leitor. O escritor pode conversar com ele e usar expressões e construções frasais mais próximas da realidade de quem está lendo o texto, para reforçar uma opinião e permitir uma interpretação por parte do leitor. No trecho “Convença Parreira de que a seleção não foi bem” Juca Kfouri não apenas reforça a ideia de que o Brasil não jogou bem contra Gana; ele também escreve que Parreira acredita que a seleção jogou bem e convoca o leitor a concordar com sua afirmação, ao escrever “convença” como uma pergunta indireta, denotando uma ordem.

4.9. 01/07, Brasil x França, otimismo dos cronistas

As quartas-de-final da Copa da Alemanha são contra a França. Tanto Juca Kfouri quanto Tostão destacaram ainda nas resenhas do jogo contra Gana que a Copa começaria com o jogo da França, já que a equipe liderada por Zinedine Zidane era a primeira grande seleção qualificada que o Brasil enfrentaria. No caso de Tostão, sua crônica "Jogo de Craques" (FSP, 01/07/2006), destaca os defeitos do Brasil e como a França vai jogar no dia da partida (que é a data da publicação da crônica). Mesmo assim, há um otimismo por parte do cronista, que escreve:

> Os craques costumam crescer nos jogos importantes. Como há craques dos dois lados, um pouco mais do Brasil, deve ser uma partida sensacional.

O que não é usual, já que as marcas do texto de Tostão sempre tentam ser imparciais e críticas em relação à seleção brasileira. Interessante destacar que há ainda a expectativa de que o Brasil tenha um desempenho que torne realidade as esperanças da imprensa e da torcida em relação ao futebol – e que só foi visto no jogo contra o Japão, na primeira fase.

Juca Kfouri, em "Chora, Argentina", destaca a derrota do país sulamericano contra a Alemanha nas quartas-de-final. Apenas no fim do texto, ele faz referência ao Brasil, se valendo novamente de uma de suas características no texto: a interatividade com o leitor, dizendo que ele não se esqueceu de falar sobre a Seleção Brasileira.

> E não pense o raro leitor ou leitora que, depois do alerta sobre o perigo que nós, jornalistas, representamos, estou aqui a encher lingüiça para não fazer uma previsão sobre o jogo que mais nos interessa, contra a França.

Kfouri também é um dos jornalistas otimistas em relação ao desempenho do Brasil nas quartas.

Já Clóvis Rossi não tratou da seleção. No seu texto "Germanizou, perdeu", o jornalista conta a derrota da Argentina contra a Alemanha, criticando a opção do técnico José Pekerman em jogar um "estilo europeu", abdicando de um meia de criação (Riquelme) por um jogador de características parecidas com a do adversário.

4.10. 02/07, Brasil 0x1 França: derrota e decepção

A decepção é a marca de todos os textos publicados em 2 de julho, no dia seguinte à derrota contra a França. Tostão, mais equilibrado, em sua crônica "Agora acabou" (FSP, 02/07/2006), inicia contando a sua própria história de quando foi eliminado de sua primeira copa do mundo. Ao criar um cenário para contar sobre a derrota brasileira, no qual ele diz saber o quanto é triste para um atleta ser eliminado da competição, Tostão afirma que "a vida é feita de derrotas e de vitórias". Pode-se dizer que o escritor convoca o leitor-torcedor a não se exaltar com a derrota e tratar a situação como algo natural.

Ao mesmo tempo, Tostão faz um mea culpa a respeito das expectativas depositadas na seleção ao afirmar que

> A conquista da Copa das Confederações e a goleada sobre a bastante desfalcada Argentina nessa competição foram uma ilusão. O mundo achou que o Brasil tinha uma seleção maravilhosa, que ganharia fácil o Mundial.

Tostão conversa com os leitores, afirmando que sabe que alguns deles queriam que ele escrevesse que

> que os jogadores não se empenharam, pois estão ricos e famosos, que as estrelas são atletas enganadores, que os veteranos não conversavam com os novos, que a patrocinadora da seleção escala o time e outras coisas desse tipo.

Mas Tostão reafirma que só pode criticar o que vê, reforçando uma das marcas mais importantes de seu texto, que é o equilíbrio, a linguagem simples e contida, sem excessos, numa busca pela imparcialidade.

Juca Kfouri enquadra o assunto do texto de outra maneira. Com o título "É tua, Felipão!" (FSP, 02/07/2006), ele introduz a crônica dizendo que "só Felipão pode vingar os brasileiros". Luiz Felipe Scolari tinha sido técnico da seleção brasileira na copa de 2002, vencida pelo Brasil na Coréia e no Japão, e agora era técnico de Portugal, que enfrentaria a França na semifinal da competição. Por ser brasileiro, e o autor do texto, sabendo da simpatia que Scolari gozava dos torcedores brasileiros, buscou associar a possível conquista portuguesa a uma "vingança" nacional, por causa da desclassificação nas quartas-de-final.

Kfouri critica a escalação de Parreira para o jogo, mas dizendo que a escalação era pedida por muitos "como este colunista", mas o time não quis. Chamou o Brasil de "um bando de craques", comparando à seleção campeã em 1994 sob o comando do mesmo Parreira, que classificou como uma seleção "apenas média".

O jornalista também disse que o Brasil perdeu jogando mal e de forma que contradizia a tradição do "jogo bonito" do Brasil. Tanto que declarou: "Castigo do deus dos estádios. Tem de ser. Quem recusa o jogo bonito merece todos os castigos. Pois perdeu jogando feio, muito feio.

Usando uma linguagem direta e mais crítica, mais próxima do que o Tostão afirmou que "os leitores" queriam ler nos textos, Juca Kfouri escreveu que

> E, se Portugal não tem um grande time, tem a volúpia que a milionária seleção brasileira deixou nos bancos europeus e nos anúncios de bebida, entre outros tantos, sem cabimento.

Clóvis Rossi, que usa uma linguagem com mais referências a escritores e personalidades do passado, na sua crônica "Os Sem-Alma" (FSP, 02/07/2006), exaltou o jogo de Zinedine Zidane, o meia francês, e chamou sua atuação de "recital de magia". "Magia", cujo derivado "mágico" costumava ser associado ao Brasil, o que mostra a decepção com a seleção brasileira não apenas no jogo, mas na copa como um todo. O trecho a seguir pode confirmar essa constatação.

> É daqueles de ficar na história o recital de magia que Zidane aplicou ontem em uma seleção brasileira sem alma, sem organização, sem futebol, sem nem sequer lampejos daquela mágica de que tanto falamos os jornalistas.

Outro trecho que confirma a conclusão negativa sobre o desempenho do Brasil na Alemanha está em

> Pena que não teve um adversário à altura. O Brasil cometeu todos os pecados que haviam sido apontados à exaustão durante os quatro jogos anteriores, mais ou menos perdoados porque o time ganhava, aos trancos (exceto contra o Japão), mas ganhava.

Rossi, um dos defensores do “jogo bonito”, disse em seu texto que “em vez de futebol feio, mas de resultados, teve-se futebol feio e sem resultado”.

Ele também cita Felipão e a seleção portuguesa, no trecho

> A alma que o Brasil não mostrou em Frankfurt estava em Gelsenkirchen, onde Portugal de Luiz Felipe Scolari, desfalcado de seu "Zidane" (o meia Deco), matou-se em campo durante 120 minutos mais os pênaltis e foi à semifinal.

reforçando que a seleção brasileira jogou desinteressada a copa, e mereceu a desclassificação.

5. A construção temática da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2010 (ver crônicas no anexo B)

A Copa do Mundo de 2010, realizada na África do Sul, recebeu uma seleção Brasileira diferente da competição anterior. O técnico Dunga, que tinha uma relação difícil com a imprensa, convocou uma equipe sem grandes estrelas – exceto Kaká e Robinho – e não levou para a África duas promessas brasileiras: Neymar e Ganso.

O estilo de jogo do Brasil, valorizando os contraataques em detrimento de um jogo mais solto, improvisado e coerente com as "tradições" brasileiras, é alvo de críticas durante o período em que o Brasil está na Copa. Dunga também é criticado por suas escolhas de escalação e seu comportamento fora de campo.

5.1. 15/06, Brasil x Coreia do Norte: destaque para o Dunga

A estreia do Brasil na África do Sul aconteceu contra a Coreia do Norte, um país comunista e fechado, cujos jogadores praticamente não se sabia nada sobre.

O foco das crônicas não é uma análise das tensões da estreia, e sim a respeito da relação de Dunga com a imprensa. Em "Brasil em Campo" (FSP, 15/06/2010), de Tostão, ele chama a seleção de "fechada" e "inacessível", e que

> Para Dunga, Jorginho e vários atletas, os jornalistas torcem contra o Brasil. Não percebem que a função da imprensa não é torcer, e sim elogiar e criticar com total isenção.

Ao escrever, dois parágrafos depois, que "Se o Brasil ganhar o título, Dunga será o maior dos heróis e, se perder, o maior dos vilões", Tostão oferece ao leitor-torcedor uma reflexão sobre as consequências da relação de ódio com a imprensa. Se o técnico for campeão do mundo, ele será ovacionado. Se a campanha for fracassada, ele será criticado por muito tempo.

Tostão relata como a Coreia do Norte deve jogar e como o Brasil deve entrar em campo para vencer a equipe asiática. E destaca a importância de Kaká, agora o grande líder do time; e Robinho, que em 2006 era uma esperança, mas em 2010 também é uma das lideranças.

Paulo Vinícius Coelho não estava presente na Copa da Alemanha. Ele é um dos cronistas da Folha de São Paulo para a competição em 2010, e no texto "É você, Dunga!"

(FSP, 15/06/2010), ele também destaca a personalidade de Dunga, e suas decisões como treinador. Assim como Tostão, PVC (como o jornalista é conhecido) destaca que:

> Não adianta ganhar a Copa América, a Copa das Confederações, fazer treino aberto ou fechado, agradar ou desagradar aos patrocinadores, montar uma seleção de craques ou de coadjuvantes.

Ele também destaca o que um treinador deve fazer, como ele deve agir, e de uma forma sutil, critica o comportamento de Dunga em relação à imprensa.

> Vencer exige entender se o time montado nos últimos quatro anos é perfeito ou precisa de ajustes. Exige fazer mudanças rápidas, ao perceber que as coisas não vão bem. Técnico serve para isso, não para fechar a porta e a cara quando se espera que olhe nos olhos das pessoas e dê as explicações que lhe são cobradas. Exige saber as qualidades e os defeitos dos rivais e de seu próprio time.

PVC também faz referência a como Dunga será tratado se ganhar ou perder a copa: “O que tem valor é estar na África no dia 11 de julho. Se vencer, Dunga será um técnico consagrado. Se perder, um ditador irremediável”.

Pouco é falado da Coreia; apenas como eles pretendem jogar, e se aproveitar da vulnerabilidade do lateral-esquerdo Michel Bastos para fazerem suas jogadas neste lado. Ele também fala que a Coreia do Norte é uma defesa fechada, e o Brasil tem dificuldades em jogar contra defesas fechadas.

Juca Kfouri, no seu texto “Prontos para o Hexa” (FSP, 15/06/2010), também reforça e critica aspectos da personalidade de Dunga, como a raiva contra a imprensa (na primeira frase do texto, “A tentativa de fazer da imprensa brasileira o rival principal da seleção meio que saiu pela culatra.”), e um elemento que ainda não apareceu em outras críticas: o estilo de jogo brasileiro. Essa hipótese pode ser vista em “Dunga não está preocupado em ver seus comandados dando show, fazendo bonito, embora não esteja proibido. Ele quer vencer e ponto” e

> O clima da crítica internacional é diferente do de 1994, quando não se entendia do que nós, críticos brasileiros, reclamávamos da seleção de Parreira.[...]Pois agora também os estrangeiros estão se queixando de que os brasileiros abandonaram o "beautiful game", acusados de maltratar a bola em nome do pragmatismo.

O leitor-torcedor, que acompanhou a copa de 2006, em que a Seleção Brasileira chegou à Alemanha como a representante do "jogo bonito", e a que mais realizava o "futebol-arte"; mas que no final, não cumpriu todas as expectativas, é levado a realizar essa comparação, já que o Brasil comandado por Dunga joga de forma prática, investindo nos contraataques.

Juca Kfouri, assim como os outros cronistas, acha que o Brasil leva o hexa (tanto que o título é "Prontos para o Hexa!", com o acento de exclamação para reforçar o sentido de certeza e otimismo pelo título); porém, o jornalista queria ver uma conquista com jogo bonito, enquanto Dunga não valoriza esse detalhe.

No caderno de esportes da Folha, aparecem crônicas que tratam da Copa do Mundo sob uma esfera mais divertida, engraçada, do que séria e com foco nos aspectos do jogo em si. As crônicas escolhidas que primam por esse aspecto são as de José Simão.

Elas não tratam da estreia brasileira, mas falam de futebol, brincam com o adversário do Brasil, mas não deixam de criticar Dunga e seu temperamento difícil. Em "Vamo roncá a vuvuzela!"(FSP, 15/06/2010), Simão critica o temperamento difícil de Dunga, em "É HOJE! Que eu processo o Dunga. Por tentativa de homicídio. Ele quer nos matar do coração!", e "E sabe como se fala Dunga em africano? DUNGABURO! Rarará!"

O jornalista também escreve sobre a Coreia do Norte, brincando com os nomes comuns aos habitantes do país.

> Brasil contra Coreia do Norte! A terra do ditador Kim Jong. E o Eramos6 revela o time da Coreia do Norte: Kim Jong Fui, Kim Jong Tô, Kim Jong Vai, Kim Jong Já, Kim Jong BUM, Kim Jong Cu, Kim Jong Zé e Kim Jong Né! O ataque atômico! Vamos bombá esse ataque!

Para que a piada seja plausível, o leitor-torcedor deve ter um conhecimento prévio da história da Coreia do Norte, e saber que o país alega ter armas nucleares, para que o sentido da piada seja entendido.

5.2. 16/06, Brasil 2x1 Coreia do Norte: estreia ruim

Todos os cronistas têm a mesma opinião: o Brasil não jogou bem sua estreia contra a fraca Coreia do Norte. Mas enquanto Juca Kfouri, em "À Moda Dunga" (FSP, 16/06/2010), considera que estreias brasileiras com desempenho fraco são normais (como ele já havia dito em 2006) no trecho:

> Exigir mais de uma estreia será, no mínimo, pouco realista, ainda mais se comparada à de todos os outros papões, exceto os alemães. Se o que vale é ganhar, ganhou-se, quase sem sustos, como no modelo 1994.

Paulo Vinícius Coelho, no texto "O Exílio dos Laterais" (FSP, 16/06/2010), critica a performance da seleção – chega a dizer que era "obrigação" jogar bem.

O estilo dos textos de PVC sempre traz uma referência de jogos anteriores da seleção como dado estatístico ou histórico para introduzir o tema principal do texto ou fazer uma comparação ao jogo discutido na crônica com o jogo o qual ele faz referência. Em "O Exílio dos Laterais", ele explica que no jogo contra a Coreia do Norte, o Brasil corria o risco de empatar por 0 a 0, o que seria um resultado muito ruim para a equipe, já que os outros adversários da seleção – Costa do Marfim e Portugal – eram mais perigosos que o time asiático. Ele mostra sua preocupação no trecho "Mas a obrigação era fazer saldo contra os norte-coreanos, para não sofrer contra marfinenses e portugueses"

Sobre a preocupação em empatar sem fazer gols, PVC introduz o texto com o trecho:

> Quando o Brasil bateu seu recorde e completou três jogos seguidos em casa sem marcar, o problema era idêntico ao de ontem. O lateral passava em direção à linha de fundo, feito uma locomotiva, doido para receber o passe. O meia, fosse Elano, Robinho, Kaká, qualquer um, cortava para dentro. O lateral exilado voltava correndo para o campo de defesa. Desperdício de energia dele e do torcedor brasileiro, que assistiu, atônito, a três empates seguidos por 0 a 0, contra Argentina, Bolívia e Colômbia. O recorde negativo, três partidas sem gol em casa, aconteceu em 2008. Pois ontem a cena foi igual.

Para Paulo Vinicius Coelho, os grandes destaques da equipe foram o lateral-direito Maicon, o meia Elano e o atacante Robinho. Os três nomes serão repetidos pelos cronistas estudados. Kaká, o meia brasileiro que voltava de uma contusão, foi considerado como um destaque negativo, apesar do seu esforço em mostrar que poderia ajudar a seleção em campo.

> Dunga tem razão quando diz que o passe ficou mais rápido no segundo tempo. Mas o que melhorou mesmo foi a visão de jogo de Elano. Aos 10min, ele percebeu Maicon em disparada, um trem-bala, em direção à linha de fundo. Rolou, e o lateral direito brasileiro resolveu chutar para o gol.

e:

> Kaká mostrou que sua crise não é só física, mas técnica também. Não joga bem há um ano. Já Robinho foi a referência do ataque, como não era desde a Copa América.

Juca Kfouri, em "À Moda Dunga" (FSP, 16/06/2010), também critica o início de jogo ruim da seleção, em "se no primeiro tempo a seleção exagerou em ser ineficaz, atrapalhada pelo que se sabia que aconteceria, isto é, a Coreia do Norte não permitiria contra-ataques", mas continua seu texto confirmando o que se esperava da seleção: a vitória contra um adversário fraco, do jeito que o treinador gosta – por isso o título da crônica.

Vale ressaltar que, desta vez, os textos dos cronistas não priorizam o técnico da seleção brasileira, em detrimento dos outros jogadores, como aconteceu nos textos do dia anterior.

Kfouri também destaca a atuação de Maicon, Robinho e Elano, além de ter criticado a falta de ritmo de Kaká.

> E quando Maicon, ao estilo de Josimar na Copa de 1986, no México, abriu o placar, até os contra- -ataques apareceram. E só não viraram gol porque Luis Fabiano, como Kaká, está evidentemente sem ritmo. Kaká, então, teve atuação lamentável, pois atrapalhou tão mais que ajudou que deu saudades do velho e bom Júlio Baptista. [...] Robinho insinuou uma partida exemplar, o que acabou não acontecendo, embora ele tenha sido utilíssimo e tenha dado um passe perfeito para Elano fazer 2 a 0.

Tostão, em "É ainda só o início"(FSP, 16/06/2010), também critica o desempenho do Brasil no primeiro jogo, mas argumenta que apenas a Alemanha jogou melhor em sua estreia. Se lermos o trecho "O Brasil jogou mal, mas o único time que, até agora, jogou melhor foi a Alemanha", podemos inferir que Tostão conclui que a performance da estreia não deve ser levada em grande consideração.

O texto não se estende muito pelo jogo em si, apesar de tratar dos principais momentos de Brasil x Coreia do Norte, também ressaltando a atuação de Maicon, Robinho e Elano.

Tostão novamente apresenta um texto onde suas experiências pessoais, como jogador e comentarista, criam um cenário para a melhor compreensão do leitor-torcedor sobre o jogo que ele (o cronista e o torcedor) assistiu.

Essa conclusão é confirmada no trecho:

> Chegamos bem cedo ao antigo estádio Ellis Park. É o templo do rúgbi, reformulado para o Mundial. Como os jogadores de futebol estão cada vez mais fortes e truculentos, imagino que, em um futuro ainda distante, o futebol e o rúgbi vão virar um só esporte, jogado com os pés e com as mãos. [...] No centro de imprensa, sinto-me um dinossauro. Enquanto dezenas de jornalistas estão agarrados a seus computadores, eu, em meu canto, escrevo com uma caneta em uma folha de papel. Deram-me um moderno celular, desses que fazem tudo, mas só o uso para receber e fazer ligações. É a minha salvação. [...] O estádio está lotado. Faz um frio intenso. Mais ou menos 5C. Vai começar o jogo. Todos os jogadores brasileiros cantam o hino nacional. Eu também gostava de cantar. Jogador de seleção, em uma Copa, tem de ficar arrepiado. A bola vai rolar. Imediatamente, a maioria dos jornalistas começa a digitar em seus computadores. Alguns nem olham para o campo. O jogo é um detalhe.

José Simão apresenta um lado bem humorado da Copa do Mundo, com a crônica "Selexotan do Dunga" (FSP, 16/06/2010). Mostrando através de piadas e trocadilhos que a atuação do Brasil foi ruim, Simão é o único dos cronistas selecionados aqui que critica abertamente o técnico, no trecho "Ganhamos! APESAR DO DUNGA! Ufa! Não foi vitória. Foi ALÍVIO!". Ele também reflete, de certa forma, os anseios de uma parte dos leitores-torcedores que queriam a convocação de Paulo Henrique Ganso, jogador do Santos na época, através da frase "E o outdoor de um motel em Natal: 'Não faça como o Dunga! Bota o ganso pra jogar'"

Ele também apresenta como destaque negativo a atuação de Kaká, mas fazendo piada com o fato de que, na época, o jogador era ligado à igreja evangélica Renascer: "E o Kaká não tá 100%. Porque 10% vai pra bispa Sônia".

5.3. 20/06, Brasil x Costa do Marfim: maior foco em Dunga

Após o primeiro jogo, o Brasil enfrenta a Costa do Marfim, uma seleção considerada mais difícil que a misteriosa Coreia do Norte. O grande destaque da equipe é o atacante Didier Drogba, que apesar de machucado, continua sendo um jogador perigoso. Tostão reflete a preocupação com a partida em seu texto "Jogo difícil" (FSP, 20/06/2010), e diz que o Brasil precisa ganhar da Costa do Marfim, já que tanto ela quanto Portugal podem vencer a Coreia do Norte por mais de um gol de diferença.

Usando a linguagem sóbria, com destaque para a discussão sobre as táticas e possíveis escalações, Tostão destaca como o Brasil pode jogar na partida e as mudanças que Dunga pode fazer durante o jogo. Mas o que pode se destacar de mais importante no texto é o seguinte trecho:

> Em uma Copa do Mundo, o controle das emoções é também decisivo. O jogador tem de ser vibrante sem ser apressado, afoito. A ansiedade, até certos limites, ajuda o atleta. Há uma maior produção de substâncias químicas, e o jogador fica mais atento, mais aguerrido e com mais força muscular. É o doping psicológico. Mas, quando a ansiedade atinge níveis muito altos, o atleta fica confuso, intranquilo, passa a errar mais e a ser mais agressivo, correndo riscos de ser expulso. Dunga tem de ficar de olho em Felipe Melo.

Tostão se preocupa com o fato da Seleção Brasileira ser um time muito emotivo, ansioso, e com potencial de perder a paciência. O volante Felipe Melo, alvo da preocupação de Tostão, é conhecido por ser "pavio curto" e ter a tendência de ser violento nos jogos e ser expulso. Tostão sabe que o torcedor sabe disso, e especifica o nome de Felipe Melo para que o leitor saiba que ele também compartilha de sua opinião.

Importante entender que nesse trecho em destaque, há uma forte influencia do ethos do autor. Tostão é ex-jogador de futebol e jogou em copas do Mundo, o que faz com que sua opinião a respeito do comportamento dos jogadores durante uma competição com essa seja mais credível que a de outros colunistas.

Juca Kfouri, em seu texto "A culpada é a foto" (FSP, 20/06/2010), apresenta uma situação ocorrida num dos treinos da Seleção Brasileira para escrever uma crítica sobre a relação de Dunga com a imprensa – novamente. A seleção fazia treinos fechados, e um deles

foi fotografado por um repórter do diário “Lance!”, o que enfureceu o técnico do Brasil. Todo o texto de Kfouri ironiza o fato de que a foto publicada seria uma “informação sigilosa” que

> tão logo a foto foi publicada na primeira página do jornal inimigo, em seu papel de quinta-coluna, o técnico da Costa do Marfim, rival de Dunga na noite gelada de Joburgo hoje, no Soccer City, reuniu seu Estado- -maior e se deteve minuciosamente em cada detalhe da imagem que mostra Josué**, imagine, Josué!!!** (grifo nosso)**,** com o colete de titular, no lugar de Gilberto Silva.

o trecho em negrito pode indicar também uma saída no tom irônico do texto, e indicar ao leitor uma ironia na possível escalação de Josué no lugar de Gilberto Silva no jogo e a importância que o volante teria na seleção para que sua escalação fosse guardada em segredo.

Importante ressaltar que o subtítulo da crônica é “Nota da Redação: Este texto é uma ironia só. Mas é a verdade, nada mais do que a verdade”, o que indica que ele está usando de ironia, mas para Juca Kfouri, Dunga e sua comissão técnica acreditam que estão numa guerra contra a imprensa, os patrocinadores, a equipe adversária e o mundo todo, que não aceitam a posição do treinador e suas escolhas para escalar a equipe.

Paulo Vinicius Coelho, em “Donos do Brasil” (FSP, 20/06/2010), não escreve sobre o segundo adversário do país, mas sim a respeito do Dunga e do poder que ele alcançou na Seleção Brasileira, comparando-o com outro técnico brasileiro, Flávio Costa, vice em 1950. Os textos de PVC sempre primam por informar sobre equipes e jogos do passado, fazendo um comparativo entre a situação naquele momento e o que acontece hoje com a seleção. Pela primeira vez, um jornalista nos textos escolhidos refere-se à não convocação de Paulo Henrique Ganso, meia do Santos na época e uma das promessas do futebol brasileiro. Ele critica a decisão, incluindo também o nome de Ronaldinho Gaúcho, e dizendo que se Kaká estiver com problemas físicos, Dunga teria uma alternativa no banco.

> Dunga resistiu ao clamor do país inteiro. Podia ter chamado Ganso ou Ronaldinho Gaúcho. Se hoje Kaká der outra demonstração de sua condição física comprometida, o técnico teria uma alternativa.

Mesmo assim, PVC afirma que Dunga “é também o técnico com quem a seleção jogou bem os jogos mais importantes, como o de hoje”, o que indica que há confiança de que o time tenha um bom desempenho contra a Costa do Marfim.

Nas crônicas de tom humorístico, José Simão publica “Ueba! Bingo do Galvão” (FSP, 20/06/2010), em que o autor escreve sobre várias equipes e jogos por meio de trocadilhos com nomes de jogadores e sobrenomes típicos de determinados países. Vale destacar aqui também a crítica à seleção brasileira e sua forma de jogar, no trecho

> E pode torcer pelo Brasil e contra o Dunga? Um amigo meu disse que a seleção do Dunga é como a mulher dele de biquíni: NÃO EMPOLGA! E eu sei por que o Dunga só convocou volante para a seleção brasileira. Vai abrir uma autoescola. Rarará! Autoescola Dunga!

E em

> Corre na internet o Bingo do Galvão. Para jogar durante o jogo. Imprima a cartela e marque um X sempre que o Galvão falar uma dessas frases manjadas: 1) Bem, amigos da Rede Globo. 2) Este jogo é um teste pra cardíaco. **3) Casagrande, você acha que o Ganso e o Neymar estão fazendo falta?** (grifo meu) 4) Isso pode, Arnaldo? [...]Diversão garantida. O Galvão é o bônus track da Copa do Mundo.

Onde o autor, sabendo que o leitor-torcedor costuma acompanhar os jogos da copa do mundo pela TV aberta (Globo), e conhece os maneirismos e idiossincracias da transmissão oficial, usa as frases acima para fazer rir. O trecho que considero mais importante desse parágrafo é o grifado, em que José Simão “cita” Galvão Bueno e reproduz uma possível fala do narrador, sobre a ausência de Neymar e Ganso na copa do mundo, uma situação questionada por toda a imprensa nacional antes, durante e depois da copa.

5.4. 21/06, Brasil 3x1 Costa do Marfim: boa atuação do Brasil

As crônicas publicadas pela Folha de São Paulo no seu caderno de esportes, um dia depois do segundo jogo da seleção, destacavam a atuação do Brasil na vitória por 3x1 contra a Costa do Marfim.

Tostão, em “Belíssima vitória” (FSP, 21/06/2010), aprovou a atuação brasileira, destacou a partida feita por Kaká e o gol de mão do atacante Luis Fabiano, e criticou a violência dos jogadores marfinenses. O cronista começa o texto contando como o atleta se

comporta antes do jogo começar (uma continuação muito interessante do tema abordado no final do texto “Jogo difícil”, do dia anterior), e destaca como está o estádio no dia do jogo.

No texto, ele também cita uma frase de Luís Fernando Veríssimo, ao ver o escritor sentado atrás dele.

> Luís Fernando Veríssimo está logo atrás de mim e, nesse momento, lembrei-me de uma de suas belas crônicas. Ele dizia que esse é o momento de glória dos técnicos, com os jogadores nas posições que foram desenhadas na prancheta. Ele completa: "Quando a bola começa a rolar, todos os jogadores não param de correr, para o desespero dos treinadores".

Posso considerar o trecho uma crítica sutil a Dunga e sua relação difícil com a imprensa, apesar de em nenhum momento haver uma referência ao treinador brasileiro.

No fim da crônica, Tostão afirma que foi “a melhor atuação de uma seleção na Copa-2010”, o que corrobora a declaração sobre ter sido uma “belíssima” vitória.

Juca Kfouri prefere dedicar sua crônica a Kaká, em “O sacrifício de Kaká” ”(FSP, 21/06/2010). Destaca os problemas físicos do jogador, negados por ele e o médico da seleção.

> Kaká desmentirá, assim como o médico da seleção brasileira. Mas o fato é que ele está sofrendo para jogar esta Copa do Mundo e pode, como Guga, até encerrar sua bela trajetória no futebol muito mais rapidamente do que gostaria.

O trecho acima é uma confirmação do título da crônica. O “sacrifício” de Kaká é jogar uma Copa do Mundo machucado, sendo líder da Seleção Brasileira e se destacando em partidas difíceis como a realizada contra a Costa do Marfim.

Ele confirma a hipótese com a frase “por isso Kaká joga, porque pode desequilibrar num lance, coisa que Drogba, igualmente sacrificado, não conseguia”.

É importante lembrar que a Copa da África do Sul ficou conhecida como uma competição em que jogadores importantes em suas seleções foram cortados por problemas físicos – Ballack (Alemanha), Beckham (Inglaterra), Essien (Gana) – e Didier Drogba, com problemas no ombro, jogou sem estar com forma física plena, assim como Kaká. Mas para Kfouri, Kaká é mais decisivo.

Juca Kfouri também dá destaque ao gol de mão de Luis Fabiano, exaltando a beleza do gol, apesar do artificio ilegal de dominar a bola com a mão: “porque o segundo gol, de novo

de Luis Fabiano, Pelé assinaria, com três chapéus que, digamos liberalmente, anulam a matada com o braço que antecedeu o arremate".

Continuando seu destaque a Kaká, Juca Kfouri lamenta a expulsão do jogador, que não enfrenta Portugal. É interessante como a preocupação de Tostão na coluna do dia anterior sobre a ansiedade da seleção brasileira acabou recaindo na pessoa errada – Kaká, que Juca Kfouri chama de "o bom menino, disposto ao sacrifício que está fazendo para ter a sua Copa do Mundo inesquecível, não sabe ser mau, e nem deveria tentar, porque alguém castiga".

Kfouri continua discutindo a respeito da falta de "jogo bonito da Seleção", ao comparar o desempenho do Brasil com a de outros favoritos que tiveram uma performance mais elogiada por jogarem um futebol mais ofensivo.

> Porque, se a Alemanha tinha goleado e já perdeu, se a Argentina goleou e ainda não está classificada, o time dele, ainda sem jogar com brilho, evoluiu, como se começasse a repetir a toada tanto da Copa América como da Copa das Confederações. De bronca em bronca, e castigo nos perguntadores indiscretos.

Paulo Vinicius Coelho também destaca a atuação de Kaká, dizendo em seu artigo "É forte" (FSP, 21/06/2010), que Kaká foi a "melhor e a pior notícia da tarde".

> A melhor, porque ele está na Copa do Mundo. Fez quase tudo o que se espera de um líder da seleção brasileira. Ele cadenciou a partida, deu dois passes para gol. Faltou somente arrancar com mais força na sua jogada característica, do contra-ataque.

PVC novamente fez coro com outros cronistas que criticam o estilo de jogo brasileiro, que prezava o contraataque em vez de jogo ofensivo e se valendo de dribles e jogadas de habilidade individual. Mas, ao invés de falar mal de Dunga ou da escalação tática, ele considerou positivo o fato de que no jogo, o time "prova que não depende das jogadas de velocidade. Abriu espaço com trocas de passes de pé para pé".

O jornalista declara também, ainda falando sobre a oposição jogo bonito versus jogo pragmático, que mesmo no passado o Brasil teve que jogar "contra as tradições". Para isso, PVC relembra o desempenho da seleção no jogo contra a Argélia, na copa de 1986, cujo técnico era Telê Santana. O cronista escreve para um público que, mesmo que não tivessem

assistido à copa de 1986, conhece a história dos times de Telê Santana e que as seleções brasileiras que ele comandou jogavam ofensivamente, sem se preocupar com a defesa.

O título do texto se refere ao fato de que, apesar do estilo de jogo brasileiro ser o de contraataque na copa, "quando o Brasil aproxima seus jogadores, sai o toque curto, a tabela envolvente. Nessas horas, o time de Dunga prova sua força". Ou seja, a seleção é mais perigosa e tem mais chances de ser campeão quando valoriza a posse de bola com o objetivo de jogar ofensivamente buscando o gol.

Num parágrafo único, precedido pelo intertítulo "Imaturidade", PVC também critica a ansiedade brasileira, por conta da violência dos jogadores de Costa do Marfim, que passaram a agredir os brasileiros quando o jogo já estava resolvido. Os jogadores responderam às provocações dos marfinenses e Kaká foi expulso.

Entre as crônicas bem humoradas, José Simão comemora a vitória do Brasil em "A vuvuzela ficou rouca" (FSP, 21/06/2010) de forma divertida – "Ganhamos! Demos show! Chuuupa, Maradona. Ops, cheeeeira Maradona!"; criticando a violência dos marfinenses com referências a pessoas ligadas a esportes de luta – "E pra jogar contra a Costa do Marfim tem que convocar o Maguila, o Mike Tyson, o Popó, o Pitbull Dilacerador de Vísceras e a Edinanci!"; e não poupando críticas a Dunga.

> E o Luis Fabiano desobedece o Dunga e faz logo dois gols! E o Kaká não fez muitos passes porque quem dá passe é pai de santo. Rarará! Kaká! Boooota pra orar! E o Brasil não precisa de técnico. O melhor técnico foi o Feola. Que dormia no banco!

5.5 25/06, Brasil x Portugal: analisando o adversário

O último jogo da primeira fase da copa de 2010 seria contra Portugal, o adversário mais difícil que o Brasil iria enfrentar. Mas, com a desclassificação da Itália, última campeã mundial, ainda na fase de grupos, uma parte das crônicas do dia destacaria a questão italiana.

Mesmo assim, entre as crônicas analisadas, existem algumas que dedicam o tema ao Brasil – mais precisamente a Dunga – e outras que, mesmo como tema principal a desclassificação da Itália, fazem citações ao jogo que vai ocorrer naquele dia.

Tostão, em “Itália fora da copa” (FSP, 25/06/2010), adverte sobre o ataque português e as cobranças de falta de Cristiano Ronaldo, principal estrela do time. Ele também descreve como o Brasil entrará em campo para superar as jogadas de Cristiano Ronaldo.

Paulo Vinicius Coelho, em “Efeito Brasília” (FSP, 25/06/2010), se concentra em explicar como Portugal pretende jogar contra o Brasil. Como o título de sua coluna é “Prancheta do PVC”, sabe-se que o texto se debruça sobre esquemas táticos. Tanto que na página onde aparece a coluna, há um desenho de um campo de futebol com camisas das cores do país relatado, dispostos em posições que se referem a esquemas táticos.

Vale ressaltar que o título da crônica refere-se a um amistoso entre Brasil e Portugal em 2008, quando a equipe portuguesa perdeu por 6 a 2, e segundo PVC, a partir desta partida, Portugal mudou seu estilo de jogo, se tornando uma equipe mais ofensiva e difícil de tomar gols. O jogo foi realizado em Brasília.

Juca Kfouri, em “Vexame à Italiana” (FSP, 21/06/2010), não faz qualquer referência ao jogo do Brasil contra Portugal. A única referência brasileira no texto é a comparação entre a Itália de 2010 e o Brasil da copa do mundo de 1966. O texto se inicia com um

> Imagine uma seleção de futebol que já tenha sido campeã mundial mais de uma vez. Imagine que seu técnico é um cidadão vencedor e respeitado em seu país e fora dele. Imagine essa seleção eliminada na primeira fase de uma Copa do Mundo. E seu técnico dando para o diabo a hora em que aceitou voltar a dirigir o time em uma Copa, ele que a ganhara anteriormente.

É importante ressaltar que as crônicas esportivas da maioria dos escritores deste caderno sempre fazem referência a eventos ocorridos em outras copas. Para um leigo, que não acompanha futebol, o parágrafo acima pode parecer estranho, mas quem conhece futebol e sua história responderia rapidamente que Kfouri está falando da seleção Brasileira – mas também que está falando da Itália, já que o título denuncia a intenção do jornalista de estabelecer semelhanças entre a trajetória das duas seleções na Copa do Mundo.

A resposta de Kfouri confirma isso: “ Se você acha que estou me referindo à Itália, sim, é claro, você acertou. Mas não só à Itália”.

José Simão usa o vocabulário do português de Portugal para fazer graça em “Portuga joga de camisola!” ”(FSP, 25/06/2010). Como algumas palavras no português do Brasil são

iguais às de Portugal, mas possuem significados diferentes, o escritor usa desse artifício para fazer rir não apenas da fama de "burro" do português, como em "Sabe como é gol contra em Portugal? Autogol! E bicicleta? Jogada sobre duas rodas. E carrinho? Penalidade sobre quatro rodas"; e com a fama de vaidoso do jogador Cristiano Ronaldo, que muitas pessoas acham ser homossexual: "E sabe como se chama camiseta em Portugal? Camisola! Eu tô louco pra ver o Cristiano Ronaldo de camisola!".

José Simão continua criticando de forma bem humorada a seleção brasileira ("E duas coisas que eu ainda não vi nesta Copa: a seleção jogar bonito e o pescoço do Maradona!") e a briga entre Dunga e a Globo, que foi impedida de cobrir treinamentos da seleção com exclusividade e teve um dos repórteres xingado pelo técnico: "E como disse uma amiga minha: 'Eu não preciso do Dunga pra não gostar da Globo'".

5.6 26/06, Brasil 0x0 Portugal: empate decepcionante

O jogo entre Brasil e Portugal terminou empatado em 0 a 0. O resultado decepcionou os cronistas e trouxe preocupação sobre como a seleção jogaria sem os seus principais nomes – Kaká e Robinho.

Tostão, em "Empate chocho" (FSP, 26/06/2010), escreveu que "O empate e o futebol apenas regular mostraram que o Brasil sem Kaká e Robinho fica um time comum, como o de Portugal". O escritor também criticou o fato de que o Brasil não tinha peças de reposição. Sua reclamação encontra eco em outro texto a seguir.

A crítica de Tostão está no trecho "Como Felipe Melo marca bem e tem dado bons passes, o ideal era que ele jogasse na posição de Gilberto Silva e entrasse outro armador, mais pela esquerda, para marcar e atacar. Não existe esse jogador no elenco".

Paulo Vinicius Coelho é mais explícito. O título do texto indica a sua preocupação. "Chama o Ganso!" (FSP, 21/06/2010) é uma crítica ao fato de que o Brasil não tinha um jogador que pudesse trocar passes e segurar a bola na área de Portugal para encontrar uma oportunidade e fazer o gol. Ao escrever no início do texto

> Dunga já havia dado saltos à beira do banco de reservas, reclamando da enorme quantidade de passes errados. A cada um deles, um contra-ataque português. Aos 32min do segundo tempo, o técnico olhou para Jorginho e balançou as mãos, como quem pede que o time troque passes, prenda o rival no campo de defesa. Jorginho abriu os braços em resposta, como quem diz: "Vamos fazer o quê?".

e

> O pedido de socorro que você pode ter feito no sofá da sua casa Dunga e Jorginho gritaram em rede mundial. O jogo contra Portugal evidenciou o que todo o Brasil disse em 11 de maio, data da convocação. Se o time titular pode ganhar a Copa, os reservas dão pânico.

E no final da crônica, declarar que "nos dez minutos finais, Dunga pelo menos viu o time errando menos passes, prendendo um pouco mais a bola na frente. Como Ganso ensinou na final do Paulistão".

Ele demonstra que defendia a convocação de Ganso para a seleção, e no fim, apesar de ter declarado anteriormente que a seleção brasileira era forte, ela precisava de um jogador com as características do meia santista (na época), mas que Dunga não tinha – e deu a entender que o Brasil corria risco de não ganhar a Copa, se dependesse do time reserva.

PVC também destacou o nervosismo da seleção. Interessante que os cronistas sempre destacam a ansiedade brasileira como um problema que pode complicar o futuro da equipe na competição, como em "Felipe Melo e Luis Fabiano deram o tom de um time nervoso, que pede para ter um jogador suspenso".

Juca Kfouri foi mais incisivo e dramático ainda, no texto "O passe está morrendo" "(FSP, 26/06/2010). Ele declara que o jogo entre Brasil e Portugal não teve dribles e passes certos em campo. O jornalista também critica a falta de um meia que tenha toque de bola, mas sem citar nomes, em "só que não tinha ninguém no meio de campo brasileiro capaz de fazer as duas coisas".

Vale sempre destacar que a convocação de Ganso e Neymar, que são as lembranças diretas em todos os textos do dia 26, foi pedida por membros da imprensa e parte da torcida brasileira, e Dunga não ouviu os pedidos. Ganso ficou apenas numa segunda lista, de reservas, se um dos convocados fosse cortado.

José Simão, em “Sem Kaká é um Kokô” (FSP, 26/06/2010), novamente critica o jogo da seleção de modo divertido. Ele também critica a partida como um todo, escrevendo que foi ruim – “Brasil contra Portugal. Patrocínio: Playboy! PELADA! Pelada por pelada, eu prefiro a minha nega!”; a escalação de Dunga, que não levou para a copa nenhum jogador de meio campo legítimo, apenas volantes – “E se o Dunga gosta tanto de volante, ele deveria ser motorista de Kombi escolar!”, e o fato de que sem Kaká, a seleção é ruim. O título já diz tudo.

5.7. 28/06, Brasil x Chile: poucas crônicas e análise do adversário

São poucas as crônicas que foram publicadas no caderno de esportes da Folha de São Paulo em 28 de junho de 2010, dia do jogo entre Brasil e Chile, pelas oitavas de final da copa. Porém, o jogo entre Alemanha e Inglaterra, também pelas oitavas, acabou ganhando maior destaque por parte dos escritores. O motivo foi um gol mal anulado da Inglaterra – a bola entrou no gol, mas a arbitragem disse que não havia entrado.

Apenas nos textos de Tostão e Paulo Vinícius Coelho o jogo do Brasil ganha destaque. Tostão considera o Chile uma equipe com estilo de jogo peculiar – o título do texto é “Jogo perigoso” (FSP, 28/06/2010), por marcar a equipe adversária por pressão (“Toda a equipe pressiona quem está com a bola, em todo o campo. É a correria organizada”); e jogar sempre no ataque, mesmo deixando a defesa aberta para os contraataques. O escritor admira o estilo de jogo do adversário, mesmo sendo perigoso, mas a equipe teria mais riscos de encantar. Apesar da sobriedade do estilo de Tostão, ele está dizendo que as seleções que estão na copa do mundo não encantaram por jogar bonito.

Tostão também destaca o técnico do Chile, o argentino Marcelo Bielsa, apelidado de “louco” pelo estilo de jogo ofensivo. Bielsa é o tema do texto de Paulo Vinicius Coelho, “Ele não é louco” (FSP, 28/06/2010), em que explica o porquê do apelido do técnico, as escalações dos times que ele já comandou e como o Brasil pode jogar contra o Chile, investindo nos contraataques com Kaká, que voltou da suspensão.

5.8. 29/06, Brasil 3x0 Chile: vitória incontestável

A vitória de 3 a 0 do Brasil contra o Chile, nas oitavas de final, é o destaque das crônicas publicadas um dia depois do jogo. Todos os escritores elogiaram o desempenho da seleção e a força demonstrada pela equipe.

Tostão, em "Como era previsto" (FSP, 29/06/2010), explicou que a vitória brasileira era prevista porque o jogo se desenrolou da mesma maneira que em vitórias anteriores da seleção contra a equipe chilena.

> O time chileno foi para o ataque, como era previsto, e o Brasil, como também era previsto, em dois belos lances de contra- -ataque e em uma jogada pelo alto, de escanteio, definiu a partida.

Tostão elogiou a performance dos jogadores e as virtudes da equipe brasileira: "o contraataque, a grande qualidade de seus defensores e a jogada aérea". Mas o mais interessante da crônica de Tostão foi seu início, a forma como ele construiu o texto para explicar que a vitória do Brasil tinha contornos óbvios.

Ele novamente usa suas próprias experiências como jogador e cronista para contar o que ele imagina que os jogadores sentem antes de começar o jogo, se eles estão nervosos ou apreensivos. Tostão cita a copa de 1994, "com Roberto Baggio olhando para Romário. Baggio deve ter pensado: 'Como joga esse baixinho'".

No final, antes de contar a crônica do jogo e provar porque Brasil x Chile foi um jogo de resultado previsível, ele escreve

> Como na vida, o jogo de futebol tem muitos acasos, mistérios e estranhezas. Além disso, como dizia o filósofo Garrincha, o problema é que nada foi combinado com o adversário.

Tostão já faz previsões a respeito das quartas de final, entre Brasil e Holanda. Ele considera um jogo equilibrado, com qualquer resultado sendo normal, mas considerando que a seleção brasileira tem mais tradição.

Paulo Vinicius Coelho intitula seu texto “Estilo Dunga” (FSP, 29/06/2010), mostrando através de uma análise tática o esquema de jogo que levou a seleção a vencer o Chile de forma incontestável, chamando o estilo de jogo da seleção de “estilo Dunga”.

Ele inicia o texto falando que

> O primeiro contra-ataque surgiu aos 4min e, para quem tinha dúvidas se seria imprudência o Chile atacar o Brasil, ficou a certeza: era imprudente mesmo. [...] e Ramires e Gilberto Silva fizeram a preocupação com a saída de bola parecer susto de torcedor. De tão preciso, o passe na defesa chegava a Kaká e a Robinho. Virava contra-ataque.

Outra característica da seleção de Dunga, citada por Tostão e demonstrada por PVC, são as jogadas aéreas.

> Não importa que as bolas paradas sejam responsáveis por apenas 22% dos gols do time de Dunga. Juan escorou de cabeça o cruzamento de Maicon e marcou seu sétimo gol pela seleção, o quarto contra os chilenos.

No fim do texto, PVC escreve, no intertítulo “A Holanda”, que a equipe adversária nas quartas de final também é caracterizada pela posse de bola, e vai deixar que o Brasil jogue com rapidez. Mas o jornalista alerta para os principais jogadores adversários, Robben e Sneijder – que de fato, vão decidir a favor da Holanda nas quartas de final.

Juca Kfouri intitula sua crônica de “Fácil ao extremo”, iniciando o texto com uma introdução ao clima do estádio no começo do jogo: “O jogo já tinha passado de meia hora e não acontecia quase nada, a ponto de algumas vaias serem ouvidas no Ellis Park, em noite de temperatura civilizada”.

Depois, o jornalista descreve o primeiro gol brasileiro e como depois, a seleção dominou a partida.

> Então Maicon cobrou bem o escanteio pela direita, e Lúcio, que já dava sinais de impaciência, protegeu bem os companheiros, como se fosse um pivô no garrafão de basquete. Juan pôde subir dois andares com tranquilidade para abrir o marcador.

e

> Fácil, extremamente fácil. Para quem sabe, é claro, coisa que os chilenos não conseguem aprender porque o talento não é igual para todos, dessas coisas da natureza mesmo. Em bom português, ou até mesmo em bom espanhol, o jogo acabou ali, sem choro nem vela.

Juca Kfouri também adianta a expectativa a respeito do jogo contra a Holanda, lembrando outras partidas contra a chamada "Laranja Mecânica" nas copas do mundo, "com uma vitória holandesa na Copa de 74 e duas brasileiras, nas de 94 e 98, nesta última nos pênaltis, de maneira dramática".

O escritor também faz um alerta sobre o talento de Robben, e demonstra que apesar da confiança na frase "Que venham! Mas com calma, de preferência", Kfouri alerta o seu leitor de que o jogo não será tão fácil, e que o Brasil enfrentará um adversário perigoso.

José Simão, em "Me mata! Me mata!" "(FSP, 29/06/2010), trata a vitória da seleção de uma forma divertida, mas sem deixar de criticar os jogadores através das características pelas quais eles são conhecidas. "E o Kaká tá virando bad boy" é uma alusão ao comportamento do jogador na África do Sul. Kaká, conhecido por sua religião evangélica e pelo bom comportamento, mostrou um lado diferente na copa. Chegou a ser expulso, estava nervoso e discutia constantemente, o que surpreendeu o cronista e também a torcida.

Outro alvo de suas criticas é Dunga, na frase "O Dunga podia tomar um cartão vermelho, e a gente ia pra próxima sem ele!". Felipe Melo, o volante contestado pela imprensa, também é citado no trecho

> E ainda bem que o Felipe Melo não jogou. Ele não faz falta. Ele SÓ faz falta. O "Kibeloco" disse que o Felipe Melo não nasceu, foi expulso. E, quando transa, ele não usa camisinha, usa caneleira!

5.9. 02/07, Brasil x Holanda: cautela e equilíbrio

Nas crônicas do caderno de esportes da Folha de São Paulo do dia 2 de julho de 2010, a expectativa é para o jogo Brasil x Holanda, pelas quartas de final. A tendência dos cronistas é valorizar o jogo como uma partida equilibrada, na qual o Brasil leva uma pequena vantagem.

O texto "Prosa e poesia" (FSP, 02/07/2010), de Tostão, após algumas crônicas, finalmente discute sobre a discussão entre jogo bonito e o futebol pragmático da seleção

brasileira na copa de 2010. Para estabelecer uma discussão, Tostão toma emprestado as palavras de Johan Cruyff, ex-jogador holandês, sem aspas, mas usando a expressão "ao falar que".

> Cruyff, **ao falar que** (grifo nosso) não paga para ver o Brasil jogar, não quis dizer que a seleção brasileira não é melhor que os outros principais adversários. Ele quis enfatizar, de seu jeito polêmico, que o Brasil não joga mais o futebol de poesia que o cineasta Pasolini escreveu após a Copa de 1970.

O escritor afirma ainda que nem a seleção brasileira tampouco a holandesa de Cruyff jogam um futebol bonito nesta copa, o que ele chama de "poesia", tomando emprestado novamente a expressão do cineasta Pier Paolo Pasolini; e sim, um futebol de prosa. O futebol de "prosa", para Tostão, é um estilo de jogo que não privilegia a individualidade e o jogo ofensivo. Porém, Tostão afirma que no jogo de Brasil e Holanda há momentos bonitos, pois para ele "quem tem talento joga bonito".

Após descrever como os dois times vão entrar em campo, de acordo com que esquema tático, o escritor termina a crônica reafirmando o que ele já havia falado na crônica sobre Brasil e Chile: "deve ser um jogo equilibrado. O Brasil, pela tradição e por sofrer maior pressão para vencer, leva uma pequena vantagem".

Juca Kfouri, em "A Holanda do dia" (FSP, 02/07/2010), se dedica a contar a seus leitores a respeito da seleção que o Brasil vai enfrentar nas quartas de final. Antes, ele apresenta as antigas seleções holandesas que já enfrentaram o Brasil em copas anteriores: a "Laranja Mecânica" de 1974, comandada por Johan Cruyff; a seleção holandesa de 1994 e a Holanda de 1998. O objetivo de abrir o texto com o histórico de partidas entre as duas equipes é mostrar, através da cronologia, como Brasil e Holanda vão jogar na partida do dia dois.

Juca Kfouri também aposta num confronto equilibrado, mas não explicita isso. Ele indica sua opinião em dois trechos. O primeiro é

> Agora não teremos Elano, e o temor é o que Robben poderá fazer de Michel Bastos, sem dizer que o brilhante Sneijder é também motivo de preocupação. Na verdade, a seleção de Dunga [...] tem hoje seu primeiro grande jogo nesta Copa na África do Sul.

Onde ele destaca os dois jogadores principais da Holanda, Robben e Sneijder – o primeiro , ele já havia alertado na crônica sobre a vitória brasileira contra o Chile – e o fato de que a Seleção terá o primeiro grande jogo na copa contra a Holanda.

E no segundo, "e se passar, como é de se apostar com cautela..." há uma preocupação com o adversário, inferindo que a partida não será tão fácil. E que não seria surpresa se o Brasil não passasse (com o uso de "cautela").

O texto de Paulo Vinicius Coelho "O modelo é a Inter" (FSP, 02/07/2010), faz parte da coluna "Prancheta do PVC". Por isso, a crônica é mais detida no esquema tático da seleção holandesa. Mas dois parágrafos são importantes para entender qual é a visão do jornalista sobre as quartas-de-final.

O primeiro parágrafo diz

> Não trate o Brasil como um time defensivo só porque adora fazer gols de contra- -ataque. Nem pense na Holanda como candidata a fazer uma retranca norte-coreana só porque sua torcida reclama do pragmatismo de seu técnico.

O que confirma até o texto de Tostão, sobre os dois times serem "mais prosa que poesia". O confronto promete ser equilibrado por que ambos têm características parecidas – um jogo mais pragmático, de posse de bola, com defesa forte. A utilização da citação do zagueiro da seleção Juan confirma a minha interpretação do parágrafo: "Mais certa é a definição de Juan: 'Eles têm um time que gosta da bola, assim como o nosso'".

O segundo parágrafo que corrobora a visão do jornalista é o trecho precedido pelo intertítulo "Não é só ele", em que PVC toma emprestada uma citação do lateral-direito Maicon para sugerir como o Brasil deve se comportar com a Holanda.

> Maicon já disse que o problema da Holanda não é só Sneijder -dois gols e uma assistência na Copa. Marcá-lo é importante, mas fundamental é o Brasil impor seu estilo.

José Simão escreve de forma bem-humorada suas impressões sobre o jogo do Brasil que ainda vai acontecer. Em "Ueba! Abre a boca, Galvão" (FSP, 02/07/2010), o escritor brinca com as cores e o nome da Holanda, refletindo a opinião dos outros cronistas, que mostram

preocupação com a partida. Em “me segura que eu vou ter um calipso cardaico! Vou morrer de morte súbita! Vamos chupar dez laranjas mecânicas!”, há o otimismo em torno do jogo, mas a frase “Vou morrer de morte súbita” pode ter duas interpretações: a primeira, mais óbvia, é que o jogo deve ser mais difícil e corre risco de chegar até a prorrogação; e a segunda intepretação é que, sabendo que a seleção Brasileira costuma assustar o torcedor com más atuações, é possível que esse dia seja um dia com fortes emoções.

Em “e desculpe o trocadilho, mas hoje a gente Holanda pra frente ou Holanda pra trás?” demonstra a preocupação com o jogo, mesmo travestido de bom humor. Sabemos que as quartas-de-final são eliminatórias (perdeu, sai da copa), mas o fato da seleção holandesa ser tão boa quanto o Brasil – fato que os cronistas estão reiterando durante todo o caderno, e compreende-se que o leitor-torcedor também o saiba – torna o jogo uma situação mais complicada.

5.10. 03/07, Brasil 1x2 Holanda: perspectiva “otimista” da derrota

A derrota do Brasil nas quartas-de-final contra a Holanda foi recebida não com a decepção e revolta da eliminação de 2006, mas sem muita surpresa – já que os cronistas previam nos dias anteriores um jogo equilibrado – alguma decepção pela boa performance no primeiro tempo e um saldo positivo para os escritores – já que a derrota do Brasil seria a derrota do estilo de jogo que Dunga quis imprimir à seleção, e que seria ruim para o futuro futebol brasileiro.

É claro que esse lado “positivo” não está explícito, mas as críticas ao esquema tático e ao comando de Dunga na seleção, durante toda a copa, fazem crer que o saldo final, resumido pelos jornalistas, era de uma esperança de dias melhores para o futebol brasileiro.

O texto de Juca Kfouri, “Era Dunga. Foi Sneijder” (FSP, 03/07/2010), é mais reflexivo sobre a importância da derrota brasileira e o “fim” da “Era Dunga”. O título do texto é ambíguo: O “Era Dunga” representa tanto o fim dessa “Era Dunga”, de futebol pragmático, que investia em contraataques e povoado de volantes no meio-campo, longe da individualidade e das jogadas ofensivas pelas quais o Brasil sempre foi conhecido; quanto da história de Dunga – tanto como jogador, quanto técnico – na seleção brasileira. Importante ressaltar que o leitor deve conhecer a “Era Dunga” para perceber a ambiguidade no uso da expressão.

A segunda frase, “foi Sneijder”, também carrega um sentido ambíguo - a “Era Dunga” como comandante da Seleção Brasileira terminou por causa da atuação do jogador holandês na partida. O uso do verbo “ser” no pretérito imperfeito relacionando-se a Dunga – e o uso do mesmo verbo, mas no pretérito perfeito (acompanhando “Sneijder”) – corroboram a ideia de que Sneijder foi um dos responsáveis (se não o maior responsável) pelo fechamento do ciclo de Dunga na Seleção Brasileira, de forma definitiva. Lembrando que o pretérito imperfeito “expressa um fato ocorrido num momento anterior ao atual, mas que não foi completamente terminado”[7] e o pretérito perfeito “expressa um fato ocorrido num momento anterior ao atual e que foi totalmente terminado”[8]. Ou seja, o uso do pretérito perfeito na frase “Foi Sneijder” indica que o jogador holandês colaborou para o “término” do fato descrito anteriormente: a Era Dunga – não apenas como treinador da Seleção – mas a era do futebol pragmático que Dunga defendia.

A confirmação de que Juca Kfouri usou a expressão para indicar o fim desse estilo de jogo está no trecho

> Ruim, para quem gosta de futebol bem jogado, é perder jogando como jogou a seleção nesta Copa africana, com pouca coisa a ver com o estilo brasileiro de jogar. E aí, para quem só vê resultados, é inescapável: Dunga fracassou, apesar de todos os ótimos resultados que obteve exatamente até ontem, quando, para ser coerente com ele mesmo, que não vê nem passado nem futuro no futebol, o presente morreu. Acabou. O pior, ou o melhor, é que o futebol agradece a derrota de um estilo que não é o nosso. [...]. E eu quero aquele [futebol brasileiro]. Um romântico talvez nos desse. O pragmático não deu.

Kfouri defende que a derrota do Brasil foi importante para sepultar o estilo de jogo que o Brasil imprimia na copa da África – algo que não tinha a ver com a forma como o país ficou conhecido por seu futebol, terminando sua crônica com uma perspectiva mais otimista do que pessimista.

Não há questionamentos sobre o “estilo brasileiro de futebol” no texto “Brasil eliminado” (FSP, 03/07/2010), de Tostão. Adotando uma narrativa sóbria e equilibrada sobre o jogo contra a Holanda, em nenhum momento o cronista estabelece alguma comparação

---

[72] Fonte: **Tempos Verbais**, Só Português. <http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf61.php> Acesso em 22 dez 2012.

entre o “jogo bonito” e o “jogo pragmático”. Tostão prefere contar a história do jogo, e destacar que as virtudes brasileiras acabaram não colaborando para o resultado da partida, e que os pontos fracos da seleção foram importantes para a derrota. O trecho a seguir corrobora minha opinião.

> As virtudes do Brasil, bastante conhecidas antes da partida, como o excelente contra-ataque, as jogadas aéreas e a qualidade de seu goleiro (que falhou no gol) e de seus defensores, não acabaram por causa de uma derrota. As deficiências do Brasil, como a falta de mais talento na lateral esquerda e no meio-campo e o despreparo emocional de Felipe Melo para disputar uma Copa, ficaram ainda mais evidentes.

Tostão compara a eliminação do Brasil em 2010 com a de 2006, argumentando que a seleção perdeu as duas partidas para equipes de mesmo nível técnico, e que o jogo teve como personagens principais no time adversário jogadores acima da média, chamados pelo cronista de “craques” – em 2006, o francês Zidane; em 2010, os holandeses Robben e Sneijder – e indica que não e só o Brasil que tem craques. Ele encerra o texto dizendo que “como em 2006, o Brasil foi eliminado por um time de mesmo nível técnico. Não houve surpresa. Temos de valorizar o adversário. Precisamos terminar com a nossa prepotência de achar que o Brasil é sempre melhor”.

Na coluna Prancheta do PVC, o jornalista Paulo Vinicius Coelho escreveu o texto “Faltou o Brasil” (FSP, 02/07/2010). Posso completar o título dele com “do jogo bonito”. O motivo da “inclusão” está no fato de quando o Brasil precisava virar o jogo contra a Holanda, não tinha nem no campo nem no banco um jogador que tocasse e segurasse a bola para acalmar o time e construir jogadas. Para Paulo Vinicius Coelho, o Brasil “do contra-ataque precisava do toque, da cadência, do drible. Não tinha”.

Outros trechos que corroboram a hipótese do jornalista de que o Brasil perdeu por não ter um jogador - ou, numa interpretação mais profunda, não ser uma equipe que tocasse a bola, que valorizasse o passe, que tivesse jogadas individuais e fosse imprevisível são:

> O Brasil não conseguiu fazer o que mais marcou seu estilo em quase cem anos de seleção: toque de bola. Quando a Holanda articulou mais passes no campo ofensivo, era preciso trocar passes no ataque. Parar a bola, tirar a velocidade do jogo. **Lembra do Ganso contra o Santo André?** (grifo nosso) O Brasil não conseguiu fazer isso.

> O jogo exigia toque de bola. Dunga olhou para o banco e descobriu o óbvio: que os reservas não ofereciam a ele essa opção. Faltou mexer a cabeça negativamente, como fez contra Portugal. Após a eliminação, não adianta fazer isso olhando para o campo. Talvez olhando para o espelho.

e

> O time de Dunga não era só contra-ataque. Gostava de jogar com a bola na maioria dos jogos. Ontem, não conseguiu. Como dito na convocação, faltou alguém no banco que mudasse o ritmo do jogo.

Em um dos trechos, grifei a referência ao Ganso porque em outro texto do jornalista ("Chama o Ganso!", 26/06/2012), ele havia iniciado o texto com o mesmo parágrafo, citando a impaciência de Dunga em campo, procurando no banco um jogador que pudesse resolver o jogo (no caso, a partida contra Portugal), e ele argumenta que Ganso poderia ser esse jogador – o que não o faz explicitamente, mas ao fazer essa referência, PVC chama o leitor-torcedor para lembrar o outro texto dele e o levar a concordar com sua afirmação, de que se Ganso estivesse em campo o resultado poderia ter sido diferente. Numa interpretação mais profunda, se o técnico tivesse convocado Ganso, o Brasil poderia ter ganho da Holanda. Em resumo, a culpa pela derrota do Brasil é de Dunga – o que pode ser confirmado pela frase "Dunga olhou para o banco e descobriu o óbvio: que os reservas não ofereciam a ele essa opção. Faltou mexer a cabeça negativamente, como fez contra Portugal. Após a eliminação, não adianta fazer isso olhando para o campo. Talvez olhando para o espelho".

José Simão, por sua vez, não perde a piada em "Dunga burro!" (FSP, 02/07/2010). Com destaque para a atuação desastrosa de Felipe Melo, que foi expulso após faltas violentas contra os holandeses, ele escreve

> E chute agora é "dar um felipe melo"! Vou te dar um felipe melo. PAHN! Dê um felipe melo no seu melhor amigo. E já tão dizendo que o Felipe Melo vai passar férias no sítio do Bruno do Flamengo! Rarará! O Felipe pisou na bola e no holandês!

E "E o Felipe MELOU a Copa! Devia tá no vale-tudo!".

Dunga também é criticado pelo cronista e chamado de "burro", como demonstra o título do texto. Ele também é chamado de teimoso, como se pode inferir no trecho "E depois da passagem do Dunga pela África, eles vão incluir MULA SEM CABEÇA em safári. Com

direito a atirar!". José Simão leva em consideração que o leitor saiba da expressão "teimoso feito uma mula", e que a associação entre "Dunga" e "mula" não seja uma tentativa de piada no vazio.

6. Conclusão

O objetivo deste trabalho foi mostrar, através das crônicas esportivas publicadas pelo caderno de esportes da Folha de São Paulo nas copas de 2006 e 2010, que a abordagem da seleção brasileira está mais calcada no aspecto futebolístico do futebol. As eliminações da seleção nas duas competições foram consideradas pelos cronistas como derrotas normais do futebol – a última delas, aliás, foi descrita de forma tranquila e "positiva", como se o enunciador quisesse produzir o discurso de que "até que foi bom a Seleção Brasileira não ter ganho essa copa, assim a equipe pode voltar a jogar o futebol ofensivo o qual todos estão acostumados". Uma conclusão que faz sentido muito mais para o leitor-torcedor, amante do futebol, que conhece o esporte e não acompanha apenas na época de Copa do Mundo, do que o torcedor de ocasião, a quem acredito que tais crônicas não se dirijam.

No entanto, para que essa conclusão seja mais clara, ressalto que tal temática desenvolvida pelos cronistas – e apresentada ao leitor, que acredito, esteja mais atento e próximo a concordar e ratificar essa abordagem mais especializada do futebol brasileiro através das crônicas, devo retomar a discussão sobre a evolução do jornalismo esportivo no Brasil.

A fase amadora já passou há muito tempo. Ficou para os livros de história o tempo em que os profissionais dessa área tinham que disputar espaço nos jornais para publicar matérias sobre futebol. Atualmente, este esporte é o mais popular do Brasil, e já possui caderno próprio nas publicações impressas.

As crônicas esportivas também já não são mais as mesmas. Os textos, que eram mais poéticos e menos fincados na realidade, agora são mais racionais, analíticos e preocupados com os aspectos técnicos do futebol. De certa forma, a abordagem do futebol – e por consequência do Brasil nas copas do mundo – mudou junto com as crônicas.

O futebol é tratado como um esporte, e suas derrotas ou vitórias são consideradas dentro do tema "esporte". O desempenho da seleção brasileira nas copas do mundo mais recentes não

é mais algo que vai afetar toda a população, como se fosse um problema nacional. As crônicas esportivas publicadas pela Folha de São Paulo nas copas de 2006 e 2010 reiteram este aspecto: que a performance da seleção brasileira não é tratada como uma performance da nação brasileira. Em todos os textos, a preocupação dos cronistas é narrar a respeito do desempenho da equipe, estabelecer análises sobre o futebol apresentado pela seleção, tratando a Copa do Mundo como um evento esportivo.

Mas a mudança na forma como é encarado o desempenho da seleção através das crônicas esportivas não vem apenas da mudança na abordagem do futebol através dos textos. A análise deles por parte de quem lê também muda com o tempo, assim como quem participa dos textos (no caso das crônicas, os jogadores e os próprios produtores – jornalistas e escritores, quando estes se colocam dentro de suas obras através das marcas pessoais e textuais que compõem o seu discurso).

Saem os jornalistas que estão em todas as frentes, sem especialização; agora os autores são jornalistas esportivos, ex-jogadores de futebol, e mesmo aqueles que não têm o esporte como área de atuação, entendem do esporte bretão e utilizam as palavras e expressões típicas do futebol para construir um discurso diferente em relação ao dos jornalistas especializados. Como já vimos, esse discurso é mais emotivo, próximo da construção mais antiga das crônicas esportivas, mas ele se enquadra numa perspectiva mais atual da cobertura esportiva nos grandes jornais porque os termos e palavras utilizados fazem parte de uma construção mais "veraz" do futebol. Atualmente, a crônica esportiva é uma visão mais "pessoal", mas não "imaginativa" do esporte.

Ela não pode ser "imaginativa", porque, reitero, a abordagem do futebol no jornalismo esportivo mudou. As transmissões esportivas pelo rádio dividem espaço com a cobertura dos jogos pela TV. A imagem não deixa mentir – por isso, as crônicas também não podem mentir. O autor sabe que o leitor-torcedor não acompanha apenas futebol pelos jornais impressos – ele assiste aos jogos também na tela da televisão, e procura, evidentemente, opiniões nas crônicas mais baseadas numa visão de jogo do que de questões que são marginais ao jogo.

Mesmo assim, ao incluir na análise crônicas de tom mais bem humorado (mais precisamente os textos da Copa de 2010), compreendo que o leitor-torcedor também procura uma abordagem mais leve sobre o futebol dentro da Copa do Mundo, sem a necessidade de falar de táticas e análises frias de jogo, apenas destacando elementos estranhos ou cômicos

dos jogos ou dos personagens das partidas. Ainda assim, as crônicas bem-humoradas não fogem da realidade do jogo, já que os participantes dos textos - aqueles que participam dos processos descritos, de acordo com Fairclough (2001) – existem e todas as referências históricas ou sociais que são construídas no discurso para fazer rir (ou pensar) também são verdadeiras (a exemplo do "ataque atômico" que José Simão escreve, brincando com o fato de que a Coreia do Norte, primeira adversária do Brasil, possui armas atômicas; e o "cheeeeira Maradona", do mesmo Simão, que sabe que seu leitor tem conhecimento dos problemas que o ex-jogador argentino tinha com as drogas).

Dessa forma, através dos significados dados a tais palavras ou expressões (com todo o background cultural incluído nelas), o discurso (neste caso em específico) acaba reestruturando o "sistema de conhecimento e crença" (idem, p.210), mas acredito que reforçar o caráter apenas esportivo do futebol, para mostrar ao público leitor que o futebol é esporte e deve ser levado como tal.

Para confirmar a conclusão a que cheguei, volto aos textos das eliminações brasileiras em 2006 e 2010, mostrando como os jornalistas da Folha de São Paulo trataram o processo com mais naturalidade e menos ufanismo.

Em todas as crônicas escritas em 2006 um dia após a derrota do Brasil, o tema dos discursos é a decepção em torno de uma seleção Brasileira que chegou à Alemanha com a proposta de um jogo que valorizasse as tradições do Brasil dentro da competição – pela ótica esportiva. A crítica não é apenas é equipe, que não jogou o que se esperava dela, mas também é direcionada aos jogadores, que supostamente não valorizaram a Copa do Mundo como se esperava. Mas nos textos, em nenhum momento há uma "comoção nacional", que indicasse que esses jogadores eram "traidores da nação".

É claro que, em alguns textos daquele ano – especialmente "Os Sem-Alma", de Clovis Rossi, e "É tua, Felipão" – eles demonstram uma torcida a Felipão e Portugal por causa da nacionalidade do técnico e da vontade que a equipe portuguesa demonstrou na competição ter sido maior e passível de simpatia , em relação à apatia brasileira. No entanto, como disse Fairclough, "Um processo real pode ser significado linguisticamente numa varidade de formas, de acordo com a perspectiva em que ele é interpretado". (p.223)

Entendo que, para alguns leitores, os termos e frases utilizados pelos dois jornalistas em relação a Portugal e Felipão podem levar a conclusão de que o discurso empregado por Rossi

e Kfouri é de uma "união entre nações", transcendendo o aspecto futebolístico, mas considerando o percurso discursivo dos textos escritos no caderno de esportes da Folha, e as marcas pessoais dos escritores em cada crônica, a interpretação da mensagem passada por Rossi e Kfouri está mais ligada a uma simpatia à vontade de jogar e ganhar demonstrada por Portugal e Felipão na Copa, em comparação com o futebol (ou a falta dele) apresentado pelo Brasil.

Já em 2010, o contexto em que a seleção é eliminada na África do Sul é totalmente diferente. Existe por parte de Dunga uma preocupação em valorizar a seleção brasileira através de um comportamento mais belicoso, não apenas em campo, mas também fora, no trato com a imprensa. Há um ensaio de discurso por parte do ex-técnico de "vamos ganhar pelo povo brasileiro", ou o fato de jogar pela seleção como um ato de amor ao Brasil (como em "Meu coração fala uma coisa, mas **a razão pelo que eu estou representando pelo meu país fala outra**"[9]; e "**todos estão preparados para se doar ao país**"[10] (grifos meus) dito durante a entrevista coletiva da convocação para a copa, em maio de 2010), mas os textos das crônicas publicadas pela Folha de São Paulo continuam a tendência de 2006, de analisar o desempenho da seleção e o trabalho de Dunga à frente da equipe.

Tanto é que a derrota do Brasil frente à Holanda foi tratada com uma certa tranquilidade pelos cronistas, que lamentaram a desclassificação, mas esperaram que essa eliminação fosse um fim de um período em que a seleção não valorizava o futebol pelo qual ficou conhecido – o jogo bonito, ofensivo e individual, que foi deixado em segundo plano para um esquema tático baseado num jogo coletivo, sem grandes estrelas e enfatizando o contraataque. E, ao contrário de 2006, o saldo da eliminação foi mais "positivo" do que negativo.

No entanto, o fato das coberturas esportivas deixarem de reforçar o aspecto "nacional" das derrotas e vitórias brasileiras em Copas do Mundo, preferindo uma abordagem mais esportiva e analítica não começou em 2006. Segundo Ronaldo Helal e Antonio Jorge Soares no artigo "O declínio da pátria de chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo

---

[9] DIAS, Thiago; LAVINAS, Thiago. **Brasil já tem lista para Copa. Adriano, e Neymar fora. Grafite dentro.** Globoesporte.com, 11/05/2010. <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2010/05/selecao-ja-tem-lista-para-copa.html> . Acesso em 16 fev. 2013

[10] LIMA, José Antônio. **A convocação do Brasil para a Copa do Mundo de 2010.** Época, 11/05/2010. <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI139561-17820,00-A%2BCONVOCACAO%2BDO%2BBRASIL%2BPARA%2BA%2BCOPA%2BDO%2BMUNDO%2BDE.html>. Acesso em 16 fev. 2013

de 2002" (2002), que analisou a cobertura da imprensa durante a campanha do pentacampeonato da seleção brasileira, eles citam as colunas do jornalista Roberto Assaf sobre suas memórias da copa de 1970, a instituição de um "feriado nacional" para comemorar a conquista da Copa do Mundo, e o jornalista considerar essa situação "um absurdo atualmente", os autores afirmam que

> As conquistas de 1994 e de 2002 não proporcionaram feriados nacionais, por exemplo. [...] Neste espaço, tanto as celebrações das conquistas (1994 e 2002) quanto o sofrimento da derrota (1998) transcenderam muito pouco o universo esportivo. As conquistas da seleção em 1994 e 2002 não foram dramatizadas como as "vitórias da nação brasileira" nem tampouco a derrota na final contra a França em 1998 foi sentida como "a derrota do país", bem diferente das dramatizações que ocorreram em torno da derrota na final da Copa de 1950 e da conquista do tricampeonato em 1970. (2002, p. 8).

Ou seja, a tendência é que não apenas a abordagem das vitórias e derrotas da Seleção Brasileira nas copas do mundo seja tratada dentro do âmbito esportivo. As crônicas esportivas também continuarão sua abordagem mais especializada, seguindo o desenvolvimento das coberturas esportivas não apenas no jornalismo impresso, como também na televisão e no rádio. As crônicas esportivas, que já estão restritas aos cadernos de esportes, ao reforçar os termos e expressões típicas do futebol, além de apresentar uma visão mais opinativa – e, escrita por profissionais especialistas da área, sejam jornalistas ou ex-profissionais do futebol – ficarão mais próximas de um público alvo que também está mudando junto com a abordagem do jornalismo sobre o esporte.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

COSTA, F.R; NETO, A. F.; SOARES, A. J. G. Crônica esportiva brasileira: histórico, construção e cronista. **Pensar a prática**, vol. 10, n. 1, jan./jun. 2007. Disponível em: < http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/198/1230>. Acesso em 10 jan. 2013.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: UNB, 2001.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In. FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001, p. 264-298. Disponível em: <http://fido.rockymedia.net/anthro/foucault_autor.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2013.

GASTALDO, Édison. Comunicação e Esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas. **Comunicação, Mídia e Consumo**, ESPM, São Paulo, ano 8, vol. 8, n. 21, mar. 2011.

HELAL, R; CABO, A; SILVA, C. Pra frente Brasil! Comunicação e Identidade brasileira em Copas do Mundo. **Esporte e Sociedade**, ano 5, n. 13, nov. 2009/ fev. 2010. Disponível em: < http://comunicacaoeesporte.files.wordpress.com/2010/10/pra-frente-brasil-comunicacao-e-identidade-brasileira-em-copas-do-mundo1.pdf>. Acesso em 15 jan. 2013.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge. O Declínio da Pátria de Chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. **Compós** – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2002. Disponível em: < http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/014338_o-declinio-da-patria-de-chuteiras-futebol-e-identidade-nacional-na-copa-do-mundo-de-2002.pdf>. Acesso em 12 jan 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARQUES, José Carlos. A função autor e a crônica esportiva no Brasil: representações da Copa do Mundo em alguns jornais paulistas e carioca. **Logos 33**: Comunicação e Esporte, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 02, 2º semestre 2010. Disponível em: < http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/855/783>. Acesso em: 10 jan. 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**: Diretrizes para o trabalho didático-científico na Universidade. São Paulo: Cortez, 1980.

SILVEIRA, Roberto Azoubel da M. Silveira. **A crônica esportiva em tempos de jornalismo participativo**: Uma experiência inicial com cronistas do Sport Club do Recife. [2008]. Disponível em: < http://dc253.4shared.com/doc/IZCDxTKr/preview.html> Acesso em: 15 jan. 2013

STYCER, Maurício José**. Jornalismo Esportivo**: 110 Anos Sob Pressão (Uma história de acusações de sensacionalismo, suborno, invenção de notícias e relações promíscuas com

fontes e anunciantes). **Intercom** - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 29 ago./2 set. 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2356-1.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2013.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2004.

ANEXOS

ANEXO A - Crônicas esportivas publicadas pela Folha de São Paulo na Copa do Mundo de 2006.

13/06

“Esperada estréia”, Tostão

Além da bola aérea, a Croácia explorará os espaços nas costas dos laterais

República Tcheca e Estados Unidos fizeram um excelente jogo. Apesar da derrota por 3 a 0, a equipe norte-americana jogou bem -é o país que mais cresceu no futebol nos últimos 15 anos. A República Tcheca foi a seleção que mais me agradou até o momento. Ainda iria assistir a Itália x Gana. Logo após ver a justa vitória da Austrália sobre o Japão por 3 a 1, saí do hotel e levei um susto. Uma multidão de croatas, todos com a feia camisa vermelha e branca quadriculada, como em um jogo de damas, cantava pelas ruas de Berlim. Quem terá mais torcedores no estádio? A Croácia não é candidata ao título, mas não está entre as fracas seleções. A principal jogada ofensiva da equipe é a bola aérea, cruzada em jogadas pelas laterais ou de bola parada para os atacantes. A Croácia atua normalmente com três zagueiros. No recente amistoso contra a Áustria, quando venceu por 4 a 1, o time jogou com dois zagueiros e um lateral-zagueiro pela direita, que só marcava. O lateral-zagueiro virou moda na Europa. A Argentina também escalou um zagueiro (Burdisso) na lateral direita no jogo contra a Costa do Marfim. Prefiro o jeito brasileiro de avançar, alternadamente, os dois laterais. Somente se justifica ter um lateral-zagueiro se o adversário tiver do mesmo lado um jogador veloz e habilidoso. Por isso, o técnico da Croácia, Zlatko Kranjcar, deve ter pensado no Brasil, em Ronaldinho Gaúcho e nos avanços de Roberto Carlos para colocar um lateral-zagueiro pela direita no amistoso contra a Áustria. Além da bola aérea, o técnico da Croácia, se tiver a mínima competência, vai tentar explorar os espaços nas costas dos laterais brasileiros, principalmente Roberto Carlos. Todos os pequenos times da Espanha fazem isso muito bem contra o Real Madrid. Lúcio não costuma fazer a cobertura na lateral, nem dá tempo para Zé Roberto fazê-lo. O Brasil é a única seleção capaz de ganhar o título e dar show. Mas não deveria mostrar todos os seus encantos e segredos no primeiro jogo. Os artistas não devem também ter pressa de demonstrar toda a sua arte.

“A Croácia não é sopa”, Juca Kfouri
Atuações de outros favoritos geraram otimismo, mas vai haver sofrimento

Há razões objetivas para todo o otimismo que cerca a seleção brasileira. Além da tradição, dos cinco títulos, dos mágicos do time, acrescenta-se, agora, o desempenho pífio de alguns dos candidatos ao título que já estrearam. Só que há um certo exagero na avaliação e poucos motivos, além do óbvio desejo, para acreditar que hoje a seleção ensinará aos outros como é que se joga futebol e como é que se estréia em grande estilo. Nem mesmo Parreira acredita nisso. Tanto que, prudente e realisticamente, tem falado em crescer aos poucos, como, aliás, aconteceu na Copa-2002. Quando foi, por sinal, que a seleção fez uma grande estréia em Copas? Em 1958, certamente, ao bater a Áustria (que tinha fama, mais fama que bola) por 3 a 0, e em 1970, quando goleou a antiga Tchecoslováquia por 4 a 1. Mas, em 1962, ninguém gostou dos 2 a 0 sobre o México, como não foram elogiadas as vitórias sobre a Rússia, em 1994 -também 2 a 0-, e sobre a Turquia, em 2002 -2 a 1-, com pênalti inexistente. E as referências aqui se limitam às estréias em Copas ganhas pela seleção, porque em 1974, 1978, 1986 e 1990 foram verdadeiras tragédias, jogos aborrecidos e nervosos. Não é por outra razão que se fala sempre em síndrome da estréia, principalmente entre latinos, mais chegados ao emocional do que ao racional. Não, não estou a filosofar em alemão, embora sob a inevitável influência da Escola de Frankfurt. Nem a destilar pessimismo, porque acredito piamente que a seleção derrote a Croácia, que, diga-se, não é galinha-morta. Como não acho que o bom nível da arbitragem venha a cair já neste primeiro jogo dos brasileiros. Só penso que é melhor não jogar lenha na fogueira da arrogância desmedida e que esse período de treinos não permitiu que ninguém chegasse a grandes conclusões, além da constatação de que Juninho está em ótima fase e Ronaldo não, embora o primeiro seja reserva e o segundo titular... Enfim, prepare-se para sofrer.

“Vale o que for escrito”, Clovis Rossi

O técnico Carlos Alberto Parreira tem uma boa resposta sempre que lhe pedem para comparar a atual seleção brasileira, a mais badalada desde, pelo menos, a Copa de 1982, com as grandes equipes campeãs em 1958 e 1970: "Este time precisa provar na Copa [seu valor]. Os outros já provaram". À primeira vista, a resposta parece uma platitude, uma obviedade. Afinal, os times de 1958 e de 1970 de fato já jogaram suas Copas -e venceram. O de 2006 começa hoje a jogar -portanto, não venceu coisíssima alguma. Mas a obviedade começa a se tornar menos óbvia quando se percebe que até jornalistas estrangeiros pensam na atual seleção como um extraordinário sucesso de crítica, antes até de ela se transformar em sucesso de fato no campo de jogo de uma Copa. Aliás, as frases de Parreira acima transcritas foram em resposta a um jornalista britânico, ainda por cima com uma camisa pólo da seleção inglesa, o que acho particularmente inadequado. Jornalista é jornalista, torcedor é torcedor. De volta a Parreira. O fato é que, pelas memórias de Juca Kfouri, relatadas outro dia, o ambiente prévio à estréia na Copa de 1982 era parecido, talvez igual. Deu no que deu. Deu aliás em uma mistura cruel: ao mesmo tempo em que se exalta a "seleção de Telê Santana", como se fez recentemente, quando ele morreu, se diz que foi uma geração brilhante mas fracassada porque não conquistou títulos (Sócrates, Falcão, Cerezo, Zico etc). É, no futebol como na vida, a história é escrita pelos vencedores. Poucos têm dúvidas de que os quatros jogadores citados foram bem melhores que os que ganharam a Copa de 1994, mas a mediocridade vencedora recebe mais atenção que o talento derrotado. Como superstição e futebol são irmãos siameses, muita gente fica tremendo de medo de que 2006 repita 1982. Em um torneio em que, depois da primeira fase, entra-se no mata-mata, tudo pode acontecer. Se Brasil e Itália jogassem dez outras vezes, com as mesmas formações de 1982, o Brasil ganharia nove e empataria a outra, pela lógica. Sempre pela lógica, não desfilou até agora, pelos campos da Alemanha, uma única seleção capaz de dar corda à superstição. Mas o nível do torneio está bem razoável, e superstição dispensa corda.

14/06

“Deu para o gasto”, Tostão

O Brasil só melhorou um pouco com Robinho no lugar do esquisito Ronaldo

Ao entrar no belo e antigo estádio de Berlim, construído em 1936, lembrei das imagens de Hitler na tribuna de honra. Os alemães, que fazem tudo para esquecer as barbaridades da Segunda Guerra, devem se lembrar desses momentos quando voltam ao estádio. Além disso, a memória vai muito além da lembrança. A presença de alguns poucos símbolos da época no nazismo serve para as pessoas lembrarem que nada do que aconteceu poderá ser repetido, de forma alguma. Esses lugares representam a expiação, a consciência moral do povo alemão. O estádio está lindo nesse momento que antecede o jogo. Camisas amarelas e vermelhas e brancas tomam conta de todos os lugares. Estou tão arrepiado quanto ficava antes das partidas que jogava pela seleção em uma Copa do Mundo. A bola rolou. Nesse instante, a emoção não pode escurecer nem estreitar a visão imparcial do comentarista. Até o primeiro e único gol, Brasil e Croácia faziam uma partida burocrática, lenta, excessivamente tática e com muitos passes para o lado. Era um jogo mais da prancheta, dos técnicos, do que dos craques. Adriano e, principalmente, Ronaldo jogavam muito mal. Aí surgiu o craque. Kaká dominou a bola pelo meio, saiu da marcação e, com um toque de mestre, colocou a bola no ângulo. No segundo tempo, a Croácia adiantou um pouco mais a marcação, tomou mais a bola no meio campo e criou algumas chances de gols. Faltou o craque na Croácia. Dida fez também três boas defesas. Já o Brasil continuou lento e burocrático e só melhorou um pouco com a entrada de Robinho, no lugar do lento e esquisito Ronaldo. Será que havia outra bolha no pé para atrapalhá-lo? Com exceção da boa marcação da defesa, facilitada pela lentidão do ataque da Croácia, das boas defesas de Dida e do belo gol de Kaká, o time brasileiro teve uma discreta atuação, até certo ponto esperada para uma estréia na Copa. Deu para o gasto. Fica a esperança de que os grandes times nunca mostram os seus encantos e segredos no primeiro jogo.

“Dá nele, bola!”, Juca Kfouri

É preciso dizer a Ronaldo que ele tem de treinar mais para ser titular

Deu dó de Ronaldo. Quando, aos 69, Robinho entrou , a maior diferença foi a de que, enfim, a seleção passou a ter 11 jogadores em campo. Porque até aí eram 10, quase nove, pois Adriano também não rendia.E este talvez tenha sido o maior mérito da seleção. Ter vencido a Croácia jogando com 10, quase nove. Até por sensibilidade, Parreira deve poupar o Fenômeno, preservar seu enorme nome. Porque foi torturante vê-lo como um peso-pesado cambaleante, vagando pelo gramado, como se nada que tivesse acontecendo em volta fosse com ele. Matar uma simples bola parecia um sacrifício hercúleo, algo assim como nunca vi em um campeão indiscutível como ele. Jamais imaginei que quando visse um lançamento para Ronaldo, o homem que decidiu a Copa de 2002, a primeira coisa que viesse a minha cabeça fosse a mesma quando uma bola é lançada para um desses grossos que infestam o futebol: "Ah, bola pra ele não adianta". Menos mal que, embora encaixotado em boa parte do jogo pela defesa croata, Kaká teve um momento brilhante e marcou um golaço, o que deu a vitória magra, bem ao estilo, aliás, das estréias brasileiras. Nada mais chato do que dizer "bem que eu avisei", mas nada mesmo me dava a ilusão de que pudesse ser diferente. Porque se muita gente se surpreendeu com o mau desempenho brasileiro, Parreira certamente não está entre essa gente. Ele sabia que seria assim, com um futebol sovina. Resta dizer, como os argentinos, os alemães, os holandeses, que valeu, valeu pelo resultado. E que será necessário treinar mais e mais o posicionamento de nossa defesa, que em geral foi bem, nos cruzamentos sobre a área, porque pelo menos em três ocasiões os croatas levaram vantagem. Mas, fundamentalmente, será preciso ter coragem de dizer a Ronaldo que ele precisa ainda de um bom tempo de treinamento para poder entrar como titular numa partida de Copa do Mundo. E, antes de mais nada, pelo bem dele, pelo bem que queremos a ele.

“Bateu ponto. E só”, Clovis Rossi

Antes de mais nada, vamos combinar o seguinte: eu não estou gastando o dinheiro da Folha na Alemanha só para ver o Brasil ganhar da Croácia. Esse resultado estava "precificado", como dizem os economistas. Prova? A torcida da Croácia comemorou o 1 a 0 contra até mesmo depois do apito final, evidência clara de que perder de pouco do Brasil estava no limite de suas expectativas. Já a torcida brasileira pedia "Robinho, Robinho, Robinho" desde os 16 minutos do segundo tempo, sinal de que seu apetite não estava nada satisfeito com o 1 a 0 a favor. Vim para ver a concretização de todos os papos de botequim, no Brasil ou na Alemanha, na Croácia ou no Togo: a melhor seleção brasileira de todos os tempos ou, ao menos, algo muito semelhante aos times de 1958 e 1970, sem dúvida os melhores do rico repertório brasileiro. Não vi nem sombra. Pior: a nova dupla de zagueiros, Lúcio e Juan, parecia disposta a reabilitar a memória do tão vilipendiado Roque Júnior, de tantos sustos que deram à comportada torcida brasileira, nas bolas alçadas na área ou enfiadas entre eles. A Croácia, time modestíssimo, conseguiu a façanha de chutar, com perigo, quatro ou cinco bolas pelo centro da área. O Brasil, com o que é o melhor jogador do mundo e o que foi (Ronaldinho e Ronaldo), conseguiu proeza inversa: nenhuma jogada de área. Nem o gol, este sim um primor. Kaká chutou com a precisão de um computador e com a beleza de um passe de balé. No mais, Ronaldo jogou como joga no Real Madrid, ou seja, nada. Ronaldinho jogou como não joga no Barcelona. Parecia ter plena noção disso, tanto que, ao contrário do que acontece até quando erra jogadas no Barcelona, não sorriu. Nem mesmo ao deixar o campo e receber cumprimentos pela vitória. Se estivesse de mau humor, diria que o Brasil jogou preguiçosamente, sovinamente. Mas, em tributo póstumo aos artistas que ontem não o foram, digamos que a seleção parece ter a tranqüila certeza de que, cedo ou tarde, faz um gol e mata o jogo. Ontem, o gol saiu mais tarde que cedo e, pior, não matou o jogo. Ao contrário, a Croácia foi para cima e, em vez dos Ronaldos, a torcida gritou o nome de Dida. Está dito tudo.

18/06

“Vencer e convencer”, Tostão

Se o time, Adriano e Ronaldo atuarem mal, será inevitável Robinho entrar

Hoje, todo o Brasil espera uma atuação melhor do que contra a Croácia. Não adianta os operatórios e utilitaristas dizerem que só importa a vitória. Pela importância e excelência do futebol brasileiro, todo o mundo, e não só o Brasil, quer assistir a ótimas partidas da seleção. A Austrália é um time organizado, forte fisicamente e que se destaca pela marcação. Individualmente, é fraco, pior do que a Croácia. A principal jogada são os cruzamentos para o centroavante Viduka, que, além de finalizar bem com os pés e a cabeça, ajeita bem a bola para os que chegam de trás. Contra a Croácia, o Brasil mostrou um futebol lento e burocrático. Não houve uma jogada coletiva em velocidade. Adriano e Ronaldo atuaram muito fixos pelo meio, e Ronaldinho e Kaká, muito abertos. Os dois atacantes estavam muito distantes dos dois meias. Conversei com Ronaldinho, e ele concordou que, no Barcelona, recebe a bola mais à frente, diante de só um marcador. Na seleção, ele inicia as jogadas mais atrás e tem sempre mais marcadores pela frente, além de ficar mais longe do gol. Emerson e Zé Roberto se limitaram a marcar e a tocar a bola para o lado. Gosto mais do Emerson desarmando mais à frente, pressionando o armador adversário, como faz na Juventus. Ele não tem características para atuar mais recuado, como fizeram muito bem Mauro Silva na Copa de 94 e Edmílson na de 2002. Se Adriano, Ronaldo e o time atuarem mal no primeiro tempo, será inevitável a entrada de Robinho. Com ele, o time fica mais veloz e imprevisível e tem mais jogadas pelos lados, principalmente se Cafu e Roberto Carlos estiverem muito marcados. A esperança é ver Ronaldo melhor e com mais mobilidade. Tenho a impressão, como escrevi em outra coluna, de que a lentidão de Ronaldo não é apenas pela sua má forma física e técnica mas também pelo seu excesso de confiança, quase uma soberba, e que ele vai naturalmente brilhar, como em outros tempos. Chateado e desafiado pelas críticas, Ronaldo poderá ser hoje um outro jogador. Tomara!

“Canguru ou zebra?”, Juca Kfouri

A seleção voltou a ser humana, e creio no verde-amarelo hoje, do canarinho

Alguma coisa me diz que hoje será um dia mais alegre para a seleção brasileira. E não é mera intuição. As coisas pioraram para melhor, não sei se me faço entender. O time de Parreira deixou de ser unanimidade, voltou a ser humano, outra vez cercado por problemas e desconfianças mil. Badalada é a Argentina, não sem motivos. Até os australianos andaram cometendo suas bazófias, com uma provocação aqui, outra ali. Ora bolas. Por mais que não haja mais bobo no futebol, frase surrada e verdadeira só dentro de limites bem rígidos, para que o time dos cangurus queira se transformar numa zebra monstruosa nesta Copa será necessário comer muito arroz com feijão. E esta deve ser a receita para o time nacional. Jogar com simplicidade e alegria, algo não mostrado diante da Croácia. Afinal, a ansiedade da estréia já passou, e se a segunda rodada vem mostrando jogos bem melhores (ressalvadas as estréias da República Tcheca e da Espanha) exatamente por isso, nada impede que Ronaldinho e companhia dêem o ar de sua graça. O jogo em Munique guarda aspectos inusitados. O maior deles na luta de Ronaldo para permanecer entre os titulares, algo impensável desde que ele se transformou na maior estrela do time. E é, ainda, o primeiro confronto entre duas seleções que venceram na rodada inicial, além de ambas terem o verde e o amarelo como suas cores preferenciais. Só que, cá entre nós, a Austrália, de nome respeitável mesmo no futebol, só tem o de seu técnico, o holandês Guus Hiddink. Entre os jogadores, convenhamos, só sabe quem é sua maior estrela - o atacante Viduka, do Middlesbrough- quem acompanha o futebol em seus mínimos detalhes. E numa Copa tudo isso pesa. O árbitro alemão é garantia de limpeza e não será mesmo na primeira fase que irão operar a seleção, presença fundamental na fase seguinte, garantia de sucesso do torneio. Depois, veremos. Mas este 18 de junho pinta como verde-amarelo. Do canarinho, que não é canguru nem zebra.

“Gente séria”, Clovis Rossi

Topo, no centro de imprensa do Estádio de Frankfurt, com um fantasma (um bom fantasma) de um passado em que o Palmeiras era grande. A credencial diz que ele se chama Giuseppe Altafini, mas nasceu José João Altafini, ganhou no futebol o apelido de Mazzola, foi campeão do mundo com o Brasil em 1958. Mais: era o titular inicial, no lugar de um certo Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Agora comentarista da Sky Itália, está, como é natural, incumbido de comentar, entre outros, os jogos do Brasil. Mazzola conta que, aos cinco minutos do jogo contra a Croácia, disse a José Trajano, o notável jornalista esportivo hoje chefe da ESPN Brasil: "O Ronaldo não está bem". Acertou em cheio. Pergunto o que ele acha da comparação que se fazia no Brasil (antes do jogo contra a Croácia) entre a seleção de 1970 e a atual. "Para começar, os cinco atacantes de 1970 eram gente séria", responde com aqueles gestos largos bem italianos. É, portanto, mais um julgamento extracampo. E questionável. Gérson, um dos que Mazzola chama de atacante, fumava tanto ou mais que eu, até parar faz seis anos. Mas nem com um pulmão supostamente avariado, como é o de todo fumante, andava em campo tão lentamente como Ronaldo na terça-feira. Mas o meu bom fantasma faz também uma comparação puramente futebolística: "Os cinco de 70 tratavam a bola de você, não de senhor". Mazzola diz que Adriano, na Itália, jogou mal o ano inteiro. Critica a troca de Edmílson por Zé Roberto. "No Bayern, Zé Roberto jogava praticamente como um ponta. No Brasil, joga no meio, nem tão à frente como no Bayern nem tão atrás como Edmílson", reclama, adepto de uma teoria da simplicidade: saiu o goleiro, entra outro goleiro. Saiu o centroavante, entra outro e ponto final. "Eu saí, entrou o Pelé", compara imodestamente. A menos, é claro, que o quadrado mágico que ainda não foi mágico estivesse em forma. "Aí, você toma três gols, mas faz cinco." Ronaldo, então, deve sair? Responde com outra comparação: "O que é melhor: um professor morto ou um burro vivo?". Ah, do Palmeiras nem falamos: "Só torço para dois times na vida, a seleção brasileira e o Palmeiras. Mas falar do Palmeiras hoje me faz doer o coração".

19/06

“Foi suficiente”, Tostão

O Brasil deixou novamente o rival tocar demais a bola no meio-campo

Nestes dias em Munique, conheci o esplendor de uma Copa. Milhares de pessoas, alemães e estrangeiros, confraternizaram-se e se divertiram pelas ruas da maravilhosa cidade. Os alemães adoram festa e futebol. Bebem muito, mas não ficam tontos.
Pelo que presenciei nos quatro últimos Mundiais, os alemães não têm nada a ver com a chata formalidade francesa, evidente na Copa de 1998, com a discrição dos orientais em 2002 nem com a indiferença americana em 1994.
Vamos ao jogo. A partida foi igual como a contra a Croácia, mas prevaleceu novamente o maior talento dos brasileiros. A Austrália pressionou em alguns momentos do segundo tempo, criou tantas chances de gols quanto o Brasil, mas finalizou mal.
O Brasil deixou novamente o rival tocar demais a bola no meio campo. Emerson e Zé Roberto marcaram muito atrás, como contra a Croácia.
Como a Austrália não deixou espaços para Roberto Carlos e Cafu avançarem, e Adriano e Ronaldo continuaram fixos pelo meio, não houve jogadas pelas pontas no primeiro tempo.
Após o gol do Brasil, a Austrália colocou mais um atacante e adiantou a marcação. Isso facilitou para o rápido e habilidoso Robinho, que entrou novamente muito bem, no lugar de Ronaldo. Se Robinho tivesse jogado desde o início, quando a Austrália estava recuada e sem deixar espaços na defesa, ele teria mais dificuldades. A entrada de Robinho durante a partida, quando o Brasil estiver vencendo, será uma arma poderosa no contra-ataque. Isso não significa que Robinho não possa se tornar titular nos próximos jogos.
Ronaldinho Gaúcho foi excelente na armação das jogadas, porém no Barcelona ele é também um excepcional atacante, o que não foi nos dois primeiros jogos. Ele, Juan, Lúcio e Robinho foram os melhores do Brasil. Ronaldo se movimentou mais, mas continua mal. Os outros foram bem ou razoáveis.
Deu novamente para o gasto. Escrevi antes da Copa que, se o Brasil ganhar o título, será com grande brilhantismo. Isso ainda não aconteceu, mas ainda há tempo.

“Na conta do chá”, Juca Kfouri

Classificado, time brasileiro mostrou mais força que jeito, e ataque ainda deve

Impossível não lembrar de 1994. A seleção brasileira ganhou seus dois jogos, está nas oitavas-de-final, muito provavelmente em primeiro lugar.
Reclamar do quê?
Do futebol, apenas. Mais de força, como o dos croatas e dos australianos, do que de jeito, como as escolas brasileira e argentina.
Mas, do mesmo modo que na Copa dos Estados Unidos, Parreira dizia que seu time não jogava à européia, e sim jogava o futebol mundial, desta vez ele dirá que só mais força ganha da força.
E se ele tiver razão? Fato é que quem esperava muito do meio-de-campo para a frente está vendo a defesa brasileira ser melhor do que o ataque. Ontem, então, com uma atuação quase perfeita de Lúcio e Juan, apesar das três claras chances australianas.
Lúcio ainda se deu ao luxo de apoiar o ataque, e de um cruzamento seu quase sai um gol, de Juan...
Ronaldo jogou. Não jogou bem, mas jogou, como Adriano, que de tanto tentar deixou seu tento, essencial, logo no começo do segundo tempo, antes que desse tempo para os australianos perderem o respeito pela camisa pentacampeã. Deixá-lo disparar o pé esquerdo é morte certa. E deixaram.
E Dida, se deu uma saída incompreensível de gol, embora aos gritos para Lúcio, que não entendeu, acabou por evitar um gol que seria fabuloso.
A busca do equilíbrio entre força e jeito parece ser o desafio do time, e não é por acaso que gente refinada como Robinho e Juninho está no banco.
Como Ronaldinho está a léguas de ser ele mesmo, o resultado é que Kaká fica sobrecarregado e precisa se desdobrar. O gaúcho tem consciência, como disse à **Folha**, de que está devendo e será preciso subir rapidamente os degraus em busca de todo o seu jogo -que melhorou da Croácia para a Austrália. Porque o que estaria de bom tamanho para um mortal comum é muito pouco para ele.
Ganhar do Japão não exigirá força, apenas inteligência e habilidade para inutilizar a correria deles.
Difícil prever o que acontecerá, depois da dureza de Munique.

“Brasil 2, mágica 0”, Clovis Rossi

O Brasil ganhou, classificou-se para a próxima fase, mas mágica que é bom, nada. E era justamente o que mais se esperava dessa equipe. O que se viu pelo menos até o primeiro chute que tomou a direção do gol, justamente o 1 a 0, aos 4min do 2º tempo, foi mágica besta: Ronaldinho, melhor jogador do mundo segundo a Fifa, tropicando na bola; Ronaldo, ex-melhor do mundo, dando uma tremenda furada na área, como se fosse Bussunda, o genial artista que o imitava até morrer no sábado; Adriano ensaiando pedalada na lateral da área para tropeçar nos próprios pés. Mágica besta inclusive nas estatísticas: um certo Jason Culina, com todo o respeito, chutou mais vezes entre os três paus da meta brasileira do que todo o quadrado supostamente mágico junto e todos os demais sete jogadores brasileiros (dois chutes de Culina contra zero de toda a equipe pentacampeã). E estamos falando da Austrália, que é simpática, tem uma torcida festeira e ruidosa, mais até que a brasileira, mas de futebol, basta o apelido do time: "socceroos" ou "cangurus do soccer", o que diz tudo. Para acentuar a ironia, o time melhorou quando saíram dois dos integrantes do quadrado supostamente mágico, Ronaldo e Adriano. Melhorou porque Robinho, que entrou antes, e Fred, que jogou apenas os últimos minutos, correram, que é enfim o que se supõe que seja uma das principais atividades de jogadores de futebol. O prêmio ao esforço veio no segundo gol, obra conjunta dos dois (chute de Robinho na trave e rebote para Fred tocar para o gol vazio). Você aí que viu da poltrona e é cético pode até dizer: "Esse, até eu faria". Mas aposto que muita gente boa estará se perguntando se Ronaldo também faria se estivesse ainda em campo. É cruel, mas a vida é assim. Mágicas bestas ou ausentes à parte, o time melhorou muito em relação ao jogo contra a Croácia. Mesmo Ronaldo e Adriano, nulidades na estréia, se mexeram mais, porém fica a sensação de que algo amarra os dois na hora de resolver. Mas nem foi esse o problema principal. Falta ao Brasil -ontem como contra a Croácia- meio-campo que crie. É inacreditável que uma seleção como essa tenha Lúcio como meio-campista (e até atacante) improvisado. Nem Ronaldinho está criando.

22/06

“Menos alegria”, Tostão

Ronaldinho será na Copa só um excelente atleta de meio-campo

Se o Brasil jogar mal hoje e perder, haverá a lógica desculpa de que já estava classificado. Se entrarem desde o início da partida outros jogadores, como Juninho, Robinho e Gilberto Silva, e eles e o time jogarem muito melhor do que nos dois primeiros jogos, Parreira provavelmente vai dizer que o Japão facilitou, pois precisava ir para o ataque e ganhar o jogo. Portanto, com qualquer time escalado, jogando mal ou bem, ganhando ou perdendo, a equipe para as oitavas será a mesma dos dois primeiros jogos. Parreira vai definir a equipe somente no vestiário. Com isso, as teorias conspiratórias ficarão mais fortes, e poderão suspeitar que a escalação vai depender dos resultados entre Itália e República Tcheca e entre Gana e Estados Unidos, que jogam antes do Brasil. Seria inadmissível que o futebol pentacampeão do mundo jogasse para perder com a intenção de fugir da Itália. Ou os pragmáticos vão dizer que outras seleções já fizeram isso e que seria uma conduta prática e inteligente? Se esse absurdo ocorresse, eu me sentiria ainda mais estranho neste mundo. Poderia até pedir o título oficial, com firma reconhecida em cartório, de dinossauro em extinção. Repito que Zé Roberto tem atuado bem, com regularidade e disciplina tática, como enfatizam bastante o site da CBF e a imprensa oficial. Não sou contra Zé Roberto. Sou a favor de Juninho. Há sempre um jeito de melhorar. Nos dois primeiros jogos, havia também um vazio no meio-campo, pois Emerson jogou muito atrás, os dois meias muito abertos, e Zé Roberto muitas vezes ficava sozinho na armação e na marcação. Ao ver mais de perto Ronaldinho atuar nas duas partidas, como um típico meia-armador pela esquerda, tocando a bola e dando ótimos passes, perdi a esperança de vê-lo tão exuberante como no Barcelona. A seleção e o time são bastante diferentes na maneira de jogar. Infelizmente, temos que nos contentar em assistir a apenas um excelente jogador de meio-campo, e não ao genial reinventor do futebol. Pena! A Copa fica menos alegre.

“Inveja dos Hermanos” Juca Kfouri

Dá pena imaginar o que a Argentina fará com o México nas oitavas-de-final

A Argentina não decepcionou. Ao jogar sua primeira partida como maior atração desta Copa, diante de uma Holanda sem Robben, mas sempre respeitável, os hermanos fizeram o que deles se esperava, apesar de também poupar alguns preciosos titulares. Jogaram futebol, deram espetáculo em alguns momentos, foram competitivos em todos e, mesmo sem marcar um só gol, prenderam a atenção de quem gosta de futebol. O que, aliás, pode-se dizer da Holanda, invariavelmente capaz de jogar vistosamente e de fazer boas campanhas em Copas, embora ainda não tenha tido a alegria do título. Apesar do 0 a 0, não há por que reclamar do jogo, prova de que não só a vitória não é tudo como, também, até uma partida sem gols pode ser agradável. Dá pena imaginar o que os argentinos farão com os mexicanos nas oitavas-de-final e dá água na boca sonhar com o duelo entre holandeses e portugueses.

Felipão 100%
Felipão já jogou dez vezes em Copas do Mundo. E ganhou todas, marca admirável. Tem como ganhar a 11ª, diante da Holanda, embora este seja seu teste de fogo como comandante de Portugal. Mas, mesmo que não consiga, o simples fato de ter atingido um recorde tão significativo, sem nem sequer precisar falar outra língua que não a dele, fala por si só.

Parreira misterioso
Ninguém sabe que time Parreira escalará para o treino mais puxado da seleção desde que se reuniu para a Copa. Seu dilema não é simples: treinar com todos os titulares para ganhar padrão ou poupar os que correm risco de ser suspensos? Manter o time pesado ou usar um mais leve para enfrentar a correria japonesa? Seja qual for a decisão, ele prometeu que a equipe evoluiria de jogo para jogo. É dia de mais um passo. Para diminuir a inveja que hoje sentimos dos brilhantes hermanos argentinos, que odeiam amar o Brasil, enquanto nós amamos odiá-los, segundo ensina um professor da Universidade Federal de Buenos Aires.

" ‘Tops’ fora dos ‘tops’”, Clovis Rossi

Os blogueiros do "New York Times" que estão acompanhando a Copa do Mundo (sim, até nos Estados Unidos, para você aí que acha que o Brasil exagera) foram convidados a selecionar os dez melhores momentos do Mundial até agora (na verdade, até quarta-feira). É gente que está não apenas vendo todos os jogos mas interagindo com os leitores dos blogs, de tal sorte que a lista deles, em tese, é mais, digamos, universal, tipo "o povo fala". O que o "povo" falou não é bom para o Brasil. Não aparecem nem o Brasil nem jogadores brasileiros nem um só momento brasileiro na lista. Tudo bem que ela tem seu lado questionável: blogueiros acabam escrevendo mais sobre as próprias ações, reações e emoções do que sobre os fatos que acompanham. Assim, um deles tascou na lista o fato de que, à espera de um vôo em San Francisco, pôde assistir a Equador x Polônia no bar do aeroporto. Bela porcaria, dirá você. Mas o blogueiro explica: é de uma geração que "teria que implorar para que o dono do bar pusesse a TV em jogo de soccer" (sim, eles continuam chamando futebol de soccer). Agora, não. "Homens de negócio, passageiros e até o pessoal da manutenção estavam grudados na tela", escreve. Feita essa fundamental ressalva, suspeito que até você, brasileiro e torcedor, desde que não seja um patrioteiro de carteirinha, terá imensa dificuldade para lembrar um momento brasileiro digno de figurar entre os melhores até agora. Pior: não só os brasileiros (mesmo os não patrioteiros, como eu) mas o resto do mundo acreditava que o Brasil preencheria pelo menos oito ou nove lugares nessa hipotética seleção. Será que vou/vamos ter que concordar com Marco van Basten, o técnico da Holanda, quando ele diz que a expectativa criada em torno do Brasil era excessiva, impossível de ser satisfeita? Será que vou ter que publicar um "erramos" para coluna que escrevi no ano passado, dizendo que o "quadrado mágico" de 2006 poderia ser tão bom ou melhor que o de 1970? Mas, atenção, meu quadrado era Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo e Robinho, sem Adriano. Faltam apenas quatro jogos para me salvar (o de hoje não conta: não vale nada e o adversário, com perdão da incorreção futebolística, é tudo japonês).

23/06

“Parreira, coragem”, Tostão

Juninho, Robinho e Gilberto Silva merecem ser titulares do Brasil

Foi uma belíssima exibição do Brasil. Com os novos jogadores, que nunca tinham treinado juntos, o time ficou muito mais rápido, imprevisível e habilidoso. Parecia uma grande seleção brasileira e não da Europa, como nos primeiros jogos. O Brasil fez quatro gols e criou mais umas dez chances para marcar. Juninho mostrou como se deve atuar um volante. Marcou, apoiou e finalizou de fora da área. Fez um belo gol e quase faz outro. Ronaldinho deu passes espetaculares. Jogou como um Gerson, um Rivellino. Mas no Barcelona é uma mistura de Gerson e Zico. Faltou gana de fazer gols. Finalizou pouco. Robinho fez belíssimas jogadas individuais, mudou o ritmo e o estilo do time e, principalmente, facilitou para todos os outros jogadores do ataque. Trocou várias vezes de posição com Ronaldinho. Porém continua deficiente nas finalizações. Ronaldo fez dois gols, um belíssimo, e poderia ter feito mais uns três. Driblou e tabelou em pequenos espaços, como não fazia há muito tempo. Gilberto Silva deu bons passes e ainda mostrou que sabe jogar melhor do que o Emerson, de primeiro volante, próximo dos zagueiros. Mas prefiro ele ou o Emerson marcando no meio e não tão recuado. Nem tudo foi excelente. A defesa, que tinha enfrentado os lentos ataques de Croácia e Austrália, teve dificuldade com os contra-ataques velozes dos japoneses, que exploraram bastante os espaços nas costas dos dois laterais. Cicinho foi ótimo no apoio, muito melhor que Cafu, mas mostrou novamente muitas deficiências na marcação. É impossível ele apoiar tanto e ainda defender bem. Nas suas costas aconteceram o gol do Japão e outras jogadas perigosas. Gilberto foi mal no primeiro tempo na defesa e no ataque. No segundo, melhorou, avançou mais e fez um gol. No final da partida, a TV mostrou o Parreira e o Zagallo sérios e preocupados. Deviam estar pensando nos problemas que criaram com a escalação dos novos jogadores. Juninho, Robinho e Gilberto Silva merecem ser titulares, não somente por esse jogo, mas pelo que sabem jogar. Parreira, coragem.

“Apareceu o futebol”, Juca Kfouri

Exibição foi possível graças aos atletas que entraram pela coragem do técnico

A seleção brasileira apareceu em Dortmund. Em alguns momentos, em grande, brilhante estilo. Graças, diga-se, à coragem que Parreira teve em criar uma porção de problemas para ele mesmo. Porque todos que entraram como titulares jogaram melhor do que os que vinham jogando, Ronaldo, inclusive, se o raro leitor me permite a piada. E até mesmo Gilberto, um pouco tímido, jogou melhor do que Roberto Carlos. Mas como o futebol é o que é, a melhor apresentação brasileira quase foi castigada com uma derrota parcial, não fosse o gol de Ronaldo, nos acréscimos do primeiro tempo. Parreira já devia estar com o discurso pronto: "Vocês viram o espetáculo que queriam e a derrota inevitável". Felizmente, não foi assim, graças a Ronaldo. Que merece um comentário especial: está pesado sim e por isso fez apenas dois gols, um para superar Pelé, outro para se igualar a Gerd Müller e não está ainda em condições de enfrentar adversários mais perigosos que os japoneses. Pelo menos durante um jogo inteiro. Mas Parreira há de ter visto que Cicinho dá muito mais opções pela ala direita e que Gilberto dá mais segurança que Roberto Carlos. Que Gilberto Silva faz o serviço de Emerson e passa como este não é capaz. E que Juninho, apesar de ansioso no começo, traz muito mais qualidade ao meio de campo. Será que, contra Gana, não dá para experimentar Zé Roberto na esquerda? Porque o resto que tantos pedíamos, Parreira fez e deve ter gostado do que viu, embora possa argumentar que a defesa tenha ficado mais vulnerável. E se ficou, ficou também porque Lúcio é tão pesado atrás como Ronaldo é na frente, diferentemente de Juan, que joga o fino. Mas mais que críticas ou alertas, o time que encantou os 65 mil torcedores em Dortmund merece elogios, por ter feito aquilo que já andávamos invejando nos argentinos: jogou futebol, às vezes da melhor qualidade e teve em Ronaldinho muitos momentos do Ronaldinho que todos queremos ver.

“Não falei?”, Clovis Rossi

A quinta-feira surpreendentemente gelada de Dortmund, no dia de início oficial do verão no hemisfério Norte, foi um desses raros dias em que dá vontade de dizer: "Eu não falei?". Eu não falei que o "meu" quadrado mágico era Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo, Kaká e Robinho? Foi botá-los para jogar juntos durante 70 minutos para que a seleção produzisse sua melhor atuação na Copa até agora e, mais do que isso, uma das melhores nos 44 jogos já realizados. Calma que eu não vou babar na gravata, que, aliás, não estou usando. Nem vou ser convenientemente esquecido e deixar de dizer que escrevi que o "meu" quadrado mágico poderia ser tão bom ou melhor do que o quadrado de 1970. O time de ontem não chegou a tanto, embora tenha oferecido alguns momentos de magia, um deles (o do quarto gol, o mais bonito de todos) com a participação do que é, talvez, um dos dois únicos jogadores entre os titulares que não é candidato a mágico: o zagueiro Juan (o outro é o também zagueiro Lúcio). Por que melhorou tanto? Primeiro, porque Ronaldo jogou muito melhor. Talvez jamais volte a ser o "fenômeno", mas marcar dois gols e ser eleito pela Fifa o "homem do jogo" já é um belo desempenho, especialmente para quem parecia condenado a ser mais "gordo" que "fenômeno". Segundo, porque Ronaldinho conseguiu, pela primeira vez, fazer a metade das artes que lhe deram o título de melhor jogador do mundo: a arte da assistência aos companheiros, uma chuva delas aliás. Uma delas, o toque na área para Ronaldo chutar para fora, foi nível Barcelona. Terceiro, porque Juninho Pernambucano foi o meia-armador, como se dizia antigamente, que o time não teve nos dois primeiros jogos. Tapou o buracão que ficava no meio-campo. Bastaria para justificar sua entrada, mas ainda houve o gol, ainda que com colaboração do goleiro japonês, que foi mal na bola. Não foi, é verdade, o Juninho Pernambucano do Lyon, mas já mudou a cara do time. Para melhor. Por fim, houve Robinho, pena que limitado ao primeiro tempo. Não foi o desempenho ideal, mas é, com certeza, a escalação ideal ou, no mínimo, a melhor que o Brasil pode apresentar no momento.

27/06

“Teoria e prática”, Tostão

Com Juninho no lugar de Adriano, teria que mudar o esquema tático

O Brasil , mesmo com grandes chances de ganhar fácil, corre mais riscos diante de Gana do que contra uma média seleção da Europa.
Contra os europeus, o time brasileiro sabe o que vai encontrar. Eles raramente saem da programação. Já os africanos costumam aprontar grandes confusões. O jogo fica diferente. Isso pode facilitar ou complicar para o Brasil.
Em vez de recuar demais, como fazem as seleções da Europa quando enfrentam o Brasil, Gana costuma pressionar no meio-campo e contra-atacar rapidamente. Em compensação, deixa mais espaços na defesa.
Todo o país lamenta a ausência de Robinho, como se já tivesse sido escalado se não se contundisse. De repente, Robinho se tornou insubstituível. Ele merece ser titular, mas ainda não é uma estrela do time. É uma esperança.
Seria melhor entrar Adriano ou Juninho, passando Ronaldinho Gaúcho para o ataque? A maioria quer Juninho.
Acha que Adriano é grosso e que ele e Ronaldo não podem, definitivamente, jogar juntos. Com Juninho, teria novamente que mudar o esquema tático. As mesmas pessoas que criticaram duramente a equipe nas eliminatórias quando ela jogava com Juninho, Zé Roberto, um volante mais recuado, além de Kaká e dos dois Ronaldos, pedem agora, apaixonadamente, essa formação.
Para Ronaldo e Adriano jogarem melhor juntos, é preciso também que os armadores tomem a bola no campo rival. Estarão mais próximos dos dois atacantes. O Brasil poderia fazer uma "blitz" contra Gana, ao menos no início. Mas Parreira não gosta disso.
Chega de teorias. Vamos ao jogo. E ao que interessa.

Estilo feio
Assim como o Brasil sempre ganha das pequenas seleções em Copas, e o México sempre perde nas oitavas-de-final, a Itália sempre vence sem convencer, como ocorreu contra a Austrália, com um gol de pênalti duvidoso no último minuto. Por que a Itália, país das artes, belíssimo, de mulheres lindas, de carros bonitos, de roupas bonitas no design bonito, tem um estilo tão feio de jogar futebol?

“Interesse superior”, Juca Kfouri

Itália recebe mão de juiz e pega Ucrânia, que tenta feito de Croácia e Turquia

Roubada descaradamente na Copa da Ásia, a Itália foi discretamente beneficiada pela arbitragem ontem, aqui na Europa. Faz parte dos famosos "interesses da Fifa", eufemismo cínico que os cartolas usam para manipular em nome do futebol. É verdade que a expulsão de Materazzi foi severa (melhor o rigor que a omissão diante da violência). Mas isso faz parte da simulação, porque o pênalti que decidiu o jogo quando não havia nem mais tempo para se respirar, foi daqueles forçados, com o defensor australiano caído e de costas. O Brasil que se prepare assim que passar, se passar, por Gana, a única zebra que sobrou para assombrar a Copa até aqui.

Só que a Itália, ao menos, apesar da mediocridade de seu time, fez o que pôde, ao contrário da enfadada Inglaterra. E até mereceu vencer pelo primeira tempo, quando criou pelo menos três chances de gol, contra uma dos rivais. Com 10 contra 11 no segundo tempo, a Itália se limitou a fazer o que mais gosta e sabe: defendeu-se.

Até o pênalti salvador assinalado por um espanhol sem o menor pudor. Pudor que também Carlos Alberto Parreira parece ter abandonado ao ser flagrado pelo "Fantástico" xingando todos os que queriam Ronaldo poupado de dar vexame. Que não se negue ao técnico, no entanto, o direito ao desabado privado que ficou público. É humanamente compreensível, e futebolisticamente justificado, principalmente se, hoje, Ronaldo seguir evoluindo, coisa passível de ser posta sob suspeita mesmo por aqueles que, como este pobre escriba, continuam a admirar sua capacidade de dar a volta por cima. Mas que não ficam cegos diante de dois gols contra o frágil Japão e não têm compromisso com o erro, seja para ganhar apostas ou por mero oportunismo.

Bom será se Parreira, ao menos, já que não tem Robinho, optar por entrar com Juninho e adiantar Ronaldinho para fazer dupla com o Fenômeno. De resto, a Itália terá a surpreendente Ucrânia, pela frente, disposta a repetir o que Bulgária, Croácia e Turquia fizeram nas três Copas passadas.

“A ilusão italiana”, Clovis Rossi

É verdade que a Itália compartilha com a Alemanha a posição de segundas maiores vencedoras na história da Copa do Mundo (três títulos cada uma, atrás apenas dos cinco do Brasil).
Mas dois dos triunfos italianos foram na pré-história do futebol, antes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).
Depois disso, a Itália só fez uma grande Copa, justamente aquela em que eliminou uma das melhores seleções brasileiras (3 a 2), em 1982, na Espanha.
Aliás, é melhor corrigir: fez metade de uma grande Copa, porque na primeira fase empatou todas as três partidas, inclusive uma com o Peru, que não é exatamente um país de forte tradição em futebol. Nos jogos seguintes, de fato, os italianos foram bem e ganharam com todos os méritos.
Mas é só. Nem em casa (1990) tiveram desempenho memorável. Nas finais que perderam (1970 e 1994), deram vexame. Na primeira, tomaram uma rara goleada em finais (Brasil, 4 a 1). Na segunda, Brasil e Itália conseguiram a façanha, para esquecer, de terminar o jogo e a prorrogação no zero, a primeira final decidida nos pênaltis.
Sobre a Itália, é muito provável que a memória registre aquele chutão de Baggio para os céus, o que definiu a série para o Brasil.
Não obstante, a Itália sempre chega como uma das favoritas a qualquer competição, global ou européia. Raramente justifica o favoritismo. Agora, por exemplo, não está justificando. Seu goleiro, Gian-luigi Buffon, foi eleito o melhor jogador da partida contra a Austrália (Itália, 1 a 0), o que diz tudo sobre o medíocre desempenho dos italianos.
Além disso, o pênalti que deu a vitória à Itália não existiu. Grosso jogou-se sobre o australiano caído e enganou o juiz. A favor deste diga-se que, no ato, parecia mesmo pênalti. Só sucessivas repetições mostraram o engodo.
Não custa dizer também que a resistência que a Austrália ofereceu a uma seleção sempre entre as grandes não quer dizer que os "socceroos" (cangurus do futebol) são uma Brastemp e, portanto, que não se justificam as críticas ao Brasil no jogo contra os australianos. Justificam-se, sim.
Brasil (nas duas primeiras partidas), Itália e Austrália jogaram pouco.
Ucrânia x Suíça acabou sendo mais divertido. E a Suíça fez lembrar a Itália-94. Piorada.

28/06

“Vitória atípica”, Tostão

O meio-campo do time marcou muito atrás e facilitou a pressão de Gana

No primeiro minuto de jogo, estava evidente que haveria muitos lances idênticos ao do primeiro gol do Brasil. A defesa de Gana jogava bastante adiantada e em linha. Uma tática suicida. A linha burra foi ainda mais burra. Poucos minutos depois, Kaká lançou a bola nas costas dos zagueiros, Ronaldo entrou livre e, com o seu enorme talento, deu um drible de corpo no goleiro e fez o primeiro gol. Em jogadas parecidas saíram o segundo gol, de Adriano (impedido), em um passe de Cafu, e o terceiro, de Zé Roberto, em um lançamento do Ricardinho. Dessa forma poderiam ter acontecido outros gols. Por outro lado, Gana dominou o jogo, tocou a bola com facilidade no meio-campo, criou um grande número de chances de gol, mas foi horrorosa nas finalizações. Dida fez também boas defesas. O meio-campo brasileiro marcou muito atrás e facilitou a pressão de Gana. O Brasil sabia que Gana jogaria com a defesa adiantada e aproveitou bem essa situação. Mas inverteram-se os papéis. O time pequeno pressionou, e o grande, no contra-ataque, fez os gols. Carlos Alberto Parreira, que sempre criticou os adversários por terem oito atrás da linha da bola, viu o seu time fazer o mesmo contra a pequena seleção de Gana. Só no segundo tempo, principalmente na parte final, quando Gana cansou, desistiu de virar o jogo e ficou com dez, é que o Brasil tocou mais a bola e poderia ter feito mais gols. Dida foi o melhor do Brasil. Os coadjuvantes (Lúcio e Juan) foram novamente superiores às estrelas (Ronaldinho Gaúcho, Kaká e Ronaldo, que fez um belo gol). Ricardinho entrou no final, quando o jogo estava decidido, fácil, e deu belíssimos passes. Os outros não brilharam nem foram ruins. Foi uma partida atípica, como se esperava pelas características de Gana. Não houve injustiça. Gana perdeu muitos gols porque não sabe finalizar. Prevaleceram a qualidade, a experiência e a mística do futebol brasileiro. Contra a França, primeiro forte adversário no Mundial, o Brasil precisa jogar melhor.

“Me engana; eu gosto”, Juca Kfouri

Time piorou até em relação ao jogo com a Austrália, e Copa começa no sábado

Convença Parreira de que a seleção não foi bem. Bem ele que havia prometido evolução a cada jogo, o que, diga-se, cumpriu do primeiro para o segundo e do segundo para o terceiro jogo. Ontem, porém, o time involuiu, não só em relação à terceira partida, disputada por uma equipe inteiramente diferente, mas mesmo em relação ao prélio com a Austrália. Ronaldo não. Mostrou mais mobilidade, embora longe do que pode ser. E consagrou-se como maior artilheiro das Copas, algo histórico. Estranho, o futebol. A seleção começou bem, teve uma chance de gol logo de cara mal impedida pelo bandeirinha, fez 1 a 0, deu a impressão de que golearia e, às tantas, parou. Parou e viu Gana jogar. Os africanos tiveram mais posse de bola enquanto teve disputa, porque desistiram ao tomar o terceiro gol, o que permitiu que Ricardinho brilhasse mais do que dois jogadores que todos queríamos, Gilberto Silva e Juninho, discretos. Estranho, o futebol. Dida foi o melhor brasileiro em campo, com três defesas dificílimas, uma delas meio de susto, com os pés. E Lúcio completou seis horas de Copa sem cometer uma falta -e começou o lance do segundo gol. Gol que, a exemplo do terceiro de Zé Roberto, tinha Adriano em posição duvidosa, para dizer o mínimo, mas que dá ao bandeirinha o direito de deixar o lance seguir. Estranho, o futebol. Gana chutou muito mais no gol que o Brasil, embora Gana tenha menos pontaria até do que a Suíça. Fato é que novamente a seleção não teve adversário, embora seja inegável que quatro vitórias consecutivas é tudo que um time precisa para se encher de confiança e partir para o que der e vier. Ainda mais que o adversário que virá não chega a ser assustador. Será tapar o sol com a peneira não dizer que outra vez 65 mil torcedores saíram frustrados do Estádio de Dortmund porque não viram o brilho que esperavam de Ronaldinho, Kaká e companhia bela. Sem querer ser chato, mas sendo, a Copa começará para valer no sábado, contra a França.

“Fome zero”, Clovis Rossi

Harald Schumacher, goleiro da Alemanha nas Copas de 82 e 86, comentou dias atrás ao jornal francês "Le Monde" que Ronaldo demonstrava não ter fome de futebol. E justificava: já ganhou tudo o que quis, em dinheiro, fama, títulos. Apesar dos 3 a 0 contra Gana, dá para estender o comentário ao conjunto de jogadores brasileiros. Jogam como se estivesse batendo o ponto na repartição, de acordo com o nem sempre justo estereótipo do funcionário público: uma ou outra ação, para o público ficar satisfeito, e depois o paletó na cadeira com o dono ausente. Tão ausente que o comentarista do site da Fifa, que deveria ser neutro, não resistiu e tascou no fim do primeiro tempo: "Pelo volume de jogo, você não saberia quem era o campeão do mundo em campo". A rigor, o Brasil ganhou menos por seus méritos e mais pelos defeitos do adversário. Primeiro, Gana fez ontem uma das mais perfeitas exibições de linha burra de zagueiros em muitos anos. Praticamente todas as chances do Brasil nasceram de bolas às costas dos zagueiros alinhados na sua própria intermediária. Exceto o toque de calcanhar de Ricardinho que Juan desperdiçou já no finzinho, quando havia mais exibição do que jogo. Segundo defeito de Gana: uma pontaria horrorosa. Chutaram a gol até mais vezes do que o Brasil (18 a 11), mas só 7 tiveram direção (contra 10 do Brasil). No mais, a repetição da escalação do primeiro jogo mostrou a repetição dos defeitos então apontados. Os principais: 1 - A defesa permite um excesso de presença perigosa do adversário pelo miolo da área, a ponto de Dida ter sido de novo figura relevante, quando goleiro do Brasil, contra time pequeno, não deveria nem suar a camisa. 2 - Não há uma só jogada organizada e coletiva de ataque. Há lampejos individuais (raros, aliás, na partida de ontem). 3 - Por muito que se fale mal de Ronaldo, o drible que ele deu no goleiro no gol de abertura e o drible errado que Adriano deu no mesmo goleiro pouco mais tarde só reafirmam o óbvio: gordo ou não, Ronaldo é muito melhor que Adriano, que mais parece centroavante russo que brasileiro. Dá para ser campeão assim mesmo. Nenhum dos oito sobreviventes brilhou. Mas só do Brasil se esperava brilho.

01/07

“Jogo de craques”, Tostão

O maior perigo são lançamentos para Henry entre os zagueiros

A Alemanha está em festa. Até os carros da polícia estão enfeitados com a bandeira do país. Mesmo jogando mal, a Alemanha eliminou a Argentina nos pênaltis, contando com a ajuda do técnico Pekerman, que tirou seu melhor jogador (Riquelme).

A Itália venceu e ainda jogou bem na vitória sobre a Ucrânia por 3 a 0. O time italiano reforçou a marcação, atuou só com um atacante fixo, fez um gol, segurou o placar graças ao excepcional goleiro Buffon e, depois, ainda fez mais dois gols. Desta vez, o técnico colocou Totti, maior talento da equipe.

Ontem, caminhei pelas ruas de Frankfurt e tive a impressão de que cresceu bastante o número de brasileiros na Copa. Todos estão confiantes. Eu também. Quando aponto falhas no time, não significa que estou pessimista. Os problemas das outras seleções são ainda maiores.

A razão principal de os adversários tocarem a bola com facilidade desde a defesa até próximo à área do Brasil e criarem muitas chances de gols não é só pelo recuo de Emerson ou Gilberto Silva, mas também de toda a defesa.

A única vantagem de marcar mais atrás é não deixar espaços nas costas dos defensores. Nos quatro jogos, os adversários finalizaram muito da entrada da área, mas chegaram pouco na cara de Dida.

Mesmo assim, não se pode dar tantas chances de finalização aos bons atacantes. O Brasil tem tido também pouca posse de bola, como reclamou Parreira, porque não desarma. Além disso, por recuperar a bola muito atrás, a defesa e o meio-campo ficam muito longe dos atacantes. O time não precisa marcar por pressão nem tão recuado.

A França deve jogar com quatro defensores, dois volantes, um meia de cada lado com funções defensivas e ofensivas e Zidane livre, próximo de Henry, o único atacante. Nesse esquema, o sistema defensivo fica fortalecido, porém há poucas alternativas de ataque. O maior perigo são os lançamentos entre os zagueiros para Henry.

Os craques costumam crescer nos jogos importantes. Como há craques dos dois lados, um pouco mais do Brasil, deve ser uma partida sensacional.

“Chora, Argentina”, Juca Kfouri

Técnico argentino erra nas alterações, e alemães, mais frios, triunfam

Jornalistas são bichos perigosos. Mantenha-se afastado deles, se puder. Eis que este que vos escreve já se preparava para escrever uma coluna com o título "Lágrimas de alegria", na qual se daria por muito feliz ao ter errado a previsão de ontem, sob o título "Argentina chorará". E diria ainda que, felizmente, José Perkeman havia se convencido a entrar com Tevez desde o começo, o que fez diferença. Só que os técnicos são assim. Nunca fazem tudo o que a gente quer. E o argentino errou quando fez as substituições depois do gol de Ayala. E chamou a Alemanha para agredir seu time, uma Alemanha que estava desnorteada em campo, incapaz de se impor diante do superior toque de bola dos hermanos. Em vez de Saviola, Aymar ou Messi no lugar de Crespo, ele tirou Riquelme e pôs Cambiasso. Ao substituir o inútil poste, botou outro centroavante do mesmo estilo. Em resumo: convidou os alemães para dançar e estes, mais em ritmo de valsa, toparam. Até empatar com o encantado Klose, que nada fizera até então. Na prorrogação, a Argentina já não tinha força para fazer um gol. E, nos pênaltis, a frieza anglo-saxã prevaleceu diante do emocional latino. Num script conhecido, o herói Ayala perdeu sua cobrança, e a tradição germânica prevaleceu, sem ajuda do árbitro, que não deu pênalti discutível em Maxi Rodríguez nem um claro de Ayala em Ballack.

Agora teremos uma semifinal também de peso, entre os tricampeões alemães e italianos. Porque estava escrito há quase um século que a Itália saberia ganhar da Ucrânia, com sofrimento ou sem.

E não pense o raro leitor ou leitora que, depois do alerta sobre o perigo que nós, jornalistas, representamos, estou aqui a encher lingüiça para não fazer uma previsão sobre o jogo que mais nos interessa, contra a França.

Porque juntei crédito suficiente até para errar, invicto que estou na Copa. Ocorre que, se tenho certeza de que a seleção fará seu melhor jogo, tenho também medo do juiz. Razão pela qual me dou ao direito de ficar no muro. Não falei para não confiar?

“Germanizou, perdeu”, Clovis Rossi

O técnico José Pekerman "germanizou" a seleção argentina. Foi eliminado pela Alemanha. Justo, muito justo.
Para começar, Pekerman, teimoso, preferiu usar só a metade do duo de artistas da bola que tem no elenco, Carlos Tevez (que jogou) e Lionel Messi, que ficou no banco.
É inacreditável como, tendo à disposição um jogador que é titular no melhor time do mundo no momento, o Barcelona, um técnico não o use nem na prorrogação de uma partida que decide tudo. Justo castigo para a covardia.
Para continuar, Pekerman tirou Riquelme, para defender o 1 a 0 daquele momento, quando o atleta é o único homem de criação no time. Tudo bem que Riquelme não brilhava, como tem acontecido com freqüência em jogos decisivos, desde que trocou o Boca pela Europa. Mas era o único. Pekerman preferiu um "alemão" até na cor dos cabelos, Cambiasso, jogador útil, mas que não cria.
O resultado: um empate com gols "alemães". Bola longe do seu habitat preferido, a grama. No alto (via escanteio) para a cabeçada de um zagueiro (Ayala), como gostam de fazer os times europeus. Troca de bolas no alto, depois de cruzamento de Ballack, entre Borowski e o artilheiro Klose, para o empate.
A Alemanha, de seu lado, foi mais Alemanha do que vinha sendo. Ou seja, mais força do que jeito.
Amarrada, pouco criativa, pouco ofensiva (a Argentina teve a posse de bola durante dois terços do tempo, na primeira fase).
Soltou-se no puro desespero nos 20 minutos finais, achou o empate e ganhou nos pênaltis, uma loteria que deveria ser abolida.
Não é o melhor metro para medir quem, num dado momento ou partida, foi melhor. E, em tese, Copa é para escolher o melhor time do mundo, certo? Já a Itália fez sua melhor partida na Copa até agora.
Mesmo assim, chegou a ser sufocada pela Ucrânia até o segundo gol. O 3 x 0 final não é um retrato correto das oportunidades criadas e perdidas. Mas, nesse caso, sim, o metro certo é aquele que aparece no marcador.
É verdade que houve correria, muito esforço físico e nem tanta qualidade. Porém a bola rondou ou esteve em ambas as áreas muito mais vezes e por muito mais tempo do que na partida da Alemanha com a Argentina.

02/07

“Agora acabou”, Tostão

O título na Copa das Confederações foi uma ilusão, mas o futebol continua

Estou decepcionado. Sei como é triste para um atleta ser eliminado de uma Copa.
Não esqueço a viagem de volta da Inglaterra para o Brasil após o fracasso de 66. Senti-me despedaçado. Pensei em nunca mais jogar futebol. Quatro anos depois, fui campeão do mundo. A vida é assim, feita de derrotas e de vitórias. O Brasil mudou de esquema tático, de jogadores, mas não mudou na postura de marcar muito atrás, dando toda a liberdade para a França tocar a bola desde a defesa até à intermediaria brasileira. A França foi muito melhor durante todo o jogo. Zidane deu um show de bola.
Um espetáculo. Gilberto Silva, em vez de marcá-lo de perto, jogou recuado, sem função.
Além da péssima atuação coletiva, todos os jogadores do Brasil tiveram péssimas atuações individuais. Uma lástima. Sei que muitos leitores gostariam que eu escrevesse que os jogadores não se empenharam, pois estão ricos e famosos, que as estrelas são atletas enganadores, que os veteranos não conversavam com os novos, que a patrocinadora da seleção escala o time e outras coisas desse tipo.
Estou também indignado, mas não posso criticar baseado em suposições. Prefiro criticar o que vi e percebi, como os treinos diários com os jogadores fora de posição e em um campo pequeno. Isso não tem nada a ver com uma situação de jogo. Por outro lado, durante 40 dias o Brasil não fez um único treino com o esquema tático de hoje, com três volantes, que já não tinha dado certo nas eliminatórias.
A conquista da Copa das Confederações e a goleada sobre a bastante desfalcada Argentina nessa competição foram uma ilusão. O mundo achou que o Brasil tinha uma seleção maravilhosa, que ganharia fácil o Mundial.
Parreira é o responsável pela escalação do time e pelo esquema tático, mas não é o único culpado. Ele cometeu vários erros, principalmente o de não dar condições para que as estrelas do time jogassem como nos seus clubes.
Mesmo assim, eles poderiam ter jogado muito melhor. Foram uma decepção. O Brasil está fora da Copa. Acabou. Mas o futebol continua.

“É tua, Felipão!”, Juca Kfouri

Portugal ganhou nas mãos do goleiro Ricardo a chance de duelar com a França

Só Felipão pode vingar os brasileiros. Porque outra vez, e só na bola, a França foi muito melhor.
Parreira escalou o time que muitos queriam, como este colunista, mas o time não quis. E Parreira, que está na história do futebol por ter sido campeão mundial com uma seleção apenas média, não foi capaz de repetir o feito com um bando de craques.
Castigo do deus dos estádios. Tem de ser. Quem recusa o jogo bonito merece todos os castigos. Pois perdeu jogando feio, muito feio.
A formação que levou um vareio da França jamais havia treinado junta nos dias pré-Copa, por pura teimosia. E nela só se salvaram Dida, Lúcio e Juan. De resto, decepção.
Cafu se perdeu; Roberto Carlos foi patético; Zidane pintou e bordou em cima de Gilberto Silva; Juninho chorou no hino e não sorriu em campo; Kaká foi um desastre; Ronaldinho não esteve em campo, e Ronaldo carregou seus 90 kg com algum empenho, mas com muita, e natural, dificuldade. Nem mesmo Zé Roberto esteve bem, ao contrário de outros jogos.
Já o time português de Felipão ganhou nas mãos de Ricardo, que pegou três pênaltis, a chance de duelar com a França. Ricardo que fez Felipão enfrentar Portugal para ser levado no lugar do ídolo Vitor Baía, como, em 2002, enfrentou o Brasil para deixar Romário. E, se Portugal não tem um grande time, tem a volúpia que a milionária seleção brasileira deixou nos bancos europeus e nos anúncios de bebida, entre outros tantos, sem cabimento.
O Brasil perdeu para um time superior e regido por um gênio, que, mesmo no ocaso da carreira, é capaz de desequilibrar, com direito a driblar Ronaldinho e dar chapéu em Ronaldo. Zidane está se despedindo do futebol em grande estilo, sob o som da Marselhesa, de novo entoada a plenos pulmões para os ouvidos brasileiros que a apreciam, mas preferiam não tê-la ouvido em Frankfurt.
A empáfia brasileira foi punida do mesmo modo que a inglesa, com uma diferença: o time da CBF é muito melhor que o inglês.
Ganhar não é tudo. Perder sem honra é que são elas.

“Os sem-alma”, Clovis Rossi

Há um velho ditado gauchesco que diz que lobo velho perde o pêlo, mas não perde a manha. Aplica-se à perfeição ao extraordinário Zizou, nascido Zinedine Zidane faz 34 anos. É daqueles de ficar na história o recital de magia que Zidane aplicou ontem em uma seleção brasileira sem alma, sem organização, sem futebol, sem nem sequer lampejos daquela mágica de que tanto falamos os jornalistas.

Zizou parecia ontem um daqueles velhos elefantes que buscam seu cemitério para morrer dignamente.

Procurou e achou: o gramado do Waldstadion de Frankfurt. Pode não ter sido seu jogo final (despede-se dos campos após a Copa), mas foi certamente seu último grande concerto.

Pena que não teve um adversário à altura. O Brasil cometeu todos os pecados que haviam sido apontados à exaustão durante os quatro jogos anteriores, mais ou menos perdoados porque o time ganhava, aos trancos (exceto contra o Japão), mas ganhava.

O Brasil de ontem foi o mesmo amontoado amorfo de jogadores preguiçosos, burocráticos, incapazes de acertar mais do que um mísero chutinho na direção do gol de Barthez.

Melhorou, por incrível que pareça, a defesa, que permitiu bem menos oportunidades aos franceses, a não ser depois que, no desespero de buscar o empate, a seleção, agora ex-campeã do mundo, desorganizou mais ainda o que já era um espetáculo de desorganização inexplicável.

Afinal, Parreira pôs Juninho para organizar o jogo, pôs Ronaldinho mais à frente, como joga (e brilha) no Barcelona, pôs até Robinho, tarde demais, mas pôs. E daí? Nada. Bem feitas as contas, em vez de futebol feio mas de resultados, teve-se futebol feio e sem resultado.

Tudo isso diante de uma França que não é nada dessas coisas. Tem Zidane, é verdade, mas no ataque depende dos lampejos de Thierry Henry, excelente ontem, e de Franck Ribéry, um jovem (23 anos) que fez a América ou melhor a Alemanha neste Mundial.

A alma que o Brasil não mostrou em Frankfurt estava em Gelsenkirchen, onde Portugal de Luiz Felipe Scolari, desfalcado de seu "Zidane" (o meio Deco), matou-se em campo durante 120 minutos mais os pênaltis e foi à semifinal, igualando a façanha de 40 anos antes, quando tinha Eusébio, o Pelé luso.

ANEXO B - Crônicas esportivas publicadas pela Folha de São Paulo na Copa do Mundo de 2010.

15/06

“Brasil em campo”, Tostão
Hoje, o Brasil vai precisar marcar por pressão e tomar a bola no campo da Coreia do Norte

Nunca a seleção brasileira, em uma Copa do Mundo, foi tão fechada, inacessível, como a atual. Dunga assumiu as funções do assessor de imprensa, Rodrigo Paiva, e do supervisor, Américo Faria, e implantou um relacionamento agressivo com a imprensa. Passou por cima até da Fifa.
Para Dunga, Jorginho e vários atletas, os jornalistas torcem contra o Brasil. Não percebem que a função da imprensa não é torcer, e sim elogiar e criticar com total isenção. Técnicos e atletas, desde a época em que jogava, detestam críticas. Gostam só de elogios e da bajulação da turma do oba-oba. O Brasil conseguiu a antipatia da imprensa mundial.
O que era percebido ficou mais evidente. Se o Brasil ganhar o título, Dunga será o maior dos heróis e, se perder, o maior dos vilões. Isso empobrece o futebol. A única coisa positiva nesses confrontos com a imprensa é que Dunga acabou com os privilégios da TV Globo e de parte da mídia. É preciso reconhecer isso.
O Brasil inicia a Copa como um dos grandes favoritos. A fraquíssima Coreia do Norte deve jogar com nove jogadores à frente da área, uma linha de cinco e outra de quatro jogadores, ou o contrário. Além da deficiência técnica, os coreanos são ruins nas jogadas aéreas, uma das virtudes do time brasileiro. Se o Brasil não fizer gol no primeiro tempo, é provável que entre com o meio-campo mais leve, com Daniel Alves e/ou Ramires nos lugares de Elano e/ou Felipe Melo.
Para ganhar o Mundial, e não apenas esse jogo, será necessário, entre tantas coisas, que Kaká jogue como em seus melhores momentos, ou próximo disso, e que Robinho, enfim, mostre ao mundo o enorme talento que sempre teve.

JOGO MORNO
Na vitória da Holanda sobre a Dinamarca, não existia no estádio Soccer City, o principal da Copa, um lugar marcado no meu bilhete e no de alguns jornalistas. Ainda bem que consegui um lugar, bom e com TV. Melhor que assistir a uma partida em casa, pela TV, ou no estádio, sem TV, é ver o jogo no estádio, com TV. Foi uma partida fraca. Segundo a Fifa, a Holanda jogou no 4-2-3-1. Se você disser que jogou no 4-2-1-3 ou no 4-4-1-1, está também certo. Nesses esquemas, os times jogam com quatro defensores, dois volantes, um jogador de cada lado, um meia de ligação e um centroavante e defendem e atacam com o mesmo número de jogadores.

“É você, Dunga!”, Paulo Vinicius Coelho

Se vencer, Dunga será um técnico consagrado. Se perder, será um ditador irremediável

A seleção de Lazaroni ganhou a Copa América e fracassou na Copa do Mundo. É o exemplo de que tudo o que se fez nos últimos quatro anos só terá valor dependendo do que acontecer a partir de hoje.
Não adianta ganhar a Copa América, a Copa das Confederações, fazer treino aberto ou fechado, agradar ou desagradar aos patrocinadores, montar uma seleção de craques ou de coadjuvantes.
O que tem valor é estar na África no dia 11 de julho. Se vencer, Dunga será um técnico consagrado. Se perder, um ditador irremediável.
Vencer exige entender se o time montado nos últimos quatro anos é perfeito ou precisa de ajustes. Exige fazer mudanças rápidas, ao perceber que as coisas não vão bem. Técnico serve para isso, não para fechar a porta e a cara quando se espera que olhe nos olhos das pessoas e dê as explicações que lhe são cobradas. Exige saber as qualidades e os defeitos dos rivais e de seu próprio time. Qualidade como marcar 1 a cada 3 gols em contra-ataques.
Em parte, é isso o que explica as vitórias em clássicos contra Itália, Argentina e Inglaterra e dificuldades contra times fechados, como a Coreia de hoje. Na estreia na Copa das Confederações, há um ano, o Brasil venceu o Egito por 4 a 3, no único jogo em que a defesa sofreu três gols. Aí está um defeito.
Mas não é verdade que o Brasil não jogue com posse de bola. Em regra, a seleção tem mais de 50% do tempo com a bola sob seu domínio, o que tem sido requisito fundamental para vencer partidas na Copa da África.
A dificuldade não é ter a bola, mas entrar na defesa fechada. Os números até indicam que esse problema diminuiu. Nos primeiros anos de Dunga, o Brasil só construía 25% de seus gols com a posse da bola. Hoje são 30%, índice que se aproxima da artilharia em contra-ataques (33,3%).
Contra defesas fechadas, o gol não nasce se o passe não for perfeito, lição oferecida pela Alemanha há dois dias. Os alemães não contra-atacaram. Abriram espaços.
É isso o que o Brasil precisa fazer hoje. A Coreia terá três zagueiros e rapidez pelo lado de Michel Bastos, o mais vulnerável da seleção. No treino de domingo, Dunga manteve a formação que sofreu contra o Zimbábue e a Tanzânia. Evitar novos sofrimentos é a missão de Dunga, se não quiser passar o resto da vida ressentido com seus críticos.

“Prontos para o hexa!”, Juca Kfouri

Fim das picuinhas. Hoje a seleção terá seu primeiro rival de verdade. Oxalá o primeiro de sete

A tentativa de fazer da imprensa brasileira o rival principal da seleção meio que saiu pela culatra.
A sério mesmo ninguém a levou, exceção feita a Dunga e a Jorginho, o diabinho com cara de anjo e discurso rancoroso. O que vale é que, depois de um montão de treinos, alguns secretos como se pudessem guardar grandes novidades, eis aí diante do time nacional o primeiro adversário real, a Coreia do Norte, certa de que pode reeditar contra os pentacampeões o que um dia, em 1966, fez contra os então bicampeões mundiais, os italianos.
Impossível não é, porque nada é impossível em matéria de futebol. Mas, mais que os coreanos, a ansiedade da estreia é o que pode impedir uma goleada, melhor maneira de tratar uma equipe evidentemente inferior -algo assim como fez a Alemanha contra a Austrália.
Dunga não está preocupado em ver seus comandados dando show, fazendo bonito, embora não esteja proibido. Ele quer vencer e ponto.
O clima da crítica internacional é diferente do de 1994, quando não se entendia do que nós, críticos brasileiros, reclamávamos da seleção de Parreira. "Vocês aprenderam a se defender, não caem mais no conto do jogar aberto para fazer bonito e estão ganhando sem correr riscos. Reclamam por quê?", ouvimos diversas vezes.
Pois agora também os estrangeiros estão se queixando de que os brasileiros abandonaram o "beautiful game", acusados de maltratar a bola em nome do pragmatismo.
Há até quem diga que o crescimento do Brasil perante a opinião pública mundial tornou o país tão sério, tão compenetrado de seu novo papel, que até o futebol foi influenciado. Ficou mais responsável, maduro, menos moleque.
É difícil, por exemplo, convencer um sul-africano na rua de que Ronaldinho Gaúcho não veio por opção do técnico e não por estar machucado, como os casos de Ballack, Beckham, Essien etc.
Dunga deve sorrir e atribuir tal visão ao temor de mais uma conquista brasileira, como na Copa América e na das Confederações. Ele confia cegamente em que o espírito que inoculou neste grupo levará a seleção ao hexa, coisa que este colunista, crítico até a medula, também acha.
Mas com uma diferença: o colunista quer ver um hexa brilhante. Dunga quer ver só o hexa. Só?!

“Vamo roncá a vuvuzela!”, José Simão

Faço qualquer coisa pelo Brasil, menos vestir a peruca verde e amarela de ráfia da 25 de Março

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! Direto da Cópula do Mundo! HEXA É NOSSA!
É HOJE! Que eu processo o Dunga. Por tentativa de homicídio. Ele quer nos matar do coração!
E eu já disse: Galvão e vuvuzela! Tecla mute. Ops, TECLA MATE! Rarará! E o Galvão, o Hexagerado? O Galvão acha que sabe tudo. Até a idade da Glória Maria!
E sabe como se fala Dunga em africano? DUNGABURO! Rarará!
Brasil contra Coreia do Norte! A terra do ditador Kim Jong. E o Eramos6 revela o time da Coreia do Norte: Kim Jong Fui, Kim Jong Tô, Kim Jong Vai, Kim Jong Já, Kim Jong BUM, Kim Jong Cu, Kim Jong Zé e Kim Jong Né! O ataque atômico! Vamos bombá esse ataque!
E aquela bichinha de língua plesa fã do Messi: "Messeu com o Messi, messeu comigo". Rarará!
E o frango do goleiro inglês? Engoliu um McChicken! Ele vai mudar pro Grupo F! F DE FRANGO! Que ironia: a África cheia de bichos selvagens, e o mais perigoso e o mais temido é o frango. O frango é mais perigoso que o leão!
E a Holanda joga de van: Van der Wiel, Van Bronckhorst, Van der Vaart, Van Bommel. E o técnico, Van Marwijk. Faltou um van: o VAMPETA! Rarará!
E hoje eu faço qualquer coisa pelo Brasil, menos vestir aquela peruca verde e amarela de ráfia da rua 25 de Março. E eu vou grudar um chiclete na peruca da minha vizinha! É verdade. Quando ela entrar no elevador com aquela peruca de ráfia verde e amarela, eu grudo um chiclete! Rarará!
E eu quero um CD de vuvuzelas. Com aquele som de enxame de abelhas assassinas.
E Japão e Camarões? Terminou em sushi! Aliás, sabe qual é a diferença entre um sushi e uma perereca? O arroz!
E a seleção dos peladeiros! Continuam chegando sugestões de leitores de seleções melhores que a do Dunga. Time da comunidade judaica da Razit, de São Paulo: Azeitona, General Bunda Suja, Thor do Martelo Mole e Carlo Come Caca, Voz de Megafone, Capivara do Irã, Spider Man e Raul Bate Falta!
E com Kaká, Robinho e Luis Fabiano no ataque, um conselho: "Coreano, abre teu, COREANO!". Rarará! Nóis sofre, mas nóis goza. Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno. E força na vuvuzela!

16/06

“O exílio dos laterais”, Paulo Vinicius Coelho

Quando o Brasil bateu seu recorde e completou três jogos seguidos em casa sem marcar, o problema era idêntico ao de ontem.
O lateral passava em direção à linha de fundo, feito uma locomotiva, doido para receber o passe. O meia, fosse Elano, Robinho, Kaká, qualquer um, cortava para dentro. O lateral exilado voltava correndo para o campo de defesa. Desperdício de energia dele e do torcedor brasileiro, que assistiu, atônito, a três empates seguidos por 0 a 0, contra Argentina, Bolívia e Colômbia.
O recorde negativo, três partidas sem gol em casa, aconteceu em 2008. Pois ontem a cena foi igual. Maicon parecia saber que o jogo se dava no seu setor. O lateral norte-coreano, Ji Yun-nam, nunca estava no lugar certo. A bola também não.
No primeiro tempo, foram pelo menos três ultrapassagens. Maicon desistiu. Em vez de tentar o fundo, arriscou, aos 27min, o chute de fora da área. Foi a única chance da primeira etapa.
Ficou até a impressão de que o Brasil diminuiu a quantidade de erros na saída de bola. Mas é melhor não ter otimismo também nesse aspecto, porque a seleção não foi pressionada em seu primeiro passe.
Dunga tem razão quando diz que o passe ficou mais rápido no segundo tempo. Mas o que melhorou mesmo foi a visão de jogo de Elano.
Aos 10min, ele percebeu Maicon em disparada, um trem-bala, em direção à linha de fundo. Rolou, e o lateral direito brasileiro resolveu chutar para o gol.
É possível até que o Brasil repita o que fez na Copa das Confederações de 2009, quando desapontou contra o mais fraco do grupo (4 a 3 no Egito) e venceu os rivais mais fortes, Itália e EUA.
Mas a obrigação era fazer saldo contra os norte-coreanos, para não sofrer contra marfinenses e portugueses. Ou melhor, a obrigação era jogar bem. O Brasil não conseguiu.

ROBINHO E KAKÁ

Kaká mostrou que sua crise não é só física, mas técnica também. Não joga bem há um ano. Já Robinho foi a referência do ataque, como não era desde a Copa América.

O MAIS DIFÍCIL

A Costa do Marfim só empatou, mas mostrou ser forte. São gigantes fisicamente. Yaya Touré é o símbolo de um time que marca muito forte e sai para o ataque com qualidade. E Drogba vem aí.

“À moda Dunga”, Juca Kfouri

Um Brasil longe de encantar, mas bem perto de não levar sustos. O que levou será atribuído a quê?

Se no primeiro tempo a seleção exagerou em ser ineficaz, atrapalhada pelo que se sabia que aconteceria, isto é, a Coreia do Norte não permitiria contra-ataques, no segundo tempo o time brasileiro não deixou dúvidas desde logo de que ganharia o jogo de um jeito ou de outro.
E quando Maicon, ao estilo de Josimar na Copa de 1986, no México, abriu o placar, até os contra- -ataques apareceram. E só não viraram gol porque Luis Fabiano, como Kaká, está evidentemente sem ritmo. Kaká, então, teve atuação lamentável, pois atrapalhou tão mais que ajudou que deu saudades do velho e bom Júlio Baptista.
De resto, Maicon esteve muito bem, melhor jogador em campo, e Robinho insinuou uma partida exemplar, o que acabou não acontecendo, embora ele tenha sido utilíssimo e tenha dado um passe perfeito para Elano fazer 2 a 0.
Dunga só não foi dormir plenamente feliz porque seu time levou um gol no fim que não estava em seus planos. E que é muito provável que vá atribuir, para ele mesmo, ao fato de ter tirado exatamente Felipe Melo, o mais contestado dos seus titulares.
Exigir mais de uma estreia será, no mínimo, pouco realista, ainda mais se comparada à de todos os outros papões, exceto os alemães. Se o que vale é ganhar, ganhou-se, quase sem sustos, como no modelo 1994. Se o que se quer é brilho, bem, aí é outra conversa, que, tomara, ainda durará até 11 de julho, quando, quem sabe, o time nacional estará na final da Copa. E que muito provavelmente será tão repetitiva quanto inútil, num time cujo melhor meio-campista tem sido Elano, outrora visto muito mais como operário.
Mas preocupante mesmo é o estado de Kaká, que, tomara, possa ir ganhando condição de jogo a cada partida. Mas nada autoriza tamanho otimismo. Assim como com Luis Fabiano...

OS RIVAIS
Nem Costa do Marfim nem Portugal mostraram um mínimo de vocação ofensiva no 0 a 0 modorrento que arrumaram. O que pode permitir imaginar que, com dois empates, a seleção brasileira chegará às oitavas de final. O que também é pouco, sabemos, mas é o objetivo inicial.
Ir adiante, devagar e sempre.
Até o hexacampeonato.

“É ainda só o início”, Tostão

A seleção brasileira não jogou bem, mas a única seleção que jogou melhor foi a Alemanha

Chegamos bem cedo ao antigo estádio Ellis Park. É o templo do rúgbi, reformulado para o Mundial. Como os jogadores de futebol estão cada vez mais fortes e truculentos, imagino que, em um futuro ainda distante, o futebol e o rúgbi vão virar um só esporte, jogado com os pés e com as mãos.
Para chegar ao centro de imprensa, ao lado do estádio, passamos por um detector de metais. Apitou e, mesmo assim, a mulher, sorridente e educada, mandou todos passarem. Espero que nenhum terrorista passe por esse lugar.
No centro de imprensa, sinto-me um dinossauro. Enquanto dezenas de jornalistas estão agarrados a seus computadores, eu, em meu canto, escrevo com uma caneta em uma folha de papel. Deram-me um moderno celular, desses que fazem tudo, mas só o uso para receber e fazer ligações. É a minha salvação. Como alguns historiadores acreditam que possa ter havido civilizações mais adiantadas que a atual que desapareceram com o tempo, imagino que um dia vai implodir toda a tecnologia e que tudo voltará ao papel e à caneta.
O estádio está lotado. Faz um frio intenso. Mais ou menos 5C. Vai começar o jogo. Todos os jogadores brasileiros cantam o hino nacional. Eu também gostava de cantar. Jogador de seleção, em uma Copa, tem de ficar arrepiado.
A bola vai rolar. Imediatamente, a maioria dos jornalistas começa a digitar em seus computadores. Alguns nem olham para o campo. O jogo é um detalhe.
O primeiro tempo foi mais frio que a temperatura. Com exceção de alguns dribles de Robinho, não aconteceu nada. O Brasil não tomou uma única bola no campo da Coreia do Norte. A bola demorava 500 anos para passar da defesa para o ataque.
Começa o segundo tempo. Está muito frio. Espero que o jogo esquente. Logo no início, Maicon recebe de Elano e, quase sem ângulo, solta um petardo, e a bola entra. Agora, vai ficar fácil. Em um belo passe de Robinho, Elano faz o segundo. Está com cara de goleada. Entra Nilmar, no lugar de Kaká, que foi muito discreto. Robinho passa a fazer a função de Kaká. E o que parece impossível acontece. A Coreia do Norte faz um gol. Acaba o jogo. Muitos dirão que qualquer time da segunda divisão do Brasileiro venceria a Coreia do Norte. É possível. O Brasil jogou mal, mas o único time que, até agora, jogou melhor foi a Alemanha. Hoje veremos a Espanha, uma das favoritas, contra a Suíça.

“Selexotan do Dunga”, José Simão

Ganhamos! Apesar do Dunga! E o Kaká não tá 100%. Porque 10% vai pra bispa Sônia

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! Direto da Cópula do Mundo!
Ganhamos! APESAR DO DUNGA! Ufa! Não foi vitória. Foi ALÍVIO!
E o Kaká não tá 100%. Porque 10% vai pra bispa Sônia. A seleção tava dormindo. Eles tomaram Lexotan? A Selexotan do Dunga!
Assim não dá! Vou devolver minha televisão pras Casas Bahia! Rarará!
E a Nair Bello do Twitter acha que os coreanos estavam vendendo Rolex no jogo: "Vai Rolex, Kaká?". E o casaco do Dunga? Dunga veste o casaco da Lady Gaga! O casaco é Herchcovitch! Parecia uma paquita! Rarará!
E o Galvão, o Hexagerado? Passou 45 minutos com o grito engasgado. Galinha com ovo atravessado. Aliás, sabe qual é a origem da vuvuzela? O Galvão teve uma relação extraconjugal com uma boneca inflável e nasceu a vuvuzela: Bóóóm! Goooool! O VOVUZELA DA GLOBO!
E Jong na Coreia do Norte é tipo Zé! Todos se chamam Jong: Jong Kong, Jong Fu, Kim Jong Fui, Kim Jong BUM e Kim Jong Zé! E o norte-coreano conseguiu marcar um gol no Brasil. Vai ser recebido em carro aberto na Coreia do Norte!
E adorei a charge do Dalcio. Responda rápido. Quem é: seu regime é o mais fechado do mundo, tem o hábito de cercear a imprensa, é explosivo e usa cabelo arrepiado? Kim Jong, da Coreia do Norte? Não, o DUNGA! Rarará!
E o outdoor de um motel em Natal: "Não faça como o Dunga! Bota o ganso pra jogar". Rarará!
E essa: "Argentina consegue clonar a primeira cabra da América Latina". E a cabra gritou Peléééé! Peléééé!
E essa: "Deputado comemora gol da Coreia do Norte que lhe deu a vitória no bolão". Como é o nome dele? Hugo LEAL! Rarará!
Seleção dos Peladeiros! Sugestões dos leitores para o hexa garantido. O Dunga devia ter levado o time de Leporace de Franca. Goleiro: Super-Homem Que Caiu do Cavalo. Defesa: Ranca Rabo, Ranca Cabeça, Ranca Tripa e Ranca Tudo! Ataque: ROLA TORTA E CLOACA CABULOSA! Rola Torta é o Maicon. Que fez gol de ladinho. Rarará!
Nóis sofre, mas nóis goza.
Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno! E força na vuvuzela!

20/06

“Jogo difícil”, Tostão

Para vencer a Costa do Marfim, o Brasil tem de jogar melhor do que jogou contra a Coreia do Norte

Costa do Marfim e Portugal têm boas chances de vencer a Coreia do Norte pela diferença de mais de um gol. Por isso, empatar hoje com a Costa do Marfim é um resultado ruim, perigoso. O Brasil teria de ganhar de Portugal.

A Costa do Marfim é uma seleção alta, forte e com bom sistema defensivo. O bom ataque de Portugal foi totalmente anulado. Por outro lado, o time africano não criou chances de gol. O jogo só poderia terminar 0 a 0.

A Costa do Marfim atua com quatro defensores, dois volantes, uma linha de três meias e um centroavante. Mas, como marcou muito atrás, com nove jogadores em seu campo, esperando Portugal para contra-atacar, o centroavante ficou isolado. Hoje, Drogba inicia a partida. Ele é excepcional nas jogadas aéreas e nas finalizações.

Como a Coreia do Norte marcou muito atrás, Gilberto Silva e Felipe Melo atuaram livres. Se a Costa do Marfim fizer o mesmo, o que é provável, Felipe Melo deveria avançar mais, o que não fez contra a Coreia do Norte. A chegada de trás de um armador confunde a defesa adversária.

Certamente os dois meias da Costa do Marfim, um de cada lado, vão tentar impedir os avanços de Michel Bastos e, principalmente, de Maicon.

É mais um motivo para Felipe Melo chegar mais à frente. Daniel Alves e Ramires fazem isso melhor. Se o Brasil não conseguir vantagem no placar durante o primeiro tempo ou até os 15 minutos do segundo tempo, é provável que entre um ou os dois.

Nilmar é outra opção para o segundo tempo. Ele é agora o primeiro reserva de Robinho, de Luis Fabiano e até de Kaká. Robinho passaria a fazer a função do jogador do Real Madrid, como ocorreu no segundo tempo contra a Coreia do Norte.

Em uma Copa do Mundo, o controle das emoções é também decisivo. O jogador tem de ser vibrante sem ser apressado, afoito. A ansiedade, até certos limites, ajuda o atleta. Há uma maior produção de substâncias químicas, e o jogador fica mais atento, mais aguerrido e com mais força muscular. É o doping psicológico.

Mas, quando a ansiedade atinge níveis muito altos, o atleta fica confuso, intranquilo, passa a errar mais e a ser mais agressivo, correndo riscos de ser expulso. Dunga tem de ficar de olho em Felipe Melo.

"Quem ganha e perde as partidas é a alma." (Nelson Rodrigues)

“A culpada é a foto”, Juca Kfouri

Nota da Redação: Este texto é uma ironia só. Mas é a verdade, nada mais do que a verdade

O nome do inimigo já foi plenamente identificado pelo sargento Dunga e pelo serviço de inteligência da CBF, Barão Ricardo Teixeira à frente, também chamado de Ricardo 1º, o Único: Ari Ferreira, fotógrafo do diário "Lance!" que teve, imagine, a petulância de fotografar o treino fechado da seleção brasileira na última sexta-feira.
Informações sigilosas que chegaram ao quartel- -general verde-amarelo dão conta que, tão logo a foto foi publicada na primeira página do jornal inimigo, em seu papel de quinta-coluna, o técnico da Costa do Marfim, rival de Dunga na noite gelada de Joburgo hoje, no Soccer City, reuniu seu Estado- -maior e se deteve minuciosamente em cada detalhe da imagem que mostra Josué, imagine, Josué!!!, com o colete de titular, no lugar de Gilberto Silva.
O frio e calculista sueco Sven-Göran Eriksson imediatamente traçou a estratégia que levará a equipe africana à vitória contra os agora descobertos brasileiros. Verdade que, em represália, o treino de ontem dos soldados mimados de Dunga também foi fechado, numa tentativa desesperada de confundir as hostes inimigas.
Não será surpresa se, por exemplo, em vez de Josué, o escalado for... Gilberto Silva.
Aí Dunga quer ver como ficará a cara de Eriksson, um inimigo capaz de urdir trama tão sinistra, com a cumplicidade de jornalistas brasileiros, na verdade os maiores traidores da pátria amada, idolatrada, salve, salve!
Sim, salve-se quem puder, porque nesta noite um conluio dos africanos, com a imprensa do Brasil e com a Fifa, tudo fará para derrotar os intrépidos craques nacionais, que ainda enfrentarão um Drogba, quem diria, maior estrela do jogo, com uma proteção que evidentemente extrapola todos os regulamentos em vigor no esporte.
Mas Dunga, experiente, estudioso das táticas de guerra, desde as clássicas chinesas às modernas alemãs da Segunda Grande Guerra, admirador do general Von Rommel, a Raposa do Deserto do exército nazista, está preparado para tudo. E avisa, com o canto da boca, qual verdadeiro Coiote da Selva: "Não passarão!".
E nós acreditamos.
Pra frente, Brasil, Brasil, salve a seleção!!! E abaixo a informação, os fotógrafos, repórteres, gentinha... Ninguém segura este país!

“Donos do Brasil”, Paulo Vinicius Coelho

Dunga é o treinador com mais poder desde Flávio Costa, vice na Copa do Mundo de 1950

Dunga resistiu ao clamor do país inteiro. Podia ter chamado Ganso ou Ronaldinho Gaúcho. Se hoje Kaká der outra demonstração de sua condição física comprometida, o técnico teria uma alternativa. A escalação de Robinho na função de Kaká, no segundo tempo contra a Coreia do Norte, evidencia que Dunga precisa de uma opção a Júlio Baptista.

Já se disse que Dunga é o técnico com mais poder desde Flávio Costa, vice na Copa-1950. Sem supervisor, coordenador ou diretor por perto, só esperou o primeiro dia em que as placas de patrocinadores da Fifa estampavam o campo de treino para fechá- -lo. Até a véspera, as placas eram de patrocinadores da CBF. Mas Dunga é também o técnico com quem a seleção jogou bem os jogos mais importantes, como o de hoje. Ou o Brasil vence hoje ou terá a obrigação de ganhar na última rodada, situação que a seleção não vive desde a Copa da Argentina.

Mais dono do Brasil do que Dunga, só Ricardo Teixeira. O presidente da República diz que a Copa de 2014 deve ser no Morumbi. Presidente da República, que nada! O presidente da CBF diz que não.

O início do projeto da Copa brasileira foi na França, no Mundial de 1998. Ricardo Teixeira dizia que, se Nantes podia abrigar jogo de Copa, o Brasil poderia fazer a sua. Nantes tinha estádio com estruturas metálicas porcas, que levavam à tribuna principal. Dunga jogou lá as quartas de final contra a Dinamarca.

Pois o Morumbi havia sido aprovado para as oitavas de final. Deveria caber ao comitê paulista decidir se quer a abertura. A Fifa, digo, a CBF decidiu antes e avisou à imprensa no dia seguinte à derrota na eleição do Clube dos 13.

Hoje, a ameaça de dinheiro público é menor do que a de um fundo de investimento montado pela Traffic, por exemplo, em que os nomes dos investidores não apareçam claramente. Quem poderia fazer parte dessa sociedade?

Vale lembrar que, em 21 anos de mandato, Ricardo Teixeira não fez o país ter um único estádio compatível. Se em 1989 tivesse negociado uma linha de crédito e desse prazo aos clubes para reformar seus palcos, condicionando o crédito à transformação em empresa, o país teria hoje arenas como os ingleses. A falta de estádios é seu atestado de incompetência, e só ele seria suficiente para pedir seu impeachment. Só pela incompetência.

“Ueba! Bingo do Galvão!”, José Simão

Imprima a cartela e, em um jogo, marque um X sempre que o Galvão falar uma frase manjada

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! Direto da Cópula do Mundo!
É HOJE! Brasil contra Costa do Marfim! Chama o Incor. Vou assistir ao jogo direto do helicóptero do Incor! Hoje a plástica do Galvão despenca!
E pode torcer pelo Brasil e contra o Dunga? Um amigo meu disse que a seleção do Dunga é como a mulher dele de biquíni: NÃO EMPOLGA!
E eu sei por que o Dunga só convocou volante para a seleção brasileira. Vai abrir uma autoescola. Rarará! Autoescola Dunga!
E tem um amigo que assiste ao jogo do Brasil gritando "Pênalti! Pênalti!". O Brasil entra em campo, e ele já começa a berrar: "Pêêêênalti"! Até ficar vermelho como uma beterraba!
E eu adoro o hino da Inglaterra: "Deus salve a nossa GRACIOSA rainha". A única graciosa rainha na Inglaterra é o Beckham! Rarará.
E chega de zebra. A vuvuzela vai virar VUVUZEBRA! Essa Jabulani é feita de couro de zebra, a Jabuzebra! Jabulani Já Pro Gol!
E atenção: "TSE proíbe Lula de tocar vuvuzela". Rarará! E Japão e Holanda? O time da Holanda joga de van: Van der Wiel, Van Bronckhorst, Van der Vaart, Van Bommel e o técnico, Van Marwijk. Só faltou o Vampeta. E a VANderléa! Rarará!
E Japão faz macumba com prato de sushi. Parece mesmo. E sabe qual é a diferença entre o sushi e uma perereca? O arroz.
E sabe o que a torcida de Gana tava gritando pra Austrália? Uh! Uh! Uh! Pau no cu do canguru. Rarará. Desculpe a baixaria. É Copa! E o Maradona é o Nelson Ned da Argentina! E já imaginou se na final der Sérvia e Eslovênia? Rarará!
BINGO DO GALVÃO! Corre na internet o Bingo do Galvão. Para jogar durante o jogo. Imprima a cartela e marque um X sempre que o Galvão falar uma dessas frases manjadas: 1) Bem, amigos da Rede Globo. 2) Este jogo é um teste pra cardíaco. 3) Casagrande, você acha que o Ganso e o Neymar estão fazendo falta? 4) Isso pode, Arnaldo? 5) Eu conversei com ele no saguão do hotel. 6) Haja coração! 7) RRRrrr 8) ERRRRGUE o braço! Rarará!
Diversão garantida. O Galvão é o bônus track da Copa do Mundo.
Nóis sofre, mas nóis goza. Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno.
E força na vuvuzela!

21/06

“Belíssima vitória”, Tostão

Foi uma bela vitória e uma bela atuação da seleção brasileira ontem, contra a Costa do Marfim

Qual é o comportamento de um atleta antes de um jogo importante? É variável. Cada um tem seu jeito. Garrincha não sabia nem o nome da outra seleção. Eu, pelo contrário, ficava tenso, pensava no jogo e não dormia bem.
No vestiário, antes de entrar em campo, a maioria dos jogadores tem um ritual. Uns beijam a medalhinha dez vezes (não pode ser nove ou 11). Gerson ia para o canto para fumar. Era mais vício do que ritual. Pelé deitava e fechava os olhos. Ninguém podia incomodar a fera. Ninguém sabia se ele dormia, sonhava, se pensava no gol que faria ou se apenas descansava.
O estádio está lotado, e faz muito menos frio do que na primeira partida do Brasil. Vesti tantas roupas que sinto até calor.
Vai começar o jogo. Todos os jogadores estão perfilados, cada um em sua posição. Luís Fernando Veríssimo está logo atrás de mim e, nesse momento, lembrei-me de uma de suas belas crônicas. Ele dizia que esse é o momento de glória dos técnicos, com os jogadores nas posições que foram desenhadas na prancheta. Ele completa: "Quando a bola começa a rolar, todos os jogadores não param de correr, para o desespero dos treinadores".
A bola já rolou. Como se esperava, quando o Brasil pegava a bola, a Costa do Marfim colocava nove jogadores em seu campo. Um jogador de cada lado impedia os avanços dos laterais brasileiros. Parecia que o jogo ia ser difícil. Não foi. Nada melhor que um belo lance para sair um gol, uma troca de passes entre Robinho, Luis Fabiano e Kaká, e uma perfeita finalização de Luis Fabiano.
Logo no início do segundo tempo, um gol antológico de Luis Fabiano, apesar de a bola ter tocado em seu braço. O terceiro, de Elano, saiu de mais uma bela jogada individual de Kaká, pela esquerda, como gosta. Drogba, depois de perder um gol, fez o seu, do jeito que também gosta, de cabeça.
A Costa do Marfim, como todo time africano, sabe se posicionar defensivamente, procura fazer as jogadas certas, mas, no final, dá errado. Faltam técnica, talento e alma. São seleções burocráticas e frias. Os técnicos europeus tiraram a alma do futebol africano. E, no final, ainda apelaram para a violência. Kaká não merecia ser expulso.
Luis Fabiano foi o craque do jogo. Todos os outros foram bem. Apenas Gilberto Silva e Michel Bastos foram discretos. Foi a melhor atuação de uma seleção na Copa-2010.

“O sacrifício de Kaká”, Juca Kfouri

Num lance, Kaká faz a diferença. Mas joga com dor e pode ter até de abreviar sua carreira

Kaká desmentirá, assim como o médico da seleção brasileira. Mas o fato é que ele está sofrendo para jogar esta Copa do Mundo e pode, como Guga, até encerrar sua bela trajetória no futebol muito mais rapidamente do que gostaria. O mesmo problema que o maior tenista brasileiro de todos os tempos enfrentou no quadril Kaká enfrenta no púbis, segundo confidências de médico para médico que chegaram ao conhecimento da coluna horas antes de o Brasil enfrentar a Costa do Marfim.

E foi Kaká, que nada fazia em campo, o responsável por 60% do primeiro gol brasileiro, pouco depois da metade do primeiro tempo, em belíssima tabela com Luis Fabiano que culminou com um passe perfeito dele e um arremate irrepreensível, e difícil, do centroavante, que se recupera.

Por isso Kaká joga, porque pode desequilibrar num lance, coisa que Drogba, igualmente sacrificado, não conseguia.

Foi de Kaká, ainda, o passe para o terceiro gol, de Elano, em bela ida à linha de fundo.

Beleza, aliás, não faltou na vitória por 3 a 1 sobre os marfinenses, que tiveram Drogba apenas para marcar seu gol de honra, no fim do jogo, sem nada mudar na classificação brasileira às oitavas de final, como a Holanda.

Porque o segundo gol, de novo de Luis Fabiano, Pelé assinaria, com três chapéus que, digamos liberalmente, anulam a matada com o braço que antecedeu o arremate.

Mas voltemos a Kaká. Precisando ganhar ritmo, sua expulsão é de se lamentar, tanto que ele apanhou para reagir com duas carícias desnecessárias e avaliadas com excesso de rigor pelo árbitro francês: cartões amarelo e vermelho, e ele não irá enfrentar Portugal. O bom menino, disposto ao sacrifício que está fazendo para ter a sua Copa do Mundo inesquecível, não sabe ser mau, e nem deveria tentar, porque alguém castiga.

Finalmente, por falar em castigo, que alguém convença Dunga de que castigar não é a solução.

Porque, se a Alemanha tinha goleado e já perdeu, se a Argentina goleou e ainda não está classificada, o time dele, ainda sem jogar com brilho, evoluiu, como se começasse a repetir a toada tanto da Copa América como da Copa das Confederações. De bronca em bronca, e castigo nos perguntadores indiscretos.

“**É forte!”, Paulo Vinicius Coelho**

A melhor e a pior notícia da tarde de ontem foi Kaká.
A melhor, porque ele está na Copa do Mundo. Fez quase tudo o que se espera de um líder da seleção brasileira. Ele cadenciou a partida, deu dois passes para gol. Faltou somente arrancar com mais força na sua jogada característica, do contra-ataque.
Diga-se que o Brasil ainda não fez nenhum gol assim. Na era Dunga, um a cada três gols nasce de contra-ataque. O time, então, prova que não depende das jogadas de velocidade. Abriu espaço com trocas de passes de pé para pé.
Faltou um pouco mais de jogo do lado esquerdo, fruto da atuação apagada de Robinho. Mas sobra força com Maicon, que carregava Kalou até a linha de fundo defensiva, antes de o gol sair.
Ainda pode melhorar a saída de bola, mas não foi Felipe Melo quem errou desta vez. E a equipe teve paciência para rodar a bola na altura do meio de campo sem rifá-la, sem entregá-la de presente ao adversário.
Por momentos, os passes laterais chatos lembraram a partida mais difícil que o Brasil já teve em Copas contra um rival africano. Diante da Argélia, em 1986, o time de Telê usou a mesma estratégia e demorou para encontrar o buraco que resultou no gol do 1 a 0, aos 21min do segundo tempo.
O exemplo serve para mostrar que nem sempre o Brasil foi arte, seja no presente, seja no passado. Há partida em que é mais importante ser valente, ser forte. Durante uma semana, o país repetiu que o jogo mais difícil da primeira fase era o contra os marfinenses. Era mesmo. Quem tornou a vitória mais simples foi a seleção de Dunga.
Sirva de exemplo o primeiro gol, com Kaká, Robinho e Luis Fabiano agrupados. Quando o Brasil aproxima seus jogadores, sai o toque curto, a tabela envolvente. Nessas horas, o time de Dunga prova sua força.

IMATURIDADE
A Costa do Marfim apelou, e cabia ao Brasil não entrar na provocação. Entrou. O pior foi Kaká, expulso. Pode apostar que Júlio Baptista será o substituto contra Portugal.

COINCIDÊNCIA?
A coincidência de poder se classificar com três empates, como em 1982, acaba quando se compara a qualidade da Itália-82 com a de 2010, que levou tantos gols em dois jogos quanto nos sete de 2006.

“A vuvuzela ficou rouca!”, José Simão

Ufa! Ganhamos! Demos show! E o Luis Fabiano desobedece o Dunga e faz logo dois gols!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! Direto da Cópula do Mundo! ERRRRRRRGUE OS BRAÇOS! UFA! Tô com a vuvuzela rouca! Ganhamos! Demos show! Chuuupa, Maradona. Ops, cheeeeira Maradona!
E pra jogar contra a Costa do Marfim tem que convocar o Maguila, o Mike Tyson, o Popó, o Pitbull Dilacerador de Vísceras e a Edinanci!
E o Luis Fabiano desobedece o Dunga e faz logo dois gols! E o Kaká não fez muitos passes porque quem dá passe é pai de santo. Rarará! Kaká! Boooota pra orar!
E o Brasil não precisa de técnico. O melhor técnico foi o Feola. Que dormia no banco!
E o Galvão, o Hexagerado? Uma leitora me disse que o Galvão consegue ser pior que o Louro José! O Galvão é o Louro José!
E sabe o que o Lula fez durante o jogo? Tocou a MARISELA! E o figurino do Dunga? O Dunga amarelou na sua caminhada fashion: trocou o Herchcovitch por um casaco da Zara. Saudade das camisas do Dunga. Daquela camisa xadrez, em que ele ficava parecendo sanfoneiro de puteiro! Rarará!
E o Falcão parece o Museu da Imagem e do Som. Só faz recordar! E eu já tô com a minha vuvuzela rouca. Afônica!
E Camarões fora! Na Copa do frango não tem camarão!
E diz que os jogos da Copa estão feios. Feio é o Tevez em câmera lenta. Rarará. O terror da Copa: Tevez em câmera leeeenta!
E o Brasil inteiro cai na gandaia. Olha a faixa na porta de uma sauna gay: "Venha torcer conosco! Curtir um churrasco saboroso e botar a vuvuzela na Jabulani".
E os marfinenses distribuíram soco em Soccer City! Soccer de Soco!
E o Eramos6 diz que a Fifa vai desclassificar o Paraguai. Tão vendendo zebra falsificada. Rarará! E a frase escrita no busão da seleção do Paraguai: "Copa do Mundo por 1,99".
BINGO DO CASÃO! Corre na internet o Bingo do Casagrande. Imprima a cartela e marque um X sempre que ele falar uma dessas frases manjadas: 1) Éééé... 2) Ãããhn... 3) Não sei. 4) Éééé... 5) Ãããhn. 6) Não sei. 7) Éééé... Ãããhn... Não sei. Rarará!
Nóis sofre, mas nóis goza. Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!
Força na vuvuzela!

25/06

“Efeito Brasília”, Paulo Vinicius Coelho

O repórter Rodrigo Magalhães, do canal Sport TV, de Lisboa, só falava na quarta-feira da goleada do Brasil sobre Portugal por 6 a 2, em 2008, em Brasília. Lembrado de que Portugal foi um dos cinco rivais a vencer o Brasil de Dunga, replicou: "Mas disso ninguém se lembra em meu país!".
Tiago, volante que substituiu Deco contra a Coreia do Norte, também não se lembra da vitória lusa em Londres, em 2007. Já disse que os portugueses precisam dar o troco pelos 6 a 2.
Desde aquele 19 de novembro de 2008, a vida de Portugal mudou. A goleada fez o técnico Carlos Queiroz trocar o goleiro Quim por Eduardo e mudar o sistema tático do 4-2-3-1 para o 4-3- -3. Não perdeu mais. São 17 jogos invicto, com 12 vitórias e cinco empates. "É muito bom saber que passamos 18 jogos, dos meus 23, sem sofrer gols", diz Queiroz.
Os números indicam que não é simples vencer Portugal. O futebol, nem tanto.
Os portugueses jogam com dois pontas abertos -Simão pela direita, Cristiano Ronaldo à esquerda. Podem escolher entre Liedson ou Hugo Almeida no ataque. Mas sofrem com a falta de criatividade crônica no meio-campo, formado por três volantes.
O problema pareceu resolvido contra a Coreia do Norte, pelas ótimas atuações de Raul Meireles e Tiago. Mas a Coreia se abriu, como não fez contra o Brasil. Por isso, foi goleada.
Marcar Raul Meireles e Tiago é fundamental. Missão para os volantes, com o apoio de Júlio Baptista. Acredite, o substituto de Kaká será importante.
O maior risco para o Brasil é a lembrança lusa de Brasília. Se fechar o Grupo G em primeiro, a seleção fica do lado da chave que evita Inglaterra, Argentina, Alemanha e, talvez, Espanha. Um revés muda tudo. É bom evitar o efeito Durban.

REFERÊNCIAS

Portugal foi à semifinal de duas Copas, com Oto Glória (1966) e Felipão (2006). Mas ontem Carlos Queiroz plagiou outro brasileiro: Gentil Cardoso. Ao dizer que é preciso ter bom gramado para jogar com bola no chão, falou que a bola é de couro, o couro vem da vaca, a vaca gosta de grama e é preciso pôr a bola no chão. Foi assim que Portugal, dirigido por Queiroz, ganhou o Mundial sub-20 em 1991, vencendo o Brasil na decisão.

“Itália fora da Copa”, Tostão

Uma seleção tão retranqueira e tão fraca como a Suíça não deveria passar para a próxima fase

Viemos ontem de Johannesburgo para Durban em uma ótima estrada. É o mundo rico da África do Sul. Na saída de Johannesburgo, passamos por uma extensa favela. É o mundo miserável da cidade.
Durban é uma cidade agradável, às margens do oceano Índico, a terceira maior da África do Sul e o maior porto do continente. Durante o dia, faz calor. Parece o inverno do Rio de Janeiro.
A Itália está fora da Copa. Ficou em último, atrás da Nova Zelândia. Todas as vezes em que a Itália venceu, e diziam que ela jogava feio, havia grandes jogadores na equipe. Nunca vi uma seleção italiana tão fraca como a atual.
Nas oitavas de final, a Holanda, favorita, vai enfrentar a Eslováquia.
Paraguai e Japão devem fazer um jogo equilibrado. Existe uma boa chance de que quatro equipes sul-americanas cheguem às quartas de final da Copa.
Brasil e Portugal jogam hoje. O sistema defensivo de Portugal não é melhor do que o da Costa do Marfim, mas o ataque é muito superior ao do time africano. É preciso evitar as finalizações de fora da área e as cobranças de falta de Cristiano Ronaldo.
Se o técnico português conhecer bem o Brasil, vai colocar Cristiano Ronaldo pela direita. Michel Bastos vai precisar da ajuda de Felipe Melo.
Dunga deve escalar Daniel Alves no lugar de Elano, contundido, e Júlio Baptista no de Kaká, suspenso. Outra opção seria Nilmar, passando Robinho a fazer a função de Kaká. Não sei se seria melhor.
No Grupo H, a Espanha precisa vencer o Chile. Como o time chileno é imprevisível, uma goleada da Espanha e uma vitória do Chile são resultados muito próximos.
Não gostei das escalações da Espanha nos dois primeiros jogos. Xavi deveria ser o segundo volante, para iniciar as jogadas em sua intermediária. Jogando assim, no Barcelona, ele se tornou o melhor armador do mundo. Colocá-lo mais à frente, como um meia, muitas vezes de costas para o marcador, é uma tremenda burrice.
Deveria haver uma regra na Copa do Mundo que não permitisse que uma seleção tão retranqueira e tão fraca como a Suíça passasse para a fase seguinte. Se a Suíça se classificar, existe até o risco de ela, com mais quatro retrancas e com sorte, ganhar o título, como ocorreu com a Grécia na Eurocopa de 2004. Seria a desmoralização do futebol.

“Vexame à italiana”, Juca Kfouri

Não bastou a vergonha da França. A Itália, com muito mais camisa, pisou na bola feio

Imagine uma seleção de futebol que já tenha sido campeã mundial mais de uma vez. Imagine que seu técnico é um cidadão vencedor e respeitado em seu país e fora dele. Imagine essa seleção eliminada na primeira fase de uma Copa do Mundo. E seu técnico dando para o diabo a hora em que aceitou voltar a dirigir o time em uma Copa, ele que a ganhara anteriormente.
Se você acha que estou me referindo à Itália, sim, é claro, você acertou. Mas não só à Itália.
Estou também me referindo à seleção brasileira, eliminada na Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, ainda na primeira fase, depois de ganhar só da Bulgária e de perder para Hungria e Portugal.
Seu técnico era Vicente Feola, o primeiro técnico brasileiro campeão mundial, em 1958, na Suécia.
Dá para imaginar o quanto doeu na alma de um adolescente de 16 anos aquela derrota?
Pois multiplique por dez o que estão sofrendo os jovens italianos, porque, se a Copa tinha muita importância em 1966, depois de 1970 passou a ter mais e virou um negócio extraordinário neste século 21, já em sua terceira Copa.
Como Marcello Lippi agora, Feola, então, deixou de fora craques que não poderia ter deixado no Brasil. E o resultado foi catastrófico, em uma tentativa maluca de levar o maior número de jogadores que pudessem ser tricampeões, além da nefasta troca de Paulo Machado de Carvalho, chamado de o "Marechal da Vitória", por seu trabalho nas conquistas na Suécia (1958) e no Chile (1962), por João Havelange.
A derrota italiana tem aspectos dramáticos neste momento em que o Campeonato Italiano deixou de ser o mais badalado do mundo e da Europa, ficando para trás do Inglês e do Espanhol, além de ter de conviver com o bufão chamado Silvio Berlusconi, mandachuva não só do país, mas do Milan.
Numa chave em que apenas o Paraguai merecia respeito, eis que a Itália conseguiu ser eliminada sem vencer nenhum jogo e em último lugar, atrás até da, quem diria, invicta Nova Zelândia.
E não me diga que, por pior que fosse o momento italiano, você imaginava que isso poderia acontecer. Se a resposta for positiva, que sim, que você imaginava, só resta lhe dizer que vá ter imaginação assim lá em Bratislava, capital da Eslováquia, onde ninguém nem imaginava nem acreditava.

“Portuga joga de camisola!”, José Simão

E jogo às 11h? O ruim de jogo de manhã é que o Galvão Bueno aparece com cara de pão na chapa!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! Direto da Cópula do Mundo!
É HOJE! É hoje que a vuvuzela vai fumar! Brasil contra Portugal! E sabe como se chama camiseta em Portugal? Camisola! Eu tô louco pra ver o Cristiano Ronaldo de camisola! Rarará! Portugal vai jogar de camisola!
E jogo às 11h? O ruim de jogo de manhã é que o Galvão aparece com cara de pão na chapa! Mas tem coisa pior: a sogra entrando na sala de baby- -doll verde e amarelo!
E manual para assistir a um jogo de Portugal. Sabe como é gol contra em Portugal? Autogol! E bicicleta? Jogada sobre duas rodas. E carrinho? Penalidade sobre quatro rodas. Rarará!
E duas coisas que eu ainda não vi nesta Copa: a seleção jogar bonito e o pescoço do Maradona! Rarará. O Nelson Ned da Argentina!
E a Itália? ZEBRA AL SUGO! Arruma as malas, seus malas. Rarará! Chegar de Armani e jogar de tênis Prada não dá certo!
E como gritou uma amiga minha: "Eu não quero que a seleção da Itália volte pra casa, eu quero que os italianos voltem pra MINHA CASA!". Rarará!
E afinal, ONDE FICA A ESLOVÁQUIA? Rarará!
E a melhor partida da França: a partida pra casa! Rarará!
Essa Copa tá bem louca, viu! Já imaginou a final com dois países bem esdrúxulos, tipo Suíça e Eslováquia? Rarará!
E sabe o que é galvanização? Corrosão do ouvido humano quando exposto aos comentários do Galvão Bueno!
E olha a pichação que eu vi em um muro: KAKÁ EXPULSÚ! Adorei. Agora só vou escrever assim: expulsú!
E como disse uma amiga minha: "Eu não preciso do Dunga pra não gostar da Globo". Rarará!
E Portugal faz macumba com bacalhau preto. Bacalhau preto e vinho do Porto. Rarará! Pior, eles usam a tática padaria: atacam em bolo e retrancam em massa!
E acabo de receber um folheto de um restaurante no Itaim Paulista: "Mamma Mia! Pratos Baianos". Os italianos estão mudando de nacionalidade! Rarará!
Nóis sofre, mas nóis goza. Força na vuvuzela!
Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

26/06

“Empate chocho”, Tostão

O empate e o futebol regular mostraram que o Brasil sem Kaká e Robinho se torna um time comum

Quando era adolescente, Fernando Pessoa morou em Durban. Seu padrasto era cônsul na cidade. Aqui, Fernando Pessoa escreveu seus primeiros versos, em inglês. Segundo relatos da época, ele era esquisito. Ainda bem. Só os esquisitos seriam capazes de escrever coisas tão maravilhosas.
O novo estádio de Durban é belíssimo, mais ainda do que o Soccer City, de Johannesburgo. Será mais um elefante branco.
O empate e o futebol apenas regular mostraram que o Brasil sem Kaká e Robinho fica um time comum, como o de Portugal. Daniel Alves foi também pior que Elano.
Só não é pior porque Júlio César, Maicon, Lúcio e Juan são excepcionais e regulares. O Brasil não tem bons reservas do meio para a frente.
Se com Gilberto Silva e Felipe Melo, dois jogadores que não avançam, não é bom, com Josué fica pior. Como Felipe Melo marca bem e tem dado bons passes, o ideal era que ele jogasse na posição de Gilberto Silva e entrasse outro armador, mais pela esquerda, para marcar e atacar. Não existe esse jogador no elenco.
Portugal fez o que a maioria das outras seleções faz. Perdia a bola e colocava nove jogadores em seu campo. Por isso, a seleção brasileira tem tocado mais a bola e realizado pouquíssimos contra-ataques.
O técnico Carlos Queiroz mostrou, mais uma vez, que é um técnico mediano, ao colocar Cristiano Ronaldo sozinho no ataque, e de centroavante.
Em vez de facilitar para seu único grande jogador, um dos três melhores do mundo, o técnico faz tudo para atrapalhá-lo. Seria muito mais lógico, óbvio, colocar um outro centroavante e Cristiano Ronaldo pela direita, para aproveitar a fragilidade de Michel Bastos.
Escrevi em outra coluna que, se fosse técnico de uma seleção e enfrentasse o Brasil, faria duas coisas: exploraria o lado de Michel Bastos e faria uma marcação mais de perto em Gilberto Silva e em Felipe Melo, que têm pouca habilidade. Nos três jogos, ninguém fez isso. Ainda bem.
As cinco seleções sul-americanas se classificaram. A Suíça só treinou a defesa e não conseguiu fazer um gol em Honduras.
A Espanha é favorita contra Portugal. O Chile, com sua correria organizada, deu uma canseira na Espanha, mas perdeu. Vai fazer o mesmo contra o Brasil e também deve perder.

“Chama o Ganso!”, Paulo Vinicius Coelho

Dunga já havia dado saltos à beira do banco de reservas, reclamando da enorme quantidade de passes errados. A cada um deles, um contra-ataque português. Aos 32min do segundo tempo, o técnico olhou para Jorginho e balançou as mãos, como quem pede que o time troque passes, prenda o rival no campo de defesa. Jorginho abriu os braços em resposta, como quem diz: "Vamos fazer o quê?".

O pedido de socorro que você pode ter feito no sofá da sua casa Dunga e Jorginho gritaram em rede mundial. O jogo contra Portugal evidenciou o que todo o Brasil disse em 11 de maio, data da convocação. Se o time titular pode ganhar a Copa, os reservas dão pânico.

Júlio Baptista pode ser um dos reservas de Kaká, mas não o único. Como não conseguia organizar o time, fazê-lo trocar três passes consecutivos, Daniel Alves largou o lado direito. O resultado foi a saída de bola facilitada para Portugal, pelo lado esquerdo.

Coentrão e Duda começaram a tabelar e incomodar Maicon. Ficou pior no início da segunda etapa. Duda chamava Maicon para a linha do meio-campo, e o passe saía às suas costas, para Cristiano Ronaldo. Portugal poderia ter ganhado o jogo assim. Era óbvia a necessidade de mudança.

Dunga olhou para o banco. Não tinha chance. Quando Júlio Baptista sentiu lesão, entrou Ramires na velha função de Kaká. Logo inverteu o posicionamento com Daniel Alves. Se Júlio Baptista é o único reserva de Kaká, Ramires nunca jogou com Dunga na faixa central do campo.

O jogo contra Portugal evidenciou que o Brasil pode vencer a Copa com seus titulares, porque seu banco de reservas é fraco. Nos dez minutos finais, Dunga pelo menos viu o time errando menos passes, prendendo um pouco mais a bola na frente. Como Ganso ensinou na final do Paulistão.

NERVOSISMO

Felipe Melo e Luis Fabiano deram o tom de um time nervoso, que pede para ter um jogador suspenso. Dunga disse que Felipe Melo saiu por lesão. Ainda bem que sua mãe o ensinou a não mentir.

O MELHOR

Cristiano Ronaldo já ganhou o prêmio de melhor do jogo duas vezes sem merecer. Contra a Coreia do Norte, Tiago deu a vitória aos portugueses. Ontem, Lúcio foi ótimo.

“O passe está morrendo”, Juca Kfouri

Assim como o drible, que tem só Messi como representante digno na Copa, o passe se vai

Esta coluna tem o doloroso dever de informar que o passe, o passe que consagrou mestre Didi, Gérson, Rivellino, tantos, está na UTI, a um passo de desaparecer.
Assim como o drible que, aos poucos, foi desaparecendo, a ponto de apenas termos em Lionel Messi, nesta Copa africana, alguém capaz de nos lembrar dessa arte imortalizada por Mané Garrincha, Pelé, Tostão, tantos.
O que vimos em 96 minutos de jogo entre Brasil e Portugal, no lindo e acolhedor estádio de Durban, foi prova eloquente disso, em um 0 a 0 que só não foi modorrento porque foi disputado e até violento, com sete cartões amarelos só no primeiro tempo, o que não foi ruim. Mas dribles não foram vistos pelos mais de 62 mil torcedores. E passes certos, quase também não, embora os errados tenham acontecido em profusão, a maior parte deles graças ao nosso valoroso Gilberto Silva, embora distribuídos quase igualmente por todos.
A ponto de irritar profundamente o técnico Dunga que, se não era um virtuoso na arte de passar, era preciso, nos curtos e nos de longa distância, melhor passador, aliás, na Copa de 1994, nos Estados Unidos.
Só que não tinha ninguém no meio de campo brasileiro capaz de fazer as duas coisas, apesar de, justiça seja feita, até perder a cabeça e quase ser expulso de campo, o bem substituído Felipe Melo tenha se destacado na função, o que por si só dá a medida da extrema gravidade da situação.
Alguém já disse, acho que Armando Nogueira, que, entre o passe e o gol, preferia o drible. Mas, se os gols têm sido raros, os dribles quase inexistentes e os passes mais errados do que certos, o que restará ao futebol, ou melhor, o que viemos ver aqui?
Claro que entre mortos e feridos salvaram-se todos, pois nem Brasil nem Portugal terão de mudar seus planos e logística, cada um atingindo o objetivo a que se propôs antes da Copa. Difícil imaginar a seleção portuguesa como campeã, e continua fácil pensar na brasileira como hexacampeã. Mas tanto uma como outra, como quase todas, sem grandes passadores, exceção feita à Espanha.
Agora vem o Chile, melhor, para Dunga, que Suíça, que só se defenderia. El Loco Bielsa é suficientemente atrevido para não jogar pelos pênaltis.

“Sem Kaká é um Kokô”, José Simão

E agora vamos pegar o Chile. O Chile é bom pra esquiar. Ueba! Vamos esquiar nos chilenos

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! Direto da Cópula do Mundo!
Dunga burro! Jegue empacado. Com aquela camisa de técnico de informática!
Brasil contra Portugal. Patrocínio: Playboy! PELADA! Pelada por pelada, eu prefiro a minha nega!
E se o Dunga gosta tanto de volante, ele deveria ser motorista de Kombi escolar!
Empate pra ele é vitória. A vitória do empate!
E duas coisas que ainda não vi nesta Copa: a seleção jogar bonito e o pescoço do Maradona!
E o Júlio Baptista assistiu ao jogo de um lugar vip: do meio do campo. Nem relou na bola!
E a mãe do Cristiano Ronaldo fez uma promessa para o jogo de ontem. Se Portugal ganhasse, ela raspava o bigode. Rarará!
E o Kaká no banco? Orando pelo Twitter. Rarará! Mas a seleção sem o Kaká é um Kokô!
E cadê o Robinho? Para pular mais do que saci de duas pernas?
E o Galvão? O Hexagerado! Adoro a matemática maluca do Galvão: "Se a Inglaterra empatar com os pigmeus de Botsuana, a Eslováquia fizer um gol, o vento bater a favor e o cara conseguir vender todo o engradado de cerveja dele, o Brasil faz dez pontos".
E a Fifa elege Cristiano Ronaldo como o melhor em campo! É piada de português? O Cristiano Ronaldo é o melhor jogador DEPILADO em campo!
E o site sensacionalista revela que os portugueses continuam assistindo à reprise do jogo. Na esperança de que Portugal desempate! Rarará!
E agora vamos pegar o Chile. O Chile é bom pra esquiar. Ueba! Vamos esquiar nos chilenos.
E o Ciro Botelho me disse que vai dar um "antônio nunes" no Dunga! Antôôôônio nuuuunes PÁ!
Seleção dos peladeiros! Sugestão de um leitor de uma seleção melhor que a do Dunga contra Portugal. Seleção dos Caçadores da Serra da Jiboia: Téo Maneta, Muela, Zé Metranca, Pé de Cabra, Alaor Capeta e Curisco Ruim. Capiroto, Tonho Gonorreia e Macabro. Ataque: Matoso Rola Preta e Dino Rabicó! Isso é ataque nuclear. E ainda tem gente com medo do Irã? Rarará.
E, em represália a Portugal, hoje eu não compro pãozinho na padaria. Só pão Pullman no supermercado! Rarará! Nóis sofre, mas nóis goza. Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

28/06

“Jogo perigoso”, Tostão

Rival do Brasil hoje, o Chile, por ter uma maneira peculiar de jogar, é uma equipe perigosa

Na Copa do Mundo de 1966, na vitória da Inglaterra sobre a Alemanha, a bola não entrou, e foi gol. Quarenta e quatro anos depois, a bola entrou, e não foi gol. Não utilizar a tecnologia para lances especiais é um atraso. Bastaria colocar uma TV para o quarto árbitro. A Inglaterra perdeu por isso -o empate poderia mudar a partida- e, principalmente, porque jogou pior.
Alemanha e Argentina farão um clássico nas quartas de final. A Argentina, com a ajuda da arbitragem no primeiro gol, do zagueiro mexicano no segundo e com a grande qualidade de seus atacantes, venceu o México por 3 a 1.
Hoje, o Brasil enfrenta o Chile. Os chilenos são a única equipe nesta Copa do Mundo que marca por pressão, que joga com três zagueiros e que possui um técnico que assiste à maior parte do jogo de cócoras. Não acredito que o Chile vá mudar hoje a maneira de jogar.
Toda a equipe pressiona quem está com a bola, em todo o campo. É a correria organizada. Nem a Espanha, que troca muitos passes, conseguiu fazer isso. Por outro lado, se o adversário sair dessa marcação, encontrará muito espaço na defesa do Chile para o contra-ataque. Assim, o Brasil fez três gols no primeiro jogo pelas eliminatórias (3 a 0).
Como o Chile é uma equipe baixa, a seleção brasileira tem boas chances de fazer gols no jogo aéreo. Assim, o time brasileiro fez quatro gols no segundo jogo pelas eliminatórias (4 a 2).
Pela primeira vez na Copa, Gilberto Silva e Felipe Melo (ou Josué, ou Ramires) vão ser marcados. Pela primeira vez, Michel Bastos vai enfrentar um ponta veloz e driblador (Sánchez).
Repito: gostaria que uma grande seleção jogasse no estilo do Chile. Correria mais riscos, porém, se vencesse, teria muito mais chances de encantar.
Já escrevi também -a vida é quase sempre uma repetição- que, muito mais importante que o estilo, a eficiência e a soberba dos técnicos, é o talento dos jogadores. Por isso, o Brasil é o grande favorito contra o Chile.
As seleções dirigidas por Bielsa, Argentina e Chile, sempre dominaram o Brasil. Parecia que venceriam e, na maioria das vezes, perderam.
Ganhar do Brasil, ainda mais com um time modesto como o do Chile, deve ser o sonho do "louco" técnico. É um jogo perigoso. Ainda mais com um "louco" do outro lado.

“No túnel do tempo”, Juca Kfouri

Impressionante e de arrepiar: 44 anos depois, Lampard repete Hurst, com o sinal trocado

O jogo, em homenagem ao futebol, deveria ter sido encerrado pelo árbitro uruguaio no 25º minuto do segundo tempo, quando a Alemanha fez 4 a 1.
O jogo mais esperado das oitavas de final começou fácil para os alemães, que, com meia hora, já venciam por 2 a 0 e poderiam até estar com três gols de vantagem. A defesa inglesa mais parecia um queijo suíço, e estava até chato, porque não era aquilo que se esperava de tamanho embate.
Eis que uma bola vadia, alçada na área germânica, foi alcançada pelo zagueiro inglês que tinha falhado no primeiro gol alemão, nascido de um lançamento do goleiro, que falhou no gol britânico. O acaso devolvia a esperança de que houvesse disputa. Só que o que se viu daí em diante, e a partir do minuto seguinte, foi dessas coisas que só o futebol proporciona e de deixar incrédulos aqueles que viram a decisão da Copa de 1966, na Inglaterra.
Porque Lampard enfiou por cobertura uma bola que foi ao travessão e caiu meio metro dentro do gol. Mas a arbitragem uruguaia fez o contrário do que o bandeirinha azerbaijano decidiu 44 anos atrás, quando o inglês Hurst, na prorrogação do jogo que estava 2 a 2, teve validado o gol decisivo cuja bola jamais se soube, ou se saberá, se entrou mesmo no gol alemão, embora pareça não ter entrado.
Era como entrar numa máquina do tempo. Em vez do italiano Fabio Capello ou do inglês Alf Ramsey, os técnicos de hoje e de então do time inglês, foi o escritor francês Julio Verne quem veio à lembrança.
Como pode acontecer de novo algo tão parecido? Como se repete a história mesmo? É, veio à cabeça, ainda, o alemão Karl Marx. Tragédia e farsa ou farsa e tragédia?
E a Inglaterra voltou com tudo no segundo tempo, com nova bola no travessão do mesmo Lampard e tanta pressão que parecia estar perto de fazer justiça, empatar em 2 a 2 e levar o jogo, que já superava as expectativas, também para uma sensacional prorrogação.
Mas a Alemanha, em dois contra-ataques fulminantes, liquidou com o jogo de maneira tão cirúrgica que, se fosse possível, o árbitro deveria ter pedido a bola, pedido desculpas aos ingleses e apitado o fim do jogo. Em homenagem à liturgia do próprio jogo, que já tinha ido além do que dele se poderia exigir. O jogo da Copa.

“Ele não é louco”, Paulo Vinicius Coelho

A pergunta inevitável surgiu em uma das primeiras entrevistas de Marcelo Bielsa na África do Sul: "Por que te chamam de louco?". Bielsa não explicou. Disse que algumas de suas atitudes justificam o apelido.
Filho de uma família de políticos, Bielsa preferiu o futebol. Seu pai torcia pelo Rosario Central. Foi jogar no Newell's, alvo dos rosarinos.
Bielsa também parece louco na maneira de escalar os times que dirige. Mas adjetivos como inovador e estrategista são mais precisos.
Invariavelmente suas equipes têm três atacantes. As variações estão na defesa. Contra Honduras, de um atacante só, jogou com dois zagueiros e liberou seus laterais. O sistema era um 4-3--3, como deve usar contra o Brasil, porque Luis Fabiano é centroavante, e Robinho, quase ponta-esquerda.
Contra times com dois atacantes definidos, Bielsa usa o 3-3-1-3. Dois zagueiros na marcação, outro na sobra. O resto do time ataca.
No primeiro tempo contra a Espanha, o Chile chegou a ter mais tempo a bola no pé, fato raro para quem enfrenta a Fúria. Foi o que ocorreu contra o Brasil, em Santiago. Ali, Bielsa foi louco. O contra-ataque, arma mortal do time de Dunga, serviu para definir, por 3 a 0, a quarta das cinco vitórias do Brasil sobre o Chile em cinco jogos desde 2006.
O retrato daquele jogo pode ser o mesmo de hoje, mas Kaká precisa puxar os contra-ataques, como não tem conseguido fazer.
Em 1992, Bielsa dirigiu o Newell's, vice-campeão da Libertadores contra o São Paulo. Em 1997, levou 5 a 1 do mesmo São Paulo, no Morumbi. O Vélez que dirigia à época era muito inferior ao velho Newell's.
Questionado se o São Paulo de 1997 era igual ao que venceu o Newell's, reagiu violentamente. O repórter era eu. Bielsa parecia um louco. Não é.

O APELIDO

Elias Perugino, da revista "El Gráfico", conta que o apelido El Loco vem de quando dirigia a base do Newell's. Era louco por passar os dias estudando todos os rivais.

CONTRA O BRASIL

Pela Argentina, Bielsa pegou o Brasil sete vezes. Venceu duas, perdeu quatro e empatou uma. Estava na final da Copa América de 2004. Pelo Chile, jogou duas vezes e perdeu as duas.

29/09

“Como era previsto”, Tostão

Nos contra-ataques e na jogada aérea, a seleção brasileira definiu a partida contra o Chile

Antes de a bola rolar, vejo no telão do estádio os jogadores no túnel se preparando para entrar em campo.
O que sente um atleta nesse momento decisivo e importante de sua carreira? Medo, principalmente. Medo de dar errado. Por causa da ansiedade, aumenta a transpiração, o batimento cardíaco, o rosto se contrai, e o jogador vai várias vezes ao banheiro para urinar de medo.
Antes de entrar em campo, como os jogadores dos dois times estão lado a lado, alguns não resistem e olham para os adversários, em uma mistura de curiosidade e apreensão.
É famosa a cena do filme da Copa de 1994, com Roberto Baggio olhando para Romário. Baggio deve ter pensado: "Como joga esse baixinho".
Gosto de assistir à partida em silêncio. De vez em quando, anoto alguma coisa. No final do jogo, tento explicar o inexplicável. Nenhum texto é suficiente para compreender a partida. Como na vida, o jogo de futebol tem muitos acasos, mistérios e estranhezas. Além disso, como dizia o filósofo Garrincha, o problema é que nada foi combinado com o adversário.
Tudo o que ocorreu no jogo era o mais esperado. Foi uma repetição das duas vitórias anteriores do Brasil sobre o Chile.
O time chileno foi para o ataque, como era previsto, e o Brasil, como também era previsto, em dois belos lances de contra- -ataque e em uma jogada pelo alto, de escanteio, definiu a partida.
O goleiro do Chile tem apenas 1,83 m, e o outro mais alto mede 1,81 m. É uma equipe muito baixa para enfrentar os grandalhões da seleção brasileira.
Nessa partida, o Brasil mostrou suas três grandes virtudes: o contra-ataque, a grande qualidade de seus defensores e a jogada aérea.
Todos atuaram bem, principalmente Lúcio e Juan, dois monstros, como disse Paulo Cobos. Daniel Alves, que tinha jogado mal contra Portugal, mostrou, ao lado de Kaká e Robinho, que tem mais talento do que Elano. Ramires também jogou bem, mas está suspenso no próximo jogo.
Brasil e Holanda farão um jogo igual. Qualquer resultado será normal.
A vantagem do Brasil é ter mais tradição. Isso aumenta a pressão para vencer. É positivo. Se o Brasil perder, será uma tragédia para o torcedor brasileiro. Se a Holanda perder, no máximo, vai diminuir o consumo da cerveja.

“Estilo Dunga”, Paulo Vinicius Coelho

O primeiro contra-ataque surgiu aos 4min e, para quem tinha dúvidas se seria imprudência o Chile atacar o Brasil, ficou a certeza: era imprudente mesmo.
Mas Bielsa lançou Isla e Sánchez no setor de Michel Bastos, que deu conta do recado. Marcou por pressão, e Ramires e Gilberto Silva fizeram a preocupação com a saída de bola parecer susto de torcedor. De tão preciso, o passe na defesa chegava a Kaká e a Robinho. Virava contra-ataque.
Luis Fabiano desperdiçou aos 4min, mas eles continuaram aparecendo. O primeiro tempo teve saídas em velocidade para todos os gostos. Pela esquerda, com Kaká em largas arrancadas de que só ele é capaz.
O passe cioso na defesa era um pouco afoito no ataque. Pois da defesa Ramires abriu o jogo para Maicon cruzar, e a bola, desviada, resultou em um escanteio. Não importa que as bolas paradas sejam responsáveis por apenas 22% dos gols do time de Dunga. Juan escorou de cabeça o cruzamento de Maicon e marcou seu sétimo gol pela seleção, o quarto contra os chilenos.
Era a senha para atrair um pouco mais a equipe de Bielsa, colocar ainda mais velocidade no jogo.
Quando, aos 37min, o contra-ataque nasceu de novo para o Brasil, Bielsa deu um salto à frente de seu banco de reservas. Saltou mais alto do que fazia Dunga a cada passe errado contra Portugal. Bielsa sabia que as arrancadas do Brasil muitas vezes acabam em gol. Kaká deu o último toque para Luis Fabiano e se tornou o líder de assistências da Copa, com três, ao lado do alemão Thomas Müller.
E o contra-ataque voltou a ser o item que mais gols dá à seleção quando Ramires roubou a bola e a entregou para Robinho fazer seu primeiro gol em Copas do Mundo. São 125 gols com Dunga. São 41 contra-atacando.

POSIÇÕES

A maioria dos contra-ataques de Kaká foi pela esquerda. Deram certo as inversões de Robinho, Daniel Alves e Kaká. A saída de bola foi precisa, fosse com Ramires, Gilberto Silva ou Michel Bastos.

A HOLANDA

Com mais posse de bola que o Brasil, vai oferecer a mesma velocidade que o Chile deu. É difícil parar o Brasil em alta velocidade, mas Robben e Sneijder preocupam.

“Fácil ao extremo”, Juca Kfouri

O Brasil transformou um jogo que estava chato em uma aula de futebol aos chilenos

O jogo já tinha passado de meia hora e não acontecia quase nada, a ponto de algumas vaias serem ouvidas no Ellis Park, em noite de temperatura civilizada. Então Maicon cobrou bem o escanteio pela direita, e Lúcio, que já dava sinais de impaciência, protegeu bem os companheiros, como se fosse um pivô no garrafão de basquete. Juan pôde subir dois andares com tranquilidade para abrir o marcador.

Até ali, quase nada tinha acontecido, porque os brasileiros se limitavam a neutralizar o falso domínio chileno, de muita perfumaria e com uma incrível capacidade de complicar o fácil, de tentar sempre o mais difícil, apesar da movimentação interessante e incessante. Foi só acontecer o primeiro gol para os comandados de Loco Bielsa enlouquecerem e se mandarem todos à frente.

O lateral direito, por exemplo, saiu em desabalada carreira para receber uma bola na frente, pela extremidade do campo. Mas o lançamento foi pelo meio, e a defesa brasileira cortou com facilidade para armar o contra-ataque exatamente nas costas de quem não estava mais marcando por esse lado da defesa chilena. Robinho recebeu livre e passou para Kaká entregar, com perfeição, para Luis Fabiano ampliar.

Fácil, extremamente fácil. Para quem sabe, é claro, coisa que os chilenos não conseguem aprender porque o talento não é igual para todos, dessas coisas da natureza mesmo.

Em bom português, ou até mesmo em bom espanhol, o jogo acabou ali, sem choro nem vela.

E o segundo tempo foi um passeio para pensar na Holanda, jogo tradicionalmente difícil e bonito, com uma vitória holandesa na Copa de 74 e duas brasileiras, nas de 94 e 98, nesta última nos pênaltis, de maneira dramática. Passeio que ainda teve direito ao terceiro gol, de Robinho, ao receber passe de Ramires, dos melhores em campo, ao lado de Lúcio e, justiça se faça, Gilberto Silva, principalmente pelo começo do jogo, quando pôs ordem na casa. Pena que Ramires tenha tomado um segundo cartão amarelo desnecessário e não possa estar a postos para enfrentar os holandeses.

Os laranjas vêm aí na sexta-feira, em Port Elizabeth, reforçados pelo talento de Robben, que já deu o ar de sua graça contra a Eslováquia, bem coadjuvado por Sneijder. Que venham! Mas com calma, de preferência...

“Me mata! Me mata!”, José Simão

E o Maradona manda avisar que aquele monte de beijo no Messi é só BEIJO TÉCNICO!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! Direto da Cópula do Mundo!
Começou o inferno! O mata-mata! ME MATA! ME MATA! Ganhamos! Alívio! O Dunga podia tomar um cartão vermelho, e a gente ia pra próxima sem ele! Rarará!
E o Maradona manda avisar que aquele monte de beijo que ele dá no Messi é só BEIJO TÉCNICO! E o Galvão não transmite mais, faz "stand-up comedy"! E diz que o Chile é um saco. Porque fica embaixo do Peru! Rarará!
E o Kaká tá virando "bad boy"! Quando criança, ele roubou dois brigadeiros antes de cantar parabéns. Crime hediondo. E olhou para as pernas duma mulher na rua! Cartão vermelho! Rarará!
E pior que o Galvão durante o jogo é o Galvão entrevistando aquele monte de vó.
E essa: "Ramires não pega a Holanda". Mas pega as holandesas! E agora a Holanda. Vamos pegar a turma da van: Van der Wiel, Van Bommel, Van Persie, Van Bronckhorst. Vampeta, Van Damme e Vanderléa. Rarará.
A Holanda, os laranjas. Vai ser time de laranjas? Ótimo. Se tem uma coisa de que o Brasil entende, é de laranja!
E o Kaká passou o jogo inteiro com as mãos pra cima. Não sei se era pra não ser expulso ou se tava orando mesmo!
E ainda bem que o Felipe Melo não jogou. Ele não faz falta. Ele SÓ faz falta. O "Kibeloco" disse que o Felipe Melo não nasceu, foi expulso. E, quando transa, ele não usa camisinha, usa caneleira! Rarará!
O Chile jogou com o time errado. A verdadeira seleção do Chile: Concha y Toro, Rojas, Merlot, Malbec, Cabernet, Pinot Noir e Santa Helena!
Veja o que abre e o que fecha durante o jogo do Brasil: a boca do Galvão e a porta de geladeira.
O Galvão ficou rouco de vez. Parece que tem uma ninhada de rottweiller na garganta do Galvão. E tá sendo lançada uma nova campanha: Troca de óculos, Galvão!
E, no meio da Copa, aparece um cara no fórum: o marido da minha amante é corintiano. Rarará!
E o site sensacionalista revela: Fifa libera uso de cão-guia e bengalas para os juízes. Para o trio de arbitrariedades. Quem vai apitar a próxima Copa é o Stevie Wonder! Rarará! Nóis sofre, mas nóis goza. Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

02/07

“Prosa e poesia”, Tostão

Brasil e Holanda, com histórias de futebol bonito, estão hoje mais para a prosa do que para a poesia

Cruyff, ao falar que não paga para ver o Brasil jogar, não quis dizer que a seleção brasileira não é melhor que os outros principais adversários. Ele quis enfatizar, de seu jeito polêmico, que o Brasil não joga mais o futebol de poesia que o cineasta Pasolini escreveu após a Copa de 1970.
Ninguém joga. A Espanha é a exceção, com sua bonita troca de passes. Porém a seleção espanhola tem criado poucas chances de gol. Só quer fazer gol bonito. Feio é não fazer o gol, já disse o filósofo Dadá Maravilha.
Brasil e Holanda, que têm histórias de jogar um futebol bonito e ofensivo, estão hoje mais para a prosa do que para a poesia.
Isso não significa que não existam momentos excepcionais. Os gols de contra-ataque do Brasil, os lances desconcertantes de Robinho, os desarmes de Lúcio e Juan, as arrancadas de Maicon e Kaká, os passes inteligentes de Sneijder e os dribles e finalizações de Robben são também lances lindos e de muito talento. Quem tem talento joga bonito.
A Holanda atua com quatro defensores, dois volantes, um meia de ligação, dois jogadores pelos lados, que defendem e atacam, e um centroavante. É o esquema da moda (4-2-3-1). Podem dizer também que são três atacantes. Seria um 4-2-1-3.
Quando Robben driblar da direita para o meio, Juan ou um dos volantes brasileiros têm de impedir que ele finalize com a perna esquerda.
O Brasil atua com quatro defensores, dois volantes, um armador pela direita, que marca e ataca, um meia de ligação, um centroavante e Robinho, que às vezes volta para marcar, pela esquerda.
Uma das qualidades ofensivas da equipe é ter dois jogadores velozes (Kaká e Robinho), que se movimentam por todo o ataque. Isso confunde a marcação. Os dois e Luis Fabiano formam um excelente trio de atacantes. Seria um 4-3-3.
Uma das diferenças das duas seleções é que os laterais brasileiros avançam muito mais. Outra é que os dois volantes da Holanda, Van Bommel e De Jong, marcam e se aproximam dos quatro mais adiantados. Já os volantes do Brasil, Felipe Melo e Gilberto Silva, raramente chegam à frente. A Holanda deixa mais espaços entre os volantes e os zagueiros do que o Brasil.
Deve ser um jogo equilibrado. O Brasil, pela tradição e por sofrer maior pressão para vencer, leva uma pequena vantagem.

“A Holanda do dia”, Juca Kfouri

Há sempre jogadores na equipe laranja para povoar os pesadelos dos brasileiros

Primeiro foi Johan Cruyff, em 1974, que liderou a Laranja Mecânica na vitória por 2 a 0 na Copa da Alemanha e condenou a seleção brasileira do surpreso Zagallo à disputa do terceiro lugar, que virou quarto, contra a Polônia.
Então, a Holanda era mesmo melhor, embora tenha entrado em campo com tal respeito ao time brasileiro que, no primeiro tempo, por pouco, não levou dois gols dos pés de Jairzinho e Paulo César Caju. No segundo, ao perceber que o bicho não era tão feio, deu um baile no time canarinho.
Depois, em 1994, nos Estados Unidos, a preocupação atendia pelo nome de Marc Overmars, um ponta arisco que infernizaria, temia-se, a vida de Branco, substituto de Leonardo e fora de suas melhores condições físicas.
Pois Branco usou de sua experiência e, pelos atalhos do gramado, não só evitou maiores problemas como, ainda por cima, fez o gol da vitória brasileira por 3 a 2, em inesquecível cobrança de falta.
Finalmente, em 1998, na França, mais até mesmo que algum holandês, a presença de Zé Carlos no time brasileiro, em substituição a Cafu, era prenúncio de que Zenden pintaria e bordaria pelo lado dele, um lateral direito cuja maior habilidade era imitar os mais variados animais, de cães a vacas.
O resultado foi um empate em 1 a 1 que levou aos pênaltis vencidos pelos brasileiros.
Agora não teremos Elano, e o temor é o que Robben poderá fazer de Michel Bastos, sem dizer que o brilhante Sneijder é também motivo de preocupação.
Na verdade, a seleção de Dunga, que já há de saber exatamente como evitar maiores liberdades aos dois astros holandeses, tem hoje seu primeiro grande jogo nesta Copa na África do Sul.
E, se passar, como é de se apostar com cautela, terá o segundo apenas na finalíssima, porque o jogo da semifinal só será perigoso por ser de futebol e dessa importância, mas nem nosso velho conhecido Uruguai nem Gana podem enfrentar o Brasil de igual para igual.
Sobre Elano, é bom que se diga que fará falta sim, por ser desses jogadores cujo desempenho na seleção é melhor do que no clube e por parecer iluminado no começo desta Copa, luz que se apagou diante da demora de se fazer o diagnóstico correto da contusão que o vitimou.

“**O modelo é a Inter”, Paulo Vinicius Coelho**

Não trate o Brasil como um time defensivo só porque adora fazer gols de contra- -ataque. Nem pense na Holanda como candidata a fazer uma retranca norte-coreana só porque sua torcida reclama do pragmatismo de seu técnico.
Mais certa é a definição de Juan: "Eles têm um time que gosta da bola, assim como o nosso". A Holanda teve mais de 50% da posse de bola em três dos quatro jogos. É de imaginar que o Brasil tenha espaço para contra-atacar, como contra o Chile.
Quando estiver sem a bola, há dois jogadores fundamentais para marcar. O primeiro, Sneijder, é companheiro de Maicon, Júlio César e Lúcio na Inter de Milão, campeã da Europa sobre o Bayern, de Robben, o outro craque a ser anulado.
Na final de Madri, em 22 de maio, Robben pouco tocou na bola. A marcação da Inter era feita pelo lateral romeno Chivu, com cobertura do volante argentino Cambiasso.
Robben tinha a ajuda do lateral Lahm, marcado pelo atacante Pandev, que fazia função similar à de Robinho no Brasil. Voltava do ataque para completar o meio- -campo pelo lado esquerdo.
Na Holanda, Van der Wiel, o lateral, apoia menos do que Lahm, o que pode exigir menos dedicação de Robinho à marcação.
Com Robben, o trabalho tem de ser igual ao da Inter. Michel Bastos dá o primeiro combate, lembrando de que o ponto forte do astro holandês é o drible para dentro, para preparar o chute de pé esquerdo.
Se tiver espaço para levar a bola até a linha de fundo, para cruzar de direita, Robben ameaça menos. Mas Felipe Melo tem de fazer a cobertura.
A diferença da final da Copa dos Campeões? O Bayern de Robben foi vencido com marcação perfeita. Mas com passe para gol oferecido por Sneijder, o outro perigo holandês.

NÃO É SÓ ELE

Maicon já disse que o problema da Holanda não é só Sneijder -dois gols e uma assistência na Copa. Marcá-lo é importante, mas fundamental é o Brasil impor seu estilo.

OUTRO LADO

Robinho jogará na faixa do lateral direito Van der Wiel, que não tem ido bem. Kaká incomodará os pesados Van Bommel e De Jong. Maicon será marcado por Kuyt e pode atacar Van Bronckhorst, 35.

“Ueba! Abre a boca, Galvão”, José Simão

E desculpe o trocadilho, mas hoje a gente Holanda pra frente ou Holanda pra trás?

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! Direto da Cópula do Mundo! Rumo ao Équissa!
É hoje! Me segura que eu vou ter um calipso cardaico! Vou morrer de morte súbita!
Vamos chupar dez laranjas mecânicas! Um amigo me disse que hoje ele vai comer uma torta holandesa e DEZ HOLANDESAS TORTAS! Rarará!
Acorda! Que lá vem o Galvão com cara de pão na chapa! O duro de o jogo ser às 11h é acordar com o Galvão. Melhor acordar que dormir com o Galvão. Rarará!
E sabe por que Portugal voltou pra casa? Pro Cristiano Ronaldo se depilar! Rarará.
Brasil contra Holanda. O grande perigo desse jogo é o bolão da Ana Maria Braga. Os dez primeiros que acertarem o placar ganham um livro DA AUTORIA DELA! Socorro! O bolão da Ana Maria Braga é mais perigoso que o Robben!
Meu palpite é que vamos ganhar de meio a zero! Tá de bom tamanho?
Hoje é dia de o Galvão ficar perguntando: "Tá de bom tamanho?". "Arnaldo, tá de bom tamanho?" "Tá, mas quando eu apitava em 65... a regra era clara." "Falcão, tá de bom tamanho?" "Quando eu jogava na Roma em 52..." O Falcão parece o Museu da Imagem e do Som. "Casagrande, tá de bom tamanho?" "AHNNN? EHRRR! UHN?!" Rarará!
E o Elano não joga! As coroas estão de luto. Tem um fã clube de coroas loucas pra dar pro Elano. Dizem que ele parece o Sean Penn.
E hoje o Galvão entra em erupção. Vai gritar mais que Tarzan no cio querendo comer a Chita! Eu vou criar a campanha Abre a Boca, Galvão! Quero muitos goools!
Seleção dos peladeiros! Sugestão de leitor pro Dunga ter o hexa garantido. Seleção da Cooperativa Agrícola de Cotia! Gol: Bueiro. Zaga: Coça Coça, Tatu e Rendido. Meio-campo: Freada, Tira Zica, Xuxu e Cueca com Zíper. Ataque: PAÇOCA E COMI O PAÇOCA! Rarará. Com esse ataque, hexa e herpes garantidos.
E desculpe o trocadilho, mas hoje a gente Holanda pra frente ou Holanda pra trás? Rarará.
Nóis sofre, mas nóis goza. Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno.
E força na vuvuzela. Sopra com carinho!
Viva o Brasil!

03/07

“Era Dunga. Foi Sneijder”

Perder faz parte, mas para quem sabe ganhar. Quem não sabe acha que perder é igual a morrer

O Brasil fora da Copa do Mundo. Volta para casa mais cedo do que se previa e era razoável imaginar. E num 2 a 1 injusto, pelo primeiro tempo, com pênalti não dado em Kaká e bela atuação.
Derrotado por uma boa seleção, diga-se com todas as letras, embora menos que outras laranjas.
Que fique claro que não há desonra alguma em ser eliminado como foi a seleção de Dunga. E que os brasileiros não têm a obrigação de ganhar todas as Copas que disputam. Se ganharem uma a cada três, estará de bom tamanho. E a próxima, a 20ª, no Brasil, tem a cara do hexacampeonato, o que permitirá quase atingir tal média.
E que fique claro, também, que Dunga deixa registrada sua passagem pela seleção com um saldo muito mais positivo do que negativo, coisa com a qual ele mesmo não concordará, porque falhou ao faltarem apenas três passos para a consagração.
E diante da primeira equipe, digamos, se não do tamanho da brasileira, em vias de chegar lá. Ruim, para quem gosta de futebol bem jogado, é perder jogando como jogou a seleção nesta Copa africana, com pouca coisa a ver com o estilo brasileiro de jogar.
E aí, para quem só vê resultados, é inescapável: Dunga fracassou, apesar de todos os ótimos resultados que obteve exatamente até ontem, quando, para ser coerente com ele mesmo, que não vê nem passado nem futuro no futebol, o presente morreu. Acabou.
O pior, ou o melhor, é que o futebol agradece a derrota de um estilo que não é o nosso. E que ninguém venha com história de saudosismo. O que me fez gostar de futebol tem muito mais a ver com a Holanda de Robben e Sneijder do que com este Brasil. Mas, quando eu era criança, também gostava mais de chocolate do que gosto hoje, embora continue a gostar e constate, sem pesar, que o chocolate de hoje é melhor do que o da infância.
Já este futebol brasileiro não é. E eu quero aquele. Um romântico talvez nos desse. O pragmático não deu. Que Dunga seja feliz, do alto de sua aprovação popular, provavelmente na Europa, como Sebastião Lazaroni, talvez mais delicado em italiano, principalmente se tiver a humildade de fazer uma terapia para finalmente cicatrizar a injusta ferida da era Dunga. Porque foi Robben. E Sneijder.

“Brasil eliminado”, Tostão

Desta vez não havia Zidane, mas Sneijder e Robben. Não é só o Brasil que tem craques

O Brasil fez o melhor primeiro tempo e o pior segundo tempo da Copa. No primeiro, poderia ter feito mais de um gol. No segundo, quando perdia por 2 a 1, foi todo para a frente, e a Holanda teve mais chances de fazer o terceiro que o Brasil de empatar.
O Brasil, que, durante os quatro anos sob o comando de Dunga, fez um grande número de gols em jogadas aéreas, levou dois gols nesse tipo de lance.
O Brasil, que, durante quatro anos, procurou um lateral esquerdo, levou dois gols em jogadas que se iniciaram por esse setor.
O Brasil, que sempre teve um armador pela direita para ajudar Maicon (Elano ou Daniel Alves), nunca teve um armador pela esquerda para ajudar Michel Bastos. Desse lado, começaram as duas jogadas dos gols holandeses.
O Brasil, que tinha uma grande preocupação com as faltas violentas e com as expulsões de Felipe Melo, teve o jogador expulso quando o time perdia e precisava reagir. O atleta de Cristo Felipe Melo, que deu um excelente passe para o gol do Brasil, escreveu em seu Twitter, na véspera da partida: "O melhor de Deus ainda esta por vir. Creiam". Deus não gosta de jogador violento.
Foi uma repetição da Copa do Mundo de 2006, quando o Brasil foi eliminado nas quartas de final pela França. Lembro que, na época, assisti à partida ao lado de Clóvis Rossi, perplexo com a atuação de Zidane. Desta vez não havia Zidane, mas havia Sneijder e Robben. Não é só o Brasil que tem craques.
Dunga disse, após o jogo, que trocou Luis Fabiano por Nilmar para aproveitar sua velocidade. No momento em que o Brasil perdia e tinha de pressionar e usar as jogadas aéreas, seria muito melhor um ótimo cabeceador do que um velocista.
As virtudes do Brasil, bastante conhecidas antes da partida, como o excelente contra-ataque, as jogadas aéreas e a qualidade de seu goleiro (que falhou no gol) e de seus defensores, não acabaram por causa de uma derrota. As deficiências do Brasil, como a falta de mais talento na lateral esquerda e no meio-campo e o despreparo emocional de Felipe Melo para disputar uma Copa, ficaram ainda mais evidentes.
Como em 2006, o Brasil foi eliminado por um time de mesmo nível técnico. Não houve surpresa. Temos de valorizar o adversário. Precisamos terminar com a nossa prepotência de achar que o Brasil é sempre melhor.

“Faltou o Brasil”, Paulo Vinicius Coelho

A imagem de Dunga irritado à beira do campo de Durban, no empate contra Portugal, bem poderia ser revista na derrota de Port Elizabeth. O Brasil não conseguiu fazer o que mais marcou seu estilo em quase cem anos de seleção: toque de bola.
Quando o jogo começou, forte, o Brasil respondeu. Dividiu, estremeceu, contra- -atacou. E, num passe lindo de Felipe Melo, fez 1 a 0. Jogada de posse de bola.
O Brasil esteve 53% do tempo com a bola no pé no primeiro tempo. Mas do jeito errado, com passes trocados na defesa que rodavam de Lúcio para Juan, de Juan para Michel Bastos, para Felipe Melo. Quando a bola chegava a Kaká, Robinho, Daniel Alves e Luis Fabiano, o time apressava o ritmo. Queria velocidade.
O jogo não queria. Quando a Holanda articulou mais passes no campo ofensivo, era preciso trocar passes no ataque. Parar a bola, tirar a velocidade do jogo. Lembra do Ganso contra o Santo André? O Brasil não conseguiu fazer isso.
O Brasil do contra-ataque precisava do toque, da cadência, do drible. Não tinha.
A Holanda, sim. Sneijder, dono do jogo e do Mundial até agora, desapareceu no primeiro tempo, marcado por Gilberto Silva. Reapareceu buscando o jogo pelos lados, na segunda etapa.
Foi ele quem recebeu de Robben e fez o cruzamento que o ponta não conseguia fazer. O melhor goleiro do mundo e o melhor exemplo do que Bert van Marwijk, técnico holandês, chamou de "arrogância positiva" falhou. Ele e Felipe Melo.
O jogo exigia toque de bola. Dunga olhou para o banco e descobriu o óbvio: que os reservas não ofereciam a ele essa opção. Faltou mexer a cabeça negativamente, como fez contra Portugal. Após a eliminação, não adianta fazer isso olhando para o campo. Talvez olhando para o espelho.

A DOSE CERTA
O time de Dunga não era só contra-ataque. Gostava de jogar com a bola na maioria dos jogos. Ontem, não conseguiu. Como dito na convocação, faltou alguém no banco que mudasse o ritmo do jogo.

RIVAL DE MESSI
É a melhor Holanda da história -ao menos, a primeira a ir às semifinais só com vitórias. Sneijder é o melhor jogador da Copa e vai lutar com Messi pelo prêmio da Fifa.

“Dunga burro!”, José Simão

Após a passagem do Dunga pela África, incluirão mula sem cabeça em safári. Com direito a atirar!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! Direto da Cópula do Mundo!
Dunga burro! O estábulo do Dunga caiu! Vou enfiar uma vuvuzela no fiofó do Dunga! Rarará.
E chute agora é "dar um felipe melo"! Vou te dar um felipe melo. PAHN! Dê um felipe melo no seu melhor amigo.
E já tão dizendo que o Felipe Melo vai passar férias no sítio do Bruno do Flamengo! Rarará!
O Felipe pisou na bola e no holandês! Felipe Melo na hora de transar não usa camisinha, usa caneleira!
E o William Bonner no "Jornal Nacional": "Onde está você, Fátima Bernardes?". "No aeroporto, na fila do check-in." Rarará!
E o Kaká? Cadê o exército do Senhor? Seleção sem o Kaká é um Kokô. E seleção com o Kaká é uma Káka! Rarará.
E o Galvão Urubueno? Rouco, rouco! Parecia a Foca da Disney. Cruzamento de Pato Donald com a Foca da Disney! Rarará!
Jogador brasileiro é mimado. O adversário rouba a bola, e eles ficam dando piti! Batendo o pé! E o Júlio César? Eu já disse que o melhor goleiro do mundo é a cueca: segura um atacante e duas bolas!
Viramos laranjada! E o Twitter explodiu logo após o jogo. Em vez de derrubar a Holanda, o Dunga derrubou o Twitter! Rarará! E depois da passagem do Dunga pela África, eles vão incluir MULA SEM CABEÇA em safári. Com direito a atirar!
Dunga, cadê o meu feriado de terça-feira? E a famosa trinca do Dunga? Dunga vai de trinca. A trinca trincou! Rarará! Perdemos pro time da Van: Van der Wiel, Van Bommel e Van Persie. Agora vamos pro aeroporto de VAN! Rarará! E o Felipe MELOU a Copa! Devia tá no vale-tudo!
E hoje ainda temos a AAAARGH...ENTINA! Guentar o MALAdona pulando na beira do campo. Parecendo um panda com artrose!
E corre na internet a verdadeira seleção da Argentina. Hoje, a Argentina entra em campo com Maricones, Boludo, Quilmes e Chorizo. Alfajor, Tango, Perón e Verón. Palermo, Panaco e Babaco! Técnico: Mano de Diós!
E avisa pro povo do "Pânico" que não é mais antônio nunes, é felipe melo. Feeeeelipe Meeeelo. PÁ!
Nóis sofre, mas nóis goza. Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno.